UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Lucas Toledo Gonçalves

FUTEBOL E DITADURA NA AMÉRICA DO SUL: Representações do uso político do esporte na série *Memórias do Chumbo – O Futebol nos Tempos do Condor* (Brasil, 1964 – 1978)

SÃO JOÃO DEL-REI

2016

LUCAS TOLEDO GONÇALVES

FUTEBOL E DITADURA NA AMÉRICA DO SUL: Representações do uso político do esporte na série *Memórias do Chumbo – O Futebol nos Tempos do Condor* (Brasil, 1964 – 1978)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de São João del-Rei como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Euclides de Freitas Couto

Co-Orientadora: Prof. Dra. Cássia Rita Louro Palha

SÃO JOÃO DEL-REI

2016

Ficha catalográfica elaborada pelo Setor de Processamento Técnico da Divisão de Biblioteca da UFSJ

Gonçalves, Lucas Toledo
G635f Futebol e ditadura na América do Sul: representações do uso político do esporte na série Memórias do Chumbo - O futebol nos tempos do condor (Brasil, 1964-1978) [manuscrito] / Lucas Toledo Gonçalves . – 2016.
190f. ; il.

Orientador: Euclides de Freitas Couto.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de São João del-Rei. Departamento de Ciências Sociais, Políticas e Jurídicas.

Referências: f. 191-198.

1. Futebol 2. Ditadura 3. Documentário 4. Política I. Couto, Euclides de Freitas (orientador) II. Universidade Federal de São João del- Rei. Departamento de Ciências Sociais, Políticas e Jurídicas III. Título

CDU 981:796.332.000.32

AGRADECIMENTOS

Ao longo dos dois últimos anos tive o prazer de conhecer e conviver com pessoas que, além de incríveis, foram muito importantes para que eu concluísse esta pesquisa. Agradecer-lhes é o mínimo que eu posso fazer diante do que elas, cada qual de forma particular, fizeram por mim.

Agradeço primeiramente a Deus. Sempre. Pois, se em alguns momentos desistir e abandonar a vida acadêmica me pareceu a solução mais rápida e fácil, a perseverança e a fé em Deus foram as forças às quais eu recorri e me apeguei, para continuar a construir o meu futuro, e em especial à Paróquia de São João Dom Bosco, pela acolhida.

Aos meus pais por tudo o que eu sou e por tudo o que me ensinaram. Completar esta importante etapa não seria possível sem o esforço e a dedicação de vocês.

À minha mãe, por tudo. Por ser meu maior exemplo de amor, caráter, dignidade e persistência. Por me ensinar que amar e cuidar do próximo são os maiores valores que o ser humano pode ter, e por estar ao meu lado me acolhendo em todos os momentos da minha vida. Faltam-me palavras para lhe agradecer, por ser essa pessoa maravilhosa, a melhor que eu conheço. Obrigado pelo apoio incondicional de sempre.

Ao meu pai, pelos exemplos de bondade, dedicação e por me mostrar que o caminho pode ser menos árduo quando há comprometimento e responsabilidade. Obrigado por entender e respeitar minhas escolhas e muito obrigado por me fazer gostar de futebol, e por ser o responsável pelos meus primeiros chutes e gols. Se não segui o gosto pelo seu time, saiba que foi por você que eu aprendi a respeitá-lo.

Ao Moacir, pela presença e pelo bom humor de sempre. Obrigado por tornar as coisas mais fáceis e por estar sempre disposto a ajudar. A maneira como você chegou, e conquistou seu espaço na minha vida e na vida da minha família, fez com que nós conhecêssemos o verdadeiro sentido do afeto e do cuidado.

Lorena, você certamente é merecedora de muitas outras linhas de agradecimento. Por ora, saiba que ter dividido a minha rotina com você nesses últimos anos foi, sem dúvida, uma das melhores experiências da minha vida. Obrigado pelo carinho, pela paciência e por ter feito desses dias momentos muito agradáveis e divertidos. Saber que meus tênis e minhas roupas não poderão ficar mais espalhados pela casa e pelo sofá me causa um pouco de desconforto.

À Linda, meu amor, minha amiga, minha companheira e motivo dos meus melhores sorrisos, obrigado por estar ao meu lado e por ter tido paciência, compreensão, sabedoria, e de apoiar-me e ajudar-me nos momentos de estresse e tensão. Obrigado por dividir comigo sonhos e projetar futuros, e por ser fonte de inspiração e aprendizagem sobre como valorizar as coisas boas da vida. Obrigado por me ter dado o seu melhor, quando o que eu pude te oferecer, por vezes, não fora o suficiente.

Aos meus avós Lígia e Mimi, pela preocupação e por me ter colocado sempre em suas orações. Jamais vou esquecer o apoio e o orgulho com que vocês falam sobre o neto que quer ser professor.

À Universidade Federal de São João Del-Rei e ao Programa de Pós Graduação em História, pelo espaço e por me terem oferecido as melhores condições para a minha formação acadêmica. A todos os mestres, doutores, funcionários e colegas de turma, pelas discussões e pelo aprendizado.

Agradeço, de forma especial, ao Prof. Euclides, o atleticano mais boa praça que eu conheço, e a quem ouso chamar de amigo e camarada. Referência de profissionalismo e comprometimento. Obrigado por ter sido mais que orientador e suporte ao longo dessa caminhada. O convívio, as experiências e as informações apreendidas durante as orientações foram vitais para a conclusão deste trabalho. A disponibilidade e a atenção de sempre foram determinantes e saiba que eu as valorizei e valorizo muito. Foi uma honra e um prazer enorme, mestre.

Não poderia deixar de agradecer à Prof.ª. Cássia, cuja atenção e assistência, desde os tempos da graduação, foram de enorme valia. Muito obrigado pelas sugestões e por ter contribuído com sua experiência e seus conhecimentos. Sem eles eu não teria chegado ao resultado e à satisfação que obtive.

Tantos outros foram igualmente importantes. Agradeço à Lidi, à tia Ana e ao Tio Albeny por deixarem a porta sempre aberta. À Tinana por ser uma pessoa iluminada e por torcer sempre por mim.

Aos amigos, por proporcionarem bons momentos de alegria e descontração. De forma especial, meu agradecimento ao Gabriel, que soube se fazer presente na ausência e mesmo de longe acompanhou o meu esforço. Suas leituras e opiniões me ajudaram muito. Ao Sérgio, amigo de longa data, com quem tenho o privilégio de compartilhar os anseios e os júbilos de historiador e da vida acadêmica. Que essa lealdade se perpetue.

Àqueles homens, quem quer que sejam, de onde quer que vieram e onde quer que viveram, por terem chutado uma bola e inventado o futebol.

Por fim, a um grupo de italianos que no século passado fizeram das Minas Gerais o seu lar, e sem presunção, deram origem ao glorioso Cruzeiro Esporte Clube. Motivo de paixão, orgulho e alegria que não conhece a razão e os limites da normalidade.

A todos o meu muito obrigado e bola para frente!

RESUMO

A presente dissertação analisa as representações do uso político do futebol durante a ditadura militar brasileira, pela ótica particular do filme documentário *Memórias do Chumbo – O Futebol nos Tempos do Condor / Brasil* (2012), uma produção da ESPN BRASIL e cujo autor foi Lúcio de Castro, historiador e jornalista da emissora. As análises estão circunscritas no marco temporal compreendido entre os anos de 1964 e 1978, período no qual as relações entre o esporte símbolo do povo brasileiro e o Estado estiveram mais interligadas. Nossas observações buscam elucidar as maneiras pelas quais a narrativa fílmica, sustentada pelas particularidades inerentes ao gênero documentário, abordaram as principais questões ligadas ao futebol, e como o esporte foi transformado em objeto de capitalização de apoio político para o regime.

O trabalho procura estabelecer que a obra analisada se constitua como uma nova narrativa histórica para o tema, e, tal como o filme, busca contribuir também com o resgate e preservação da memória referente à ditadura.

Palavras-chave: futebol, ditadura, documentário, política.

ABSTRACT

This dissertation analyzes the representations of political football use during the Brazilian military dictatorship by the particular perspective of the documentary film *Memórias do Chumbo – O Futebol nos Tempos do Condor / Brasil* (2012) , a production of ESPN BRAZIL and whose author was Lucio de Castro , historian and journalist of the issuer. The analyses had circumscribed in the timeframe between the years 1964 and 1978, during which the relationship between the sport symbol of the Brazilian people and the state were more interconnected. Our observations sought to elucidate about the ways in which the film narrative, supported by the peculiarities inherent to the documentary genre, addressed the main issues related to football, and how the sport became political support capitalization object to the regime.

This study seeks to establish that the film is considered as constituting a new historical narrative to the subject, and, like the film, we seek also to contribute to the rescue and preservation of memory regarding the dictatorship.

Keywords: football, dictatorship, documentary, politics.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	.....	12
CAPÍTULO I	**FUTEBOL E DITADURA NO BBRASIL: OS PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO E RESGATE DA MEMÓRIA SOB A ÓTICA DO CINEMA DOCUMENTÁRIO**	.....	30
1.1	FILMES DOCUMENTÁRIOS: REPRESENTAÇÕES DIRIGIDAS DA REALIDADE	.....	31
1.2	PERSPECTIVAS DA MEMÓRIA NOS FILMES DOCUMENTÁRIOS E A RELAÇÃO FUTEBOL E CINEMA	.....	41
1.2.1	PERSPECTIVAS DA MEMÓRIA NOS FILMES DOCUMENTÁRIOS	.....	42
1.2.2	A RELAÇÃO FUTEBOL E CINEMA	.....	51
CAPÍTULO II	**MEMÓRIAS DO CHUMBO – O FUTEBOL NOS TEMPOS DO CONDOR / BRASIL: AS POSSIBILIDADES DE ANÁLISE DO CAMPO FUTEBOLÍSTICO BRASILEIRO DURANTE O REGIME MILITAR NA OBRA DE LÚCIO DE CASTRO**	.....	61
2.1	SOBRE A FILIAÇÃO INSTITUCIONAL – ESPN BRASIL	.....	62
2.2	SOBRE O AUTOR – LÚCIO DE CASTRO	.....	72
2.3	MEMÓRIAS DO CHUMBO – O FUTEBOL NOS TEMPOS DO CONDOR / BRASIL EM DETALHES: ANÁLISE ACURADA DA OBRA	.....	84
2.3.1	OS BLOCOS NARRATIVOS E AS CENAS DE ABERTURA	.....	85
2.3.2	O CORPO DE PERSONAGENS	.....	95
2.3.3	A TRILHA SONORA	.....	101
2.3.4	O CONTEXTO E REPERCUSSÃO	.....	105
CAPÍTULO III	**FUTEBOL E DITADURA: A CAPITALIZAÇÃO POLÍTICA DO ESPORTE MAIS POPULAR DO BRASIL**	.....	108
3.1	DIÁLOGOS: ABORDAGENS DO USO POLÍTICO DO ESPORTE NO FILME MEMÓRIAS DO CHUMBO – O FUTEBOL NOS TEMPOS DO CONDOR / BRASIL E NA BIBLIOGRAFIA VIGENTE	.....	110
3.2	APROPRIAÇÃO POLÍTICA DO FUTEBOL: UMA HERANÇA VARGUISTA	.....	114
3.3	COPA DO MUNDO DE 1966: O CIRCO POLÍTICO DOS MILITARES E O FRACASSO ANUNCIADO NA TERRA DA RAINHA	.....	122
3.4	COPA DO MUNDO DE 1970: PRA FRENTE BRASIL E SALVE A SELEÇÃO	.....	130
3.4.1	DAS AREIAS BRASILEIRAS À ALTITUDE MEXICANA E O COMUNISMO CAMUFLADO DE JOÃO SALDANHA NA SELEÇÃO VERDE-AMARELA	.....	134

3.4.2	REPRESENTAÇÕES DO TRICAMPEONATO MUNDIAL E A PROPAGANDA OFICIAL DO REGIME: TODOS LIGADOS NA MESMA EMOÇÃO	.....	158
3.4.3	A ARTE DA GUERRA: AS ARTIMANHAS DOS MILITARES PARA FISCALIZAR A SELEÇÃO E A VERDADE REVELADA SOBRE O MAJOR GUARANYS	.....	163
3.5	A INVESTIGAÇÃO SOBRE PELÉ E HAVELANGE	.....	170
3.6	OS CAMPOS DO PROTESTO: O FUTEBOL COMO ESPAÇO DE MANIFESTAÇÕES SIMBÓLICAS DE OPOSIÇÃO À DITADURA	.....	177
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	.....	183
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	.....	189

LISTA DE TABELAS

Tabela 1:	Tipologias ideais de classificação dos filmes documentários quanto aos seus critérios de representação.	.....	36

LISTA DE FIGURAS

FIG. 1:	Cena de abertura na qual uma sombra humana é refletida sobre um arquivo aberto e documentos são exibidos ao fundo.	.....	88
FIG. 2:	Fotografias dispostas sobre a superfície do arquivo. Destaque para a foto (à direita) do presidente Médici erguendo a taça do tricampeonato mundial de futebol conquistado pela seleção brasileira, em 1970.	.....	88
FIG. 3:	"Memórias do Chumbo" escrito em máquina de escrever. Nome que veio a ser o título original da série de documentários.	.....	89
FIG. 4:	Imagem do tanque de guerra ao fundo. À frente e abaixo do tanque, o título completo da série de documentários: Memórias do Chumbo - O Futebol nos Tempos do Condor. A ação em movimento do tanque sobre o título sugere a persistência e o resgate das memórias do período, apesar da repressão.	.....	89
FIG. 5:	Imagem da tenista Maria Esther Bueno, e a referência à música Chega de Saudade de Tom Jobim.	.....	92
FIG. 6:	Momento do filme onde é reproduzido o discurso de Ernesto Che Guevara.	.....	94
FIG. 7:	Imagem congelada do momento em que o locutor anuncia - em voz over - o episódio da Operação Condor. O jornalista Luís Cláudio Cunha aparece no fim de um corredor escuro e caminha em direção à câmera, revelando gradativamente sua identidade, enquanto a intensidade luminosa aumenta no ambiente.	.....	100
FIG. 8:	Fotografia exibida durante a fala do jornalista Luís Cláudio Cunha que ilustra a citação ao jogador Didi Pedalada (à esquerda e em destaque), que esteve diretamente envolvido na Operação Condor revelada pelo documentário Memórias do Chumbo – O Futebol nos Tempos do Condor / Brasil.	.....	101
FIG. 9:	Imagem congelada do momento em que o	.....	111

documentário ilustra a delegação brasileira sendo recebida pelo então presidente Castello Branco. A seleção estava prestes a embarcar para a disputa da Copa do Mundo de 1966, na Inglaterra.

FIG. 10: Momento do filme onde são exibidos confrontos entre agentes da repressão e sociedade civil. 112

FIG. 11: Imagem do período de treinamentos que marcou a preparação brasileira para a Copa do Mundo de 1966, na Inglaterra. A consequência da desorganização foi o desempenho muito aquém do esperado. 128

FIG. 12: Jornais da época retratando o sistema de preparação para a Copa do Mundo de 1966 e a divisão dos jogadores em quatro selecionados diferentes. 129

FIG. 13: Pelé saindo de campo carregado durante a partida contra Portugal, válida pela terceira rodada da fase de grupos da Copa da Inglaterra. A seleção brasileira foi derrotada por 3 a 1 e amargou a eliminação precoce. 129

FIG. 14: O capitão da conquista de 1970 Carlos Alberto Torres erguendo a taça Jules Rimet no estádio Azteca. Brasileiros acompanharam a Copa pela primeira vez na televisão. Abaixo e à esquerda, a referência a música Sou Tricampeão, da banda Golden Boys. 131

FIG. 15: Jornais da época noticiaram o exílio para a Argélia de quarenta presos políticos brasileiros. O jornalista Cid Benjamin estava entre eles. 134

FIG. 16: Imagem do documento que revela o nome do torturador que esteve infiltrado na seleção brasileira durante a Copa do Mundo de 1970, no México: o major Roberto Câmara Ipiranga dos Guaranys. 138

FIG. 17: Trecho da entrevista de João Saldanha ao Jornal do Brasil na qual o ex-técnico da seleção prometera revelar o nome do agente da repressão na delegação brasileira. 138

FIG. 18: O presidente Médici recebe das mãos do capitão Carlos Alberto Torres a taça Jules Rimet, acompanhados, ao fundo, por uma multidão de brasileiros eufóricos pela conquista do tricampeonato. As aparições públicas de Médici junto à seleção foram comuns neste período. 161

FIG. 19: Momento em que a foto embaçada da delegação brasileira, que embarcou para o México, foi exibida. A deformidade na imagem sugere a aura de mistério em torno da identidade do major Guaranys que seria revelada, em seguida, pelo documentário. 165

FIG. 20: Momento em que a foto original da delegação brasileira, que viajou para o México, foi exibida. A nitidez da imagem sugere a revelação da identidade do major Guaranys anunciada pelo documentário. 167

FIG. 21: Documento exibido pelo documentário que ratifica a perseguição e vigilância sobre o então presidente da CBD João Havelange. 173

FIG. 22: Documento exibido pelo documentário que ratifica a perseguição e vigilância sobre o jogador Pelé. 174

FIG. 23: Imagem de Pelé como garoto propaganda. 174

FIG. 24: Documento exibido pelo documentário que ratifica a perseguição e vigilância sobre o jogador Afonsinho. 178

INTRODUÇÃO

Pensar a relação entre futebol e ditadura militar na América do Sul é compreender que o esporte é, em primeiro lugar, um importante fator de mobilização social e elemento imprescindível na cultura coletiva da região. A relação do povo sul-americano com o futebol apresenta-se, como íntima e passional. Desde que desembarcou das terras europeias, nas últimas décadas do século XIX, o esporte se constituiu como um dos fenômenos sociais mais abrangentes do continente, quiçá o maior[1]. Ao ser incorporado no imaginário coletivo, ele é capaz de atribuir fundamento e significado aos desejos e anseios da grande maioria da população de países como Argentina, Brasil, Chile e Uruguai. Nesses países, embora o futebol tenha sido disseminado entre os grupos mais elitizados da população nos primórdios do século XX, rapidamente chegou às camadas populares, se tornando um fenômeno de massa, um espetáculo capaz de promover grandes vínculos de solidariedade e de canalizar fluxo de emoção coletiva.

No Brasil, desde a década de 1930, o futebol é considerado um dos pilares dos discursos da identidade nacional, fortemente influenciado pela tradição freyriana da democracia racial[2]. A comoção dos brasileiros para com o esporte fez com que este se tornasse um dos maiores elementos simbólicos do país; o qual, através das conquistas em

---

[1] ALABARCES, Pablo. Fútbol y pátria: el fútbol y las narrativas de la nación en la Argentina. Buenos Aires: Prometeu Libros, 2008.

[2] ANTUNES. Fátima Martin Rodrigues Ferreira. Nelson Rodrigues e o dilema do homem brasileiro: vira-latas ou moleque genial. In: _____. *Com brasileiro não há quem possa*: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: UNESP, 2004.
A concepção de "democracia racial", de Gilberto Freyre, baseia-se na pluralidade de raças que integram o território nacional e que contribuíram, segundo o autor, para criar uma predisposição natural dos brasileiros para com a prática do futebol. Neste sentido, os jogadores nascidos no Brasil seriam dotados de características particulares e referentes a este conjunto de etnias que os dotariam de habilidades especiais, tais como a ginga e o drible. A noção freyriana de "democracia racial" foi adaptada, como nos mostrará o historiador Euclides Couto (2014) em *Da ditadura à ditadura:* uma história política do futebol brasileiro (1930 – 1978), por autores importantes que argumentaram sobre o esporte como elemento de construção de uma identidade coletiva brasileira, como Thomaz Mazzoni e Mario Filho.

campo futebolístico, se afirmou, evidentemente, como um bem nacional e cultural, capaz de sustentar discursos e oferecer possibilidades de capitalização.

Devido à grande penetração no imaginário coletivo de argentinos, brasileiros, chilenos e uruguaios, o campo futebolístico passou a encampar as disputas ideológicas entre diversos agentes sociais, servindo também como disseminador das políticas estatais, consolidando uma relação estabelecida pelo "uso político do esporte e o uso da política pelo esporte[3]". Dessa maneira, em grande parte da América Latina, o universo do futebol não se restringe apenas às dimensões esportivas do jogo, mas assume também as feições de um fenômeno dramatizador das relações sociais[4].

Devido ao processo de massificação do futebol na América do Sul, o que se verificou foi o importante caráter político que este adquiriu. Seu poder de mobilização e difusão social se impôs rapidamente como um elemento coercitivo na definição de estratégias de políticas públicas e de propaganda estatal. Nessa direção, as esferas do poder, da política e das ideologias também se reproduziam dentro das quatro linhas e nas arquibancadas. O período marcado pelos regimes ditatoriais nos países supracitados foi, sem dúvida alguma, o momento de todas as suas trajetórias históricas nas quais todas essas questões estiveram mais próximas e interligadas. Em busca de legitimação para seus projetos nacionalistas, os governos autoritários foram os que mais recorreram ao futebol[5]. Os casos mais emblemáticos foram, a nível global, os regimes nazifascistas italiano e alemão, que ao longo de sua estada no poder

---

[3] GUTERMAN, Marcos. *O futebol explica o Brasil*: uma história da maior expressão popular do pais. São Paulo: Contexto, 2009.

[4]DA MATTA, Roberto et. al. *O universo do futebol*: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

[5] O historiador Hilário Franco Júnior (2007), estabelece em *A dança dos deuses*: futebol, cultura, sociedade, um paralelo entre a utilização do futebol como instrumento político desde as práticas da política informal de industriais de pequenas cidades inglesas que nutriam com recursos financeiros os times de suas fábricas, com o claro objetivo de reforçar seu prestígio pessoal e ganhar o reconhecimento de seus trabalhadores, até a penetração da política institucional no meio esportivo. Os governos autoritários foram, segundo o autor, aqueles que mais usaram o futebol como instrumento de apropriação política, usando, em muitos casos, clubes e seleções nacionais como forma de captar apoio e propaganda para os seus governos.

não mediram esforços para transformar o esporte em veículo de propagação das ideologias oficiais. Também de forma notável, destacamos, internamente, a organização da Copa do Mundo de 1978, na Argentina. O país amargava um quadro político e social marcado pelas arbitrariedades do regime militar imposto pelo general Jorge Videla. O torneio e a torcida em prol da seleção seriam o fator a restaurar a unidade nacional que fora comprometida pelas perseguições da ditadura. A conquista do título valeria a recuperação da imagem do país, tanto em escala internacional quanto nacional. O desfecho daquela Copa rende, até os dias atuais, fortes suspeitas de influência do regime no decorrer da competição[6].

No caso brasileiro, sabe-se, no entanto, que a relação entre futebol e Estado deu-se inicialmente durante o governo paternalista e autoritário de Getúlio Vargas, que procurou atribuir às práticas esportivas instrumentalizadas – especialmente ao futebol – o papel de centralidade no seu projeto governista[7]. A prática, instituída por Vargas, foi apropriada e ressignificada anos mais tarde pelos militares que comandaram o país entre 1964 e 1985. Naquele momento, o futebol já alcançara um grau extremamente elevado de mobilização e comoção entre os brasileiros, especialmente após as vitórias das Copas do Mundo de 1958 e 1962, expandindo-se substancialmente em todo o território nacional. A seleção brasileira, enquanto símbolo da cultura e do pertencimento do povo brasileiro foi alvo de intensa capitalização política e viu o auge deste processo ocorrer na Copa do Mundo do México, em 1970, na qual conquistou o tricampeonato mundial sob o estrito controle do regime.

---

[6] Durante a realização do torneio, o que se observou, embora jamais tenha se comprovado, foi a manifestação clara das partes envolvidas, colaborando em grande medida para o sucesso do time anfitrião. A seleção brasileira, que só não se classificou para a final devido à vitória "milagrosa" da Argentina sobre o Peru – o time argentino entrou em campo para enfrentar os peruanos sabendo que precisaria vencer por quatro gols de diferença para se classificar, e de forma bastante questionável, venceu a partida por incríveis 6 a 0 – terminou em terceiro lugar.

[7] COUTO, Euclides de Freitas. *Da ditadura à ditadura:* uma história política do futebol brasileiro (1930 – 1978). Niterói: Editora da UFF, 2014; DRUMOND, Mauricio. In: DEL PRIORI, M. e MELO, V. A. de (orgs). *História do esporte no Brasil*: do Império aos dias atuais. São Paulo: Ed UNESP, 2009; SILVA, Eliazar João da. *A seleção brasileira de futebol nos jogos da Copa do Mundo entre 1930 e 1958*: o esporte como um dos símbolos da identidade nacional. 2004. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2004.

Amparado por tal constatação, e objetivando ampliar as discussões acerca da argumentação inicialmente proposta pela historiografia, o jornalista e também historiador Lúcio de Castro, no exercício de sua atividade como profissional do canal esportivo ESPN BRASIL, percorreu o continente em busca de histórias e memórias, que fossem esclarecedoras e pioneiras sobre a relação entre as ditaduras militares e o futebol na Argentina, Brasil, Chile e Uruguai. Com efeito, no intuito de contribuir com o resgate e a preservação da memória referente ao período, o jornalista reuniu relatos importantes de atores que vivenciaram in locu alguns acontecimentos, que ratificam a apropriação política e a militarização do campo futebolístico nestes países. A reunião do conteúdo material, oral, e acima de tudo histórico, resultou na produção da série de documentários Memórias do Chumbo – O Futebol nos Tempos do Condor, produzida e lançada no ano de 2012 e composta por um total de quatro filmes – ou episódios – sendo que, cada um deles era responsável por contar as histórias e resgatar os fragmentos das memórias de argentinos, brasileiros, chilenos e uruguaios que permaneceram ocultas, durante muito tempo.

Apresentamos, finalmente, a relação entre o futebol e a política e as formas pelas quais o esporte foi objeto de capitalização e militarização pelo regime militar brasileiro, como a configuração temática desta dissertação, cujo objetivo principal consiste em discutir as relações existentes entre a ditadura militar no país e o futebol, sob a ótica particular do episódio Brasil da série de documentários conduzida por Lúcio de Castro. O filme, por sua vez, apresenta-se, simultaneamente, como a fonte e o objeto principal de análise desta pesquisa. Ademais, somam-se aos esforços empreendidos neste trabalho, analisar como se deram os procedimentos adotados pela obra no que tange a recuperação da memória relativa ao período dos governos militares. Neste sentido, procuramos estabelecer que ao abordar questões inéditas e fundamentais para a compreensão dos processos de apropriação política do

futebol brasileiro, o documentário Memórias do Chumbo – O Futebol nos Tempos do Condor / Brasil contribuiu para efetivamente criar uma nova narrativa histórica sobre o assunto.

É importante ressaltar que as análises respeitaram o recorte cronológico estabelecido por esta pesquisa, qual seja, o intervalo compreendido entre os anos de 1964 e 1978. Entendemos que foi durante este período que as relações entre futebol e ditadura no Brasil se constituíram de forma mais notável. Não nos esquecemos, entretanto, dos eventos no campo esportivo que ocorreram paralelamente ao momento da abertura política brasileira, ou seja, subsequentes ao limite temporal deste trabalho, mas que por seu turno, oferecem inúmeras possibilidades de investigação sobre a relação futebol e política. O exemplo mais emblemático da continuidade da efervescência política no mundo do futebol foi o movimento que ficou conhecido como Democracia Corinthiana, no qual os jogadores do Corinthians articularam reinvindicações relativas à participação na gestão do clube. A atuação mais importante dos jogadores, no entanto, se deu ao se unirem a políticos de várias correntes nacionais no protesto por eleições diretas no país[8].

De forma concomitante aos objetivos encampados por este estudo, acrescenta-se o interesse particular para com as perspectivas e possibilidades de abordagem do campo futebolístico e suas aplicações no cenário social brasileiro. Entendemos também, que as análises realizadas nesta pesquisa buscam corroborar com as vertentes tradicionais referentes ao tema. Ao percorrer os quatro países da América do Sul – Argentina, Brasil, Chile e Uruguai – em busca de materiais e histórias para a produção da série de documentários, Lúcio de Castro constatou, que existe nestes locais, especialmente na Argentina, um volume maior

[8] DEMOCRACIA em preto e branco: futebol, política e rock n' roll. Produção de Pedro Asbeg. Brasil: TvZer; Miração Filmes; ESPN BRASIL, 2014, 90:00. O filme narra como os jogadores do Corinthians: Sócrates, Casagrande e Vladmir lideraram um movimento histórico no futebol brasileiro e adotaram a democracia dentro de um time como exemplo de protesto ao regime militar no começo dos anos de 1980. Contando com o apoio da torcida corintiana, eles se tornaram símbolos da luta por eleições diretas no Brasil e se misturaram com a mobilização social e musical da época.

de produção cultural sobre o tema, inclusive materializado em produções fílmicas. A necessidade de aumentar a gama de material relacionado ao assunto no Brasil é então, clara e justificável, sobretudo se forem consideradas as profundas relações do seu povo com o futebol, bem como a falta de circulação do conhecimento histórico sobre o regime militar, entre grande parcela da população. É possível constatar que a intrínseca relação entre futebol e ditadura é ainda muito pouco explorada nos meios de comunicação de massa no Brasil, razão pela qual justifica a realização desta pesquisa, que, afora os objetivos almejados, encobre também a responsabilidade de sanar questões e ir além de descobertas de histórias, e de contribuir para que elas se perpetuem na sociedade brasileira, e se propaguem na história e na memória nacional.

Algumas das razões pelas quais a escolha deste objeto de pesquisa foi feita, comunga da importância que os filmes documentários, ou o cinema, em um contexto mais amplo, possui como formadores de opinião e, mais especificamente como construtores da consciência histórica de uma sociedade. Na medida em que circulam como bens culturais, as produções fílmicas contribuem sobremaneira para a formação dos referenciais artísticos, sociais e políticos da sociedade moderna[9].

Visando contemplar as análises e objetivos propostos, o trabalho de Bill Nichols[10] forneceu as bases conceituais e teóricas para compreendermos o universo dos filmes documentários e a sua constituição como veículos elaboradores e edificadores da memória

[9] A concepção do cinema como instrumento formador de opinião e construtor de consciência histórica das sociedades é compartilhada pelos autores Manoel Guimarães e Hilda Machado (1998) em GUIMARÃES, Manoel Luiz Lima Salgado; MACHADO, Hilda. Introdução. In: SILVA, Luiz Carlos Teixeira da (org.). *História e imagem*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

[10] NICHOLS, Bill. Introdução ao documentário. 4. Ed. Campinas: Papirus 2009.

dos grupos sociais. Foram destacados os principais aspectos teóricos e práticos relacionados à sua concepção, produção, e edição final.

As contribuições de Pierre Nora[11] e Andreas Huyssen[12] acerca da memória, e em específico sobre o fenômeno da "aceleração histórica", foram importantes aliadas no sentido de fornecerem os primeiros pressupostos teóricos, aos quais recorremos para maiores elucidações relativas a memória propriamente dita. Em seguida, nos apoiamos nos trabalhos de Maurice Halbwachs[13], Jörn Rüsen[14] e Michael Pollack[15] para criarmos uma delimitação conceitual que contemplasse a relação entre memória e história, bem como o conceito de memória, isoladamente. Em comum, os autores mencionados nos ajudaram a pensar o cinema de gênero documentário como instrumento, que por vezes assume responsabilidades semelhantes às da própria história, isto é, de não permitirem que vestígios do passado se percam ou que sejam esquecidos. Tal argumentação foi proposta por Cássio Tomaim[16] e discutida nesta dissertação de forma a dialogar com nossa Fonte histórica e objeto principal de análise, o filme documentário Memórias do Chumbo – O Futebol nos Tempos do Condor / Brasil.

Após compreendermos a inter-relação dos filmes documentários com a memória, bem como as várias perspectivas de abordagem que esta permite, fez-se necessário discutir as ambivalências oriundas da relação entre cinema e futebol. Para tanto, utilizamos os trabalhos

---

[11] NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: Projeto História. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dezembro de 1993.
[12] HUYSSEN, Andreas. Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
[13] HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. 2., ed. São Paulo: Ed Centauro, 2009.
[14] RÜSEN, Jörn. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história, 2009.
[15] POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989.
[16] TOMAIM, C. S. O Documentário como Chave para nossa Memória Afetiva. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, 2009.

de Mauricio Murad[17] e Maurício Drumond e Victor Andrade de Melo[18]. Destacamos, em especial, outras contribuições de Melo[19] que buscam mostrar as possibilidades de análise que circundam o campo esportivo e artístico, onde o futebol ocupa o cargo de maior representante das manifestações culturais ligadas ao esporte.

Ao concentrarmos nosso foco nas questões referentes à ESPN BRASIL e a Lúcio de Castro, respectivamente o órgão institucional e o autor responsável pela produção fílmica, não o faríamos sem consultar, brevemente, Pierre Bourdieu[20] e suas postulações acerca das lógicas mercantilistas que regem o mercado televisivo e estabelecem as maneiras pelas quais as emissoras atuam em sua busca pelo maior número de fatias de mercado possíveis, e, Laurindo Leal Filho[21] e sua argumentação a respeito do diálogo de interesses, que permeou a relação entre o regime militarista e os canais de comunicação no Brasil. Também, foram importantes as asserções de Marc Ferro[22], quanto ao ofício do historiador enquanto autor e produtor dos filmes documentários. Este autor defende que um filme documento – inserido numa perspectiva global de produções cinematográficas – contribui fortemente para o conhecimento e percepção social, quando suas imagens são pensadas no futuro, ou seja, para além de sua intencionalidade, desviando-as das censuras internas e externas na sua produção e, finalmente, o caracterizando como objeto de compreensão histórica[23].

---

[17] MURAD, Mauricio. Futebol e cinema no Brasil: um enredo, Revista de História, São Paulo, n. 163, p. 191-206, jul/dez. 2010.
[18] DRUMOND, Maurício. p. 233 In: DEL PRIORE, M. e MELO, V. A. DE (orgs.). História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais. São Paulo: Ed UNESP, 2009.
[19] MELO, Victor Andrade de. *Cinema e esporte: diálogos*. Rio de Janeiro: Aeroplano: 2006.
[20] BOURDIEU, Pierre Sobre a televisão; tradução Maria Lúcia Machado. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1997
[21] LEAL FILHO, Laurindo. Quarenta anos depois, a tv brasileira ainda guarda as marcas da ditadura. Revista USP, São Paulo, n. 61, p. 40-47, março/maio 2004. Disponível em: http://www.usp.br/revistausp/61/04-laurindo.pdf.
[22] FERRO, Marc. O filme: uma contra-análise da sociedade? In GOFF, Jacques Le, NORA Pierre. (Orgs.) *História: novos objetos.* 3ªed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1988.
[23] FERRO, Marc. O filme: Uma contra-análise da sociedade? In GOFF, Jacques Le, NORA, Pierre (Orgs.). *História: novos objetos.* 3ª Ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1988.

Nota-se, que ao enveredarmos na abordagem histórica que efetivamente representa o escopo analítico desta pesquisa, qual seja a relação entre o futebol e os regimes militares, que governaram o Brasil durante as décadas de 1960 e 1980, o fizemos respaldados por historiadores que dedicaram seus estudos sobre tais áreas de concentração. Ao longo dos capítulos, sobretudo os capítulos dois e três, procuramos situar os fatos históricos retratados pelo filme documentário no interior dos acontecimentos compreendidos durante a ditadura militar brasileira. Tivemos, para tanto, o auxílio dos historiadores Carlos Fico[24] Thomas Skidmore[25] e Daniel Aarão Reis Filho[26], no que tange os principais aspectos referentes ao golpe militar de 1964 e seus desdobramentos nos setores econômico e social. Questões que paralelamente habitam este universo também foram analisadas, como os quadros das manifestações culturais, sobretudo musicais, e dos aparelhos governamentais de legitimação do regime ditatorial, que por sua vez, foram postuladas por autores como Marcos Napolitano[27] e José Ramos Tinhorão[28].

No bojo das discussões acerca da história política do futebol brasileiro, contamos com as contribuições de Marcos Guterman[29], Hilário Franco Júnior[30] e Euclides Couto[31], que se

---

[24] Obras:
FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. Revista Brasileira de História, vol. 24, n. 47, São Paulo, 2004.
FICO, Carlos. *Reinventando o otimismo*: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil. Rio de Janeiro: FGV, 1997.
FICO, Carlos. Como eles agiam. Rio de Janeiro: Record, 2001.
[25] SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Castelo a Tancredo, 1964 – 1985.* 2ªed. Tradução de Mário Salviano Silva. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
[26] Obras:
REIS FILHO, D. A. *A revolução faltou ao encontro*: os comunistas no Brasil. São Paulo, Brasília: Brasiliense, CNPq, 1990.
REIS FILHO, Daniel Aarão. Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
[27] NAPOLITANO, Marcos. A MPB sob suspeita: a censura musical vista pela ótica dos serviços de vigilância política (1968 – 1981). In: *Revista Brasileira de História,* São Paulo, ANPUH, v. 24, n. 47, jul., 2004.
[28] TINHORÃO, José Ramos. *Música Popular – Um tema em debate*. 3ªed. São Paulo: ed. 34, 1997.
FERRO, Marc. O filme: uma contra-análise da sociedade? In GOFF, Jacques Le, NORA Pierre. (Orgs.) *História: novos objetos.* 3ªed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1988.
[29] GUTERMAN, Marcos. O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo, Contexto, 2009.

empenharam em fazer uma leitura dos principais eventos, que tornaram o campo futebolístico alvo em potencial para apropriação por parte do Estado. Couto, em particular, analisa as estratégias de capitalização política do futebol no Brasil, compreendidas entre os dois períodos da história política nacional, marcados pela imposição de governos autoritários. O autor procurou contextualizar as relações entre o futebol e o Estado brasileiro, bem como sua instrumentalização, como espaço de interlocução e manipulação política das massas e sua popularização como mecanismos de manifestação esportiva e cultural.

Estão situadas, no interior dos debates historiográficos relativos à história política do futebol brasileiro, questões pertinentes acerca de aspectos específicos abordados por esta dissertação, como as contribuições de Antônio Jorge Gonçalves Soares e Marco Antônio Santoro Salvador e Tiago Lisboa Bartholo[32] sobre a preparação da seleção brasileira de futebol para a Copa do Mundo de 1970, disputada no México. O contexto referente à Copa de 1970, vencida pela seleção brasileira, compreende o momento da ditadura militar onde as relações entre futebol e política mais se estreitaram.

Quanto aos caminhos metodológicos adotados por esta pesquisa, partimos do pressuposto levantado por Marcos Napolitano[33] sobre as Fontes audiovisuais, dentre as quais, destacamos os filmes documentários, que por seu turno tornaram-se importantes aliados dos historiadores para uma melhor percepção, estudos e compreensão das sociedades. Sobre essa questão, o autor entende que o uso das Fontes audiovisuais ganhou um espaço significativo no campo da pesquisa histórica, uma vez que, são consideradas testemunhos objetivos e diretos

---

[30] FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses*: futebol, cultura, sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
[31] COUTO, Ronaldo Costa. História indiscreta da ditadura e da abertura. Brasil: 1964-1985. Record, Rio de Janeiro, 1999.
[32] GASTALDO, Edison Luis e GUEDES, Simoni Lahud (org) – Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional. Niterói: Intertexto, 2006.
[33] NAPOLITANO, M. *Fontes audiovisuais*: a história depois do papel. p. 237. In: PINSKY, C. B. (org). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

da história, sobretudo quando possuem um espectro documental. Assim, faz-se importante perceber as Fontes audiovisuais em seus mecanismos de representação da realidade e em suas estruturas internas. Para tal, é necessário, contudo, articular a linguagem técnico-estética das Fontes audiovisuais e as representações da realidade social ou histórica nelas inseridas[34].

As etapas metodológicas percorridas nesta pesquisa se iniciam com a definição das temáticas, que foram analisadas ao longo dos capítulos. Tal definição se deu por meio de leituras atentas do filme documentário, visando identificar os blocos narrativos que compõem sua arquitetura. Através da identificação plena desses blocos narrativos, procuramos contemplar em nosso estudo, os mesmos recortes temáticos e históricos feitos por Lúcio de Castro, ou seja, analisamos somente os aspectos relacionados a capitalização política do futebol durante o regime militar brasileiro que estiveram presentes na obra. Embora reconhecidas por seu autor, Memórias do Chumbo – O Futebol nos Tempos do Condor / Brasil não aborda todas as possibilidades de análises históricas oferecidas pela relação futebol e ditadura militar. Foi feita uma escolha por parte de Lúcio de Castro, daqueles conteúdos que ele julgava serem os mais importantes para comporem a narrativa fílmica. É importante que o leitor saiba que comungamos desta escolha, e ao fazê-la, propomo-nos, afora das demais etapas metodológicas que apresentaremos a seguir, a realizar uma comparação entre a incursão histórica proposta pela narrativa fílmica e as narrativas científicas, assentadas na ciência histórica e que abordam as mesmas temáticas. Notaremos, entretanto, que em alguns momentos abordamos aspectos que vão além dos que foram trazidos pelo filme, como por exemplo, as manifestações ideológicas contrárias ao regime, que se deram no campo futebolístico por atores ligados ao futebol. Tal proposta tem o objetivo de reafirmar a

[34] NAPOLITANO, M. *Fontes audiovisuais*: a história depois do papel. p. 237. In: PINSKY, C. B (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

tendência, neste caso, de se perceber a politização do campo esportivo, no qual atores de diferentes gêneros expressaram suas posições ideológicas.

Quanto à seleção das cenas, buscamos eleger aquelas que, segundo o nosso entendimento, mais representaram a intencionalidade do autor em abordar determinado aspecto e, simultaneamente abrangeram o maior número de informações históricas relativas a um conteúdo histórico específico. Observamos que em certos momentos, as cenas escolhidas e analisadas, corresponderam aos próprios blocos narrativos do documentário, ou seja, ao analisá-las, contemplamos todos os elementos históricos referentes ao bloco narrativo no qual elas estão inseridas, como foram os exemplos das cenas – e de seus respectivos blocos narrativos – onde foram exibidos os casos do major Guaranys e o da ligação da Operação Condor com o futebol.

Para que fosse possível a análise historiográfica do material selecionado, buscamos identificar sob quais ângulos as temáticas abordadas no filme foram discutidas por historiadores que se dedicaram a estudar a história política do futebol. Dessa forma, conseguimos tecer elucidações acerca de quais medidas a narrativa fílmica contribuiu com novas perspectivas para estudos futuros sobre o tema, bem como sua corroboração para com as argumentações já estabelecidas pela historiografia.

Veremos a seguir, ao abordar as Fontes utilizadas para a realização desta pesquisa, que recorremos à internet, especificamente ao blog do autor dos documetários, como forma de complementar as análises propostas. Notemos que este artifício se deu especialmente no momento no qual discutimos sobre a filiação institucional do autor dos documentários, Lúcio de Castro, e também quando procuramos traçar o seu perfil profissional. Tal recurso se fez necessário quando intentamos estabelecer o posicionamento de Lúcio de Castro acerca do próprio desenvolvimento da série de documentários, onde ele discorreu brevemente sobre

alguns aspectos do seu trabalho à frente da equipe de produção de Memórias, e também posicionamentos sobre questões ligadas à prática do jornalismo investigativo e da imprensa esportiva brasileira.

Propomos analisar e respeitar outros critérios de metodologia estabelecidos, para abordar o tema futebol e ditadura no Brasil através do filme documentário e a compactuar, a princípio, com as maneiras pelas quais a história se manifesta no cinema, especialmente nos documentários. Segundo Napolitano, o pesquisador é capaz de verificar tal manifestação ao buscar informações localizadas nos vários códigos e canais, que formam a "linguagem fílmica". Inicialmente, é preciso haver identificação dos seus elementos alegóricos ou narrativos baseados em uma espécie de "descrição densa" dos elementos narrativos básicos do filme: o plano e as sequências[35].

O plano e as sequências são as unidades narrativas básicas do filme documentário. O plano é o quadro, é definido pelo enquadramento contínuo da câmera, localizado entre um corte e outro. Já a sequência é a junção de vários planos, que se articulam por alguma proximidade narrativa ou cênica, através de edições e/ou montagens. É imperativo, então, estar comprometido com tudo que se vê e ouve no quadro fílmico, e também às estratégias de ligação das sequências e dos planos, ou seja, os personagens, o cenário, o figurino, a trilha sonora, os efeitos de montagem, os diálogos, dentre outros. Uma vez, atento a tais estruturas é possível inferir que o elemento verbal – os diálogos, base do roteiro de um filme – é apenas um entre vários elementos constituintes da linguagem do filme, e o papel do historiador é cotejá-los com a imagem movimento que lhes correspondem. A análise das escolhas do diretor é um dado importante que deve ser levado em consideração, bem como incluir aquilo

[35] NAPOLITANO, M. *Fontes audiovisuais*: a história depois do papel. p. 274. In: PINSKY, C. B (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

que ficou fora do filme, mas que poderia estar nele inserido. A respeito desta última consideração, ressalta-se que em filmes de cunho histórico, esta questão é crucial, pois não somente o que se encena do passado é importante, mas também a forma como se encena e, aquilo que não se encena do evento histórico que inspirou o filme[36]. Perceber estas escolhas e criticá-las dentro de uma estratégia de análise historiográfica, assim como conceber este conjunto de princípios metodológicos foi fundamental durante os processos de desenvolvimento que nortearam esta pesquisa.

Com relação às Fontes, reiteramos que o filme documentário Memórias do Chumbo – O Futebol nos Tempos do Condor / Brasil representa a Fonte e o objeto principal de análise desta pesquisa. Ademais, recorremos ao uso de canais na internet de veiculação de ideias, reportagens e experiências: os blogs. De forma breve, blog – contração do termo em inglês web log, cuja tradução seria "diário de rede" – é um domínio ou site que possui uma estrutura capaz de permitir a atualização rápida a partir de acréscimos de artigos ou postagens. A interação com o público é feita por intermédio de uma plataforma, na qual é permitida ao leitor expressar suas opiniões sob a forma de comentários. Neste contexto, o blog mantido pelo autor do filme, Lúcio de Castro, e que está vinculado ao site da ESPN BRASIL, possibilitou reflexões, acesso a informações e conclusões acerca dos motivos e das escolhas do jornalista à frente da produção da série documental. Faz-se necessário destacar, que ao longo desta pesquisa o contato com uma Fonte histórica emergente forçou a adoção de alguns cuidados "procedimentais", dados em função de seu caráter de rápida circulação na internet, e ao mesmo tempo, de seu desaparecimento.

---

[36] NAPOLITANO, M. *Fontes audiovisuais*: a história depois do papel. p. 275. In: PINSKY, C. B (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

Ainda com relação às Fontes, foram analisados os depoimentos de dois jornalistas da ESPN BRASIL, na Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) do Futebol no Senado Federal. Tais análises só foram possíveis graças às possibilidades do uso da internet como Fonte e arquivo. Retomamos, aos postulados de Marcos Napolitano[37], acerca das Fontes históricas. Segundo o autor, a rede mundial de computadores representa grande apoio aos estudos, que têm acervos audiovisuais como Fontes auxiliares de pesquisa. É preciso estar atento, no entanto, ao fato, que a internet se apresenta mais como um depósito de informações, ou um grande arquivo virtual de referência, do que um arquivo material de Fontes primárias[38].

Faz-se necessário acrescentar que, ao abordar o caso particular do ex-treinador da seleção brasileira de futebol, João Saldanha, e dada a excassez de trabalhos acadêmicos referentes ao tema, recorremos a jornais pertencentes ao contexto histórico, no qual a atuação de Saldanha à frente da equipe nacional esteve em evidência. Compreendemos que a metodologia empregada na elaboração deste trabalho consiste também na utilização de Fontes jornalísticas. Os jornais conquistaram um importante espaço dentro da historiografia contemporânea como objetos e Fontes de pesquisa, sobretudo a partir da década de 1930, e se constituíram como instrumentos importantes no processo de construção do saber histórico[39].

Com o intuito de expandir o universo das Fontes Complementares, foram analisados outros filmes documentários relativos ao período em questão, que abordam questões ligadas essencialmente ao futebol. Estes filmes foram produzidos sob a supervisão da Agência Especial de Relações Públicas (AERP), órgão responsável por gerir exclusivamente os assuntos ligados às propagandas oficiais do Estado durante a ditadura militar. A utilização dos

---

[37] NAPOLITANO, M. *Fontes audiovisuais*: a história depois do papel. p. 237. In: PINSKY, C. B. (org). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.
[38] NAPOLITANO, M. *Fontes audiovisuais*: a história depois do papel. p. 264-265. In: PINSKY, C. B (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.
[39] LUCA, Tânia Regina. *A história dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes Históricas.São Paulo: Contexto, 2005.

filmes teve como propósito mostrar como o regime militar procurou consolidar seu projeto governista, através da canalização do apelo popular em torno do futebol brasileiro, permitindo a produção e exibição de tais narrativas fílmicas. Acrescenta-se que, uma vez que estiveram os regimes ditatoriais da América do Sul, durante a segunda metade do século XX, inseridos em um mesmo contexto histórico, os outros três episódios: argentino, chileno e uruguaio, que integram a série de documentários Memórias do Chumbo – O Futebol nos Tempos do Condor também foram analisados com o objetivo de consolidar o referencial historiográfico contemplado por esta pesquisa.

Ao longo do corpo textual que compõe este trabalho, procuramos indicar os pressupostos teóricos e conceituais que estiveram presentes na análise acerca do filme, e do enfoque temático que cerca os debates sobre a história política do futebol no Brasil. Quanto à sua estrutura, esta dissertação foi dividida em três capítulos.

O primeiro capítulo estabelece uma breve análise teórica dos filmes documentários, enquanto objetos de representação e reconstrução histórica. Dentro do universo contemplado pelo cinema e suas produções fílmicas, buscou-se inicialmente, traçar uma definição conceitual dos documentários e diferenciá-los dos filmes puramente ficcionais. Em seguida, apontamos as características particulares ao gênero para construir narrativas que variam de acordo com a ótica particular de seus autores. A este respeito, destacam-se alguns elementos, que são importantes tanto para a definição da categoria dos documentários, quanto para sua compreensão e observações técnicas, dentre estes estão o corpus de textos, que constroem sua estrutura organizacional, a filiação institucional à qual a obra e, por conseguinte, seu autor, estão vinculados, e por fim, a própria visão ocular do autor acerca da temática abordada por ele. Além destas questões iniciais e relativas aos filmes documentários, o capítulo oferece ainda uma discussão pautada por diferentes correntes historiográficas, sobre aspectos

relacionados à memória, e sobre o espaço ocupado por estes filmes, como “lugares de memória”. A intenção é estabelecer as maneiras pelas quais o filme Memórias do Chumbo – O Futebol nos Tempos do Condor / Brasil trabalhou com a memória relativa ao período da ditadura militar brasileira, e se comprometeu com o resgate e preservação dessa memória. Por fim, procuramos situar os debates acerca dos filmes documentos, e das questões ligadas à memória no espaço compreendido e mediado pela relação cinema e esportes; onde as abordagens relacionadas ao futebol construíram uma vertente de produção cinematográfica do gênero documentário sobre este esporte no Brasil.

Iniciamos, no segundo capítulo, as análises referentes ao filme documentário Memórias do Chumbo – O Futebol nos Tempos do Condor / Brasil com o objetivo de compreender o universo que originou a sua produção, e possibilitou a revelação de histórias até então desconhecidas, acerca da capitalização política do futebol pela ditadura militar brasileira. Fez-se importante, para tanto, discorrer sobre os principais instrumentos, dos quais o autor se valeu para concluir os trabalhos de pesquisa histórica e transformá-los em documentos audiovisuais. Outros aspectos, igualmente relevantes, foram discutidos, nos referimos àqueles elencados no primeiro capítulo, que envolvem a compreensão de elementos que cercam a produção de um filme documentário, especificamente sua filiação institucional e informes sobre o autor. Mais que uma breve explanação sobre o canal esportivo ESPN BRASIL, bem como seu viés de jornalismo autônomo e investigativo que permitiu a produção de um filme do calibre de Memórias, procuramos traçar um perfil profissional para o autor da série de documentários, Lúcio de Castro. Através do levantamento de uma série de informações que envolvem a atuação de Lúcio de Castro, enquanto jornalista foi possível aprimorar o entendimento do seu trabalho a frente dos filmes. Ao final, destacamos ainda os recursos fílmicos e técnicos usados pelo documentário, com o intuito de evidenciar e destacar

sua vasta composição imagética e sonora e a riqueza do acervo histórico utilizado em sua produção. Entre tais recursos estão sua trilha sonora; a seleção dos personagens que participaram e contribuíram para com as abordagens propostas; os blocos narrativos que definem sua arquitetura e o contexto no qual o filme foi produzido.

No terceiro e último capítulo, dedicamo-nos a apresentar uma discussão sobre como o futebol foi utilizado como mecanismo de apropriação e capitalização de apoio político, durante o recorte cronológico referente aos anos do regime militar brasileiro (1964 – 1978). Para tal, seguimos os mesmos caminhos metodológicos percorridos no capítulo anterior, e utilizamos sempre o filme documentário Memórias do Chumbo – O Futebol nos Tempos do Condor / Brasil como Fonte principal de análise. O enfoque foi estabelecer uma conexão e um diálogo, entre a obra produzida por Lúcio de Castro e a bibliografia relativa ao tema, visando avaliar as correspondências em termos de conteúdo histórico do filme para com a historiografia corrente.

CAPÍTULO I – FUTEBOL E DITADURA NO BRASIL: OS PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO E RESGATE DA MEMÓRIA SOB A ÓTICA DO CINEMA DOCUMENTÁRIO

> "Acima de tudo, um sentimento comum passa por todo o trabalho, por todos os capítulos: é preciso contar essas histórias. Mais, muito mais do tanto que já são contadas. É preciso construir a memória desse tempo vergonhoso do Brasil. Ao contrário do que alguns tentam passar, só contando é que passaremos por elas" [40].

Contar histórias. Foi com este objetivo que Lúcio de Castro embarcou para uma viagem reveladora rumo ao passado oculto da América do Sul, e seus regimes ditatoriais. Os caminhos percorridos, bem como os fatos e personagens visitados e revisitados, trouxeram à tona histórias inéditas e esclarecedoras sobre como a ditadura - na Argentina, Brasil, Chile e Uruguai - se apropriou politicamente do futebol, e usou o esporte como um mecanismo de legitimação de seus projetos nacionalistas de sustentação repressiva. Através de relatos dos atores que vivenciaram o período, Lúcio de Castro consegue, com a produção e divulgação da série de documentários Memórias do Chumbo – O Futebol nos Tempos do Condor, resgatar fragmentos da memória de argentinos, brasileiros, chilenos e uruguaios que se encontravam silenciadas e perdidas pelo tempo e pela repressão.

Apresentamos o primeiro capítulo desta dissertação com o objetivo de apontar os pressupostos teóricos, que nortearam nossa análise acerca do episódio brasileiro da série Memórias do Chumbo. Destacamos um conjunto de elementos conceituais que nos auxiliaram no trabalho de observação e apuração do filme. Para tal, procuramos discutir questões referentes ao universo dos filmes documentários, gênero que corresponde ao objeto e Fonte

---

[40] CASTRO, Lúcio de. Memórias do Chumbo – O Futebol nos Tempos do Condor– Chamadas: Argentina, Chile, Uruguai e Brasil. São Paulo, novembro de 2012. Disponível em: http://espn.uol.com.br/post/294413_memorias-do-chumbo-o-futebol-nos-tempos-do-condor-chamadas-argentina-chile-uruguai-e-brasil.

principal desta pesquisa, bem como aspectos ligados ao processo de construção e resgate da memória relativa ao futebol durante a ditadura militar brasileira. Ademais, dessas considerações, nos propomos a debater acerca da relação entre futebol e cinema, com o intuito de situar o filme em análise no bojo das produções audiovisuais ligadas ao esporte.

1.1 FILMES DOCUMENTÁRIOS: REPRESENTAÇÕES DIRIGIDAS DA REALIDADE

No decorrer do século XX, o cinema se constituiu como um espaço de grande circulação de bens culturais e valores sociais, se tornando, em contrapartida, um lugar de intensa socialização e produção de representações sociais. Sua estrutura organizacional é dotada de mecanismos fílmicos, capazes de abordar aspectos do cotidiano sociocultural das sociedades, e podem facilmente auxiliar na construção e solidificação de uma memória social vivida e compartilhada, por um vasto número de pessoas. Hoje, nota-se que as produções fílmicas, especialmente os documentários, se transformaram em eficazes e poderosos veículos para a elaboração e edificação da memória desses grupos. Nessa direção, a memória histórica é constantemente construída, desconstruída e reconstruída pelos documentários, cujas estratégias de "produção do sentido de realidade" assumem centralidade no escopo analítico desta pesquisa.

Ao longo dos últimos anos, as questões intrínsecas à produção dos documentários foram alvo de estudo de alguns cineastas, pesquisadores e críticos do cinema. O gênero chegou a ser classificado como um objeto complexo e de difícil conceituação. Entretanto, alguns diretores comungam da ideia, de que nasce de suas regras e de suas diferenças básicas em relação a uma peça ficcional, a caracterização de um filme como documentário.

É sob esta perspectiva, que iniciaremos uma discussão acerca dos aspectos relacionados às histórias levantadas por Memórias e sua materialização expressada através da série de documentários. Faz-se, então, necessário, uma abordagem sobre os principais pressupostos teóricos e práticos que envolvem a produção de um filme documentário, desde sua concepção, produção, até os trabalhos finais de edição. Esta análise nos permitirá situar, posteriormente, o documentário em meio a uma temática mais específica, qual seja a relação com o futebol e com a memória.

Dentre os diversos autores, que dedicaram seus estudos a área das produções cinematográficas e audiovisuais merece destaque, o teórico e crítico de cinema Bill Nichols. Em sua obra Introdução ao Documentário[41], Nichols procura, a- priori, construir um conceito sobre os filmes documentários. Com este intuito, ele discute as várias questões que envolvem as produções do gênero, buscando apontar suas particularidades e aspectos relacionados à sua origem, desenvolvimento e repercussão.

O autor inicia sua discussão afirmando que todo filme é um documentário. Imediatamente ele identifica dois tipos de filmes: os documentários de satisfação de desejos, conhecidos também como filmes de ficção, e os documentários de representação social, ou de não ficção, chamados simplesmente de documentários (NICHOLS, 2001, p. 26).

Os documentários de representação social são, de fato, aqueles que despertam o maior interesse do autor. As relações entre o objeto e Fonte principal desta pesquisa, bem como os objetivos de seu idealizador – resgatar e revelar as memórias de um passado obscuro da América do Sul, e o período de sua história marcada pelos regimes autoritários – se reconhecem no trabalho de Nichols, cujo enfoque é estabelecer as diretrizes e as principais fundamentações do documentário. Segundo ele, "os documentários dão-nos a capacidade de

[41] NICHOLS, Bill. Introdução ao documentário. 4. Ed. Campinas: Papirus, 2009.

ver questões oportunas que necessitam de atenção", através dos quais, temos a oportunidade de ter visões fílmicas do mundo. Tais visões que "colocam diante de nós questões sociais e atualidades, problemas recorrentes e soluções possíveis. A conexão entre o documentário e o mundo histórico é intensa e profunda. O documentário acrescenta uma nova dimensão à memória popular e à história social" (NICHOLS, 2001, p. 29).

O autor confere aos documentários, a intenção de se manter comprometido com o mundo através da representação, e o faz de três formas distintas: 1 – através da apresentação de um retrato ou de uma representação reconhecível do mundo, levando-se em consideração a capacidade da imagem em registrar acontecimentos com enorme fidelidade; 2 – através da representação dos interesses de outros, o que significa que em muitas situações os documentaristas trazem para si o papel de representantes do público. Nestes casos, eles se pronunciam em nome dos interesses de outros, quais sejam, dos sujeitos objetos de seus filmes ou das instituições que os apoiam e os patrocinam; 3 – através da exposição da defesa de certo panorama ou interpretação das provas, ou seja, os documentários podem assumir um papel de intervenção mais ativa, não apenas defendendo os agentes e os representando, de maneira que os mesmos não poderiam, mas afirmando o real estado de um assunto com a finalidade de angariar assentimento ou induzir opiniões (NICHOLS, 2001, p. 30).

O universo que engloba a questão da representação do outro, nos filmes documentários perpassa também por um horizonte ainda mais amplo: as questões éticas, que podem ser interpretadas como as formas corretas de interação com as pessoas ao se filmar um documentário. Neste tipo de filme, as "pessoas" são na verdade atores sociais, o que significa que seu valor para os produtores se fundamenta na incorporação real de suas vidas. Assim, a atuação destes atores como parte principal dos filmes, requer um cuidado especial por parte dos autores, uma vez que recai sobre eles parte da responsabilidade que a repercussão dos

documentários produz. Este compromisso nasce da intencionalidade de representação dos atores, ao invés de simplesmente retratar personagens criados ficcionalmente. Por mais verossímeis que se apresente o personagem do documentário, sua participação é pautada por escolhas, silenciamentos e outras estratégias que são mobilizadas pela narrativa que o filme quer construir. Enfim, todos os personagens são, em certa medida, inventados. Assim, a ética apresenta-se como um instrumento de mediação entre a natureza da relação, entre o produtor e seu tema, e indica que tais negociações podem trazer consequências para os atores, que estão sendo representados em seus filmes e também para os espectadores (NICHOLS, 2001, p. 36).

Como já mencionado, Bill Nichols defende a noção de que são documentários todos os filmes. Na busca por uma definição conceitual destes filmes, ele diz:

> Documentário é o que poderíamos chamar de "conceito vago". Nem todos os filmes classificados como documentário se parecem, assim como muitos tipos diferentes de meios de transporte são todos considerados "veículos". [...] Os documentários não adotam um conjunto fixo de técnicas, não tratam apenas de um conjunto de questões, não apresentam apenas um conjunto de formas ou estilos. Nem todos os documentários exibem um conjunto único de características comuns. A prática do documentário é uma arena onde as coisas mudam (NICHOLS, 2001, p.48).

Em Introdução ao Documentário, o autor se utiliza de algumas estruturas específicas, que o ajudam na construção de um conceito para os filmes documentais. São elas: a estrutura institucional, a comunidade dos profissionais, o corpus de textos e o conjunto dos espectadores. Do ângulo institucional, os filmes documentos são, ainda que de uma maneira circular, "aquilo que fazem as organizações e as instituições que os produzem" (NICHOLS, 2001, p.49).

Para tanto, conhecer a origem de exibição dos filmes – especialmente os canais ou emissoras – é fundamental para como os classificar. Com relação aos profissionais empenhados em produzi-los, bem como as instituições que os custeiam, sabe-se que estes alimentam algumas expectativas sobre o trabalho que fazem. A concepção do que é um filme documentário, pode e deve variar conforme as mudanças de ideias dos documentaristas, ainda

que sob alguma tutela de eventual instituição. Com relação ao corpus de textos, entende-se que este se configura como uma série de características, normas e convenções às quais os filmes documentários devem se utilizar para serem classificados como tal. Entre este conjunto de particularidades estão, por exemplo, entrevistas, cortes para introduzir imagens que ilustrem a situação exibida em uma cena, e o uso de comentário sem voz, com voz off (NICHOLS, 2001, p.54). Finalmente, o conjunto dos espectadores, ou o público receptor, é um fator relevante para a definição dos filmes. As formas de receptividade que estes têm dos filmes testemunhos, determinam e facilitam sua compreensão, bem como a capacidade dos mesmos em interpretar, absorver as informações imagéticas dos filmes documentários e classificá-las como fidedignas (NICHOLS, 2001, p. 64).

Outro ponto, a ser considerado nos estudos sobre este tipo de filme, é a perspectiva ocular dos autores. Não se deve interpretá-los, sem antes conhecer, ainda que minimamente, a identidade, os interesses e os motivos que os levaram a produzir um documento audiovisual. Analisar um filme documentário, ignorando os pontos de vista e as motivações pessoais, daqueles que os produzem implica num entendimento e compreensão incompletos acerca da produção fílmica. Elucidar a identidade do autor possibilita, portanto, avaliar melhor a credibilidade do seu projeto, a interpretação que é dada a alguns fatos, a tomada de posição que transparece de uma descrição e as deformações que possam sobrevir na reconstituição de um acontecimento. Para afastar os riscos de interpretações errôneas, faz-se necessário então, compreender melhor o universo da memória e da história presente nos documentários (NICHOLS, 2001, p. 53).

Segundo Bill Nichols há seis tipologias de classificação dos filmes documentários, quanto aos seus critérios de representação. Elas estão resumidas conforme tabela 1: as datas inseridas ao final das principais características dos tipos de representação dos documentários

remetem ao momento em que estes se tornaram alternativas comuns no cenário das produções documentais.

Tabela 1: Tipologias ideais de classificação dos filmes documentários quanto aos seus critérios de representação[42].

Documentário	Principais Características	Deficiências
Poético	Reúne fragmentos do mundo de modo poético Anos 20	Falta de especificidade Abstrato demais
Expositivo	Trata diretamente de questões do mundo histórico Anos 20	Excessivamente didático
Observativo	Evita o comentário e a encenação; observa as coisas conforme elas acontecem Anos 60	Falta de história, de contexto
Participativo	Entrevista os participantes ou interage com eles; usa imagens de arquivo para recuperar a história Anos 60	Fé excessiva em testemunhas, história ingênua, invasivo demais
Reflexivo	Questiona a forma do documentário, tira a familiaridade dos outros modos Anos 80	Abstrato demais perde de vista as questões concretas
Performático	Enfatiza aspectos subjetivos de um discurso classicamente objetivo Anos 80	A perda de ênfase na objetividade pode relegar esses filmes à vanguarda; uso "excessivo" de estilo.

Por intermédio dos modos representativos dispostos acima, os filmes documentários se pronunciam acerca do mundo histórico usando mecanismos elaborados, na tentativa de convencer ou induzir seu público. Assim, questões envolvendo vida familiar, conflitos sociais, guerras, nacionalidade, história política, dentre outros, são constantemente reprisados por estes filmes sob óticas particulares, que representam uma forma exclusiva de ver, valorizar e até mesmo avaliar seu tema. Os documentários tornam-se então:

> Uma voz entre muitas numa arena de debate e contestação social. Essa é a arena onde competimos pelo apoio e pela crença dos outros em nome de uma determinada causa ou sistema de valores. Em última instância, é onde se estabelece nosso compromisso com as práticas e os valores dominantes de nossa cultura, ou nosso distanciamento em relação a eles (NICHOLS, 2001, p. 115).

[42] NICHOLS, 2001, p. 177.

Analisado em sua totalidade, conclui-se que, a classificação de Memórias do Chumbo – O Futebol nos Tempos do Condor / Brasil quanto aos seus critérios de representação circula entre os modos reflexivo, observativo e participativo. Sobre o último, em especial, destaca-se o recorrente uso de imagens de arquivo para resgatar a história dos acontecimentos contemplados pelo filme, bem como as entrevistas com os personagens convidados. Estes elementos realçam o viés participativo do documentário.

Por conseguinte, é interessante assinalar que é característica marcante nos filmes documentários, a forma com que estes representam as questões e problemas históricos do mundo. Tais representações ocorrem através do uso recorrente de imagens e sons, criando uma concepção narrativa em torno da "palavra falada", ou da voz dos documentários. A voz é na verdade, a forma pela qual estes filmes expressam seu ponto de vista e/ou sua perspectiva singular sobre o universo histórico abordado. Portanto, o papel da voz nos filmes documentários também está relacionada à concepção de uma lógica informativa, responsável por estruturar sua organização e transmitir as perspectivas sociais dos autores e como tais enfoques se refletem no ato de criação do filme (NICHOLS, 2001, p. 76).

Outros aspectos devem ser levados em consideração, ao se trabalhar a questão da voz do filme documentário – tanto pelos produtores, no ato de criação dos filmes, quanto pelo público receptor, na busca do entendimento pleno do conteúdo representado. Deste modo, se faz necessário perceber que a voz do documentário não implica apenas naquilo que é dito verbalmente, através de locutores visíveis e/ou não visíveis. Ela se expressa também por intermédio de todos os instrumentos disponíveis, e que ajudam na construção de sentido e estrutura narrativa. No ambito destas considerações, Nichols ressalta que, sendo tais instrumentos constituídos basicamente da seleção e arranjo de som e imagem, o trabalho de produção de um documentário acarreta decisões como:

> 1) quando cortar, ou montar, o que sobrepor e como enquadrar ou compor um plano; 2) gravar som direto, no momento da filmagem, ou acrescentar posteriormente som adicional, como traduções em voz-over, diálogos dublados, música, efeitos sonoros ou comentários; 3) aderir a uma cronologia rígida ou rearrumar os acontecimentos com o objetivo de sustentar uma opinião; 4) usar fotografias e imagens de arquivo, ou feitas por outra pessoa, ou usar apenas as imagens filmadas pelo cineasta no local e 5) em que modo de representação se basear para organizar o filme (expositivo, poético, observativo, participativo, reflexivo ou performático.) (NICHOLS, 2001, p. 76).

Embora, a voz dos filmes documentários utilize de todos os instrumentos disponíveis para se expressar, a sua forma mais explícita – e mais comumente utilizada – é aquela conduzida por intermédio das palavras escritas ou faladas. Este tipo de voz representa o argumento central do filme e costumou-se a denominá-la como comentário com "voz de Deus" ou "voz da autoridade" (NICHOLS, 2001, p. 78).

A presença de uma voz própria configura-se então, como o traço principal do gênero documentário. Porém, não são todas as suas vozes que tratam diretamente os aspectos de caráter políticos e sociais. Dentre as possibilidades de abordagem, que os temas permitem, noções relativas à construção de uma identidade nacional se apresentam como perspectiva regularmente trabalhada.

Entre os elementos apresentados até o momento, que mais constituem a estrutura orgânica dos filmes documentários, destacamos, também, que estes comumente abarcam, em suas abordagens, questões de cunho político. No cerne dessas questões, ganham destaque a construção da nacionalidade e do nacionalismo e a relação do cinema documentário com os interesses de governantes e governados. Intimamente ligada à construção das identidades nacionais, está a construção de um senso comum ou de comunidade, onde nas "comunidades", germinam sentimentos de interesse mútuo e relações bilaterais associadas aos laços familiares. Deste modo, crenças e valores compartilhados por atores, que compartem o mesmo espaço são primordiais para a formação desse senso coletivo. Os filmes documentários abordam essas questões, e procuram criar uma vivacidade junto aos valores e

crenças, que por sua vez, atuam como instrumentos de construção e/ou contestação de maneiras inerentes de pertencimento social ou de comunidade.

Historicamente, sabe-se que já no final da década de 1910, o governo da então União Soviética começara a utilizar uma Fonte artística para promover um sentimento de identidade nacional e de comunidade compartilhada, que fosse diretamente proporcional aos seus programas e projetos estatais. Anos mais tarde, foi a vez dos governos de muitos outros países, como a Grã-Bretanha, Canadá e Estados Unidos, aderirem ao modelo de patrocínio governamental e incentivo ao desenvolvimento do cinema documentário, como instrumento de propaganda e ideais políticos sustentados por uma concepção de coletividade. As produções fílmicas tinham como objetivo entrar no campo da política social, e principalmente conduzir e predispor o público a medidas estabelecidas. Sobre a prática dos Estados, Nichols diz:

> [...] os filmes se empenham em orientar o espectador para uma determinada perspectiva do mundo, que exigia consenso nacional acerca dos valores e crenças propostas pelo filme. O governo da nação-estado serviu ao bem comum, portanto o homem comum deveria servir ao governo com diligência e boa-fé. Esse empenho ratificou um sentimento de identidade nacional e comunidade abrangente. Os indivíduos unem-se numa causa comum, para defender ideais pelos quais se tem apreço (NICHOLS, 2001, p. 185-186).

Ainda no âmbito das questões políticas e suas relações, com o gênero documentário, também estão presentes os cineastas que sugeriram valores e sentimentos de comunidade, sustentados em atividades e alternativas que os governos não se mostraram aptos a consentir e efetivar. Estes profissionais, bem como seus filmes, incorporaram ideologias que eram contrárias às políticas governamentais e industriais, tornando-se a "vanguarda do cinema documentário". As tentativas de se construir uma harmonia em relação à identidade nacional, instrumentalizada pelos filmes documentários, tanto no sentido de ratificar governos estabelecidos quanto contestá-los, se constituíram como determinantes nas décadas iniciais deste estilo fílmico. O que está em voga nesta análise, contudo, consiste na realidade de que

existe uma visão alternativa dos indivíduos e da comunidade a qual eles fazem parte, que se distancia dos estereótipos e reducionismos aos quais os filmes documentários custeados pelo Estado são propensos. Ademais, soma-se ao fato de que as comunidades não estão inteiramente alinhadas para com as nações-estado, isto é, notamos que há diferenças que perduram e ao mesmo tempo diferem um único indivíduo de outros, minorias de maioria e subculturas de cultura predominante. Assim, aquelas comunidades que apresentam como elemento coincidente as identidades étnicas – chamadas de comunidades de ascendência comum – e as comunidades que decidem por si próprias a escolha e o exercício de valores e práticas de certo grupo – chamadas de comunidades de escolha – ganham também representatividade. Elas são responsáveis por expor, em sua dimensão alegórica, as reivindicações de igualdade plena e absoluta e as conjecturas de um nacionalismo que não enxerga diferenças de cor, raça ou classe social (NICHOLS, 2001, p. 191-192).

Pode-se dizer que a delimitação temática proposta pela série de documentários Memórias do Chumbo – O Futebol nos Tempos do Condor, especificamente o episódio Brasil, comunga com as acepções propostas por Bill Nichols acerca do entendimento do mundo histórico revisitado pelo filme. Isto é, na busca por resgatar as memórias de um passado marcado pelo autoritarismo dos regimes militares, os produtores do documentário procuraram, recriar uma leitura dos acontecimentos daquele período, e indicar novos olhares sobre aquela realidade. A intenção é que as novas perspectivas se distanciem das visões estereotipadas e reducionistas de Estado e sociedade, propostas pela ditadura, que por se tratar de um conteúdo histórico complexo, e carregado de desdobramentos atemporais, são pouco abarcados pelo cinema documentário brasileiro.

1.2 PERSPECTIVAS DA MEMÓRIA NOS FILMES DOCUMENTÁRIOS E A RELAÇÃO FUTEBOL E CINEMA

Os filmes documentários instigam os anseios do público em prol do descobrimento e do conhecimento, especialmente quando eles remetem a um objeto histórico e sugerem (re) interpretações históricas variáveis. A lógica em torno do conhecimento apreendido com o documentário se apresenta então como uma perspectiva contínua e cíclica, e as informações captadas se configuram como poder e responsabilidade. Nesta ótica, as maneiras como usamos tal conhecimento devem estender-se ao comprometimento no mundo histórico representado nestes filmes, e não apenas ao envolvimento com o documentário em si. "O documentário propõe a seu público que a satisfação desse desejo de saber seja uma ocupação comum. Aquele que sabe compartilhará conhecimento com aqueles que desejam saber" (NICHOLS, 2001, p. 70-71).

A este respeito, podemos apontar a memória afetiva construída em torno do futebol em um momento delicado da história brasileira, ou seja, a ditadura militar, como os elementos, futebol e ditadura, que criaram tal comprometimento do público para com o mundo histórico representado na obra. Os dois elementos são articulados no filme documentário de maneira a despertar nos espectadores – em circunstâncias paralelas – seus anseios e afeições pelo esporte mais popular do país e, como tentaremos colocar, a necessidade de atenção para o cinema e sua qualidade difusora.

1.2.1 PERSPECTIVAS DA MEMÓRIA NOS FILMES DOCUMENTÁRIOS

A busca por definições de determinados conceitos é quase sempre uma tarefa de difícil execução. No campo das ciências humanas, trabalhar com designações claras e objetivas a respeito dos conceitos empregados nas diversas possibilidades de produção acadêmica, estabelecem parâmetros que facilitam a compreensão e interpretação dos trabalhos.

Neste sentido, e partindo de pressupostos teóricos que tangem a perspectiva da memória, procuramos traçar algumas considerações que nos serão úteis para melhor compreendermos como o documentário Memórias do Chumbo – O Futebol nos Tempos do Condor / Brasil trabalhou com a aproximação e o reconhecimento do público para com o mundo histórico revisitado no filme. Além das questões em torno da memória, também analisamos aspectos relacionados à própria história e os arquivos, com o objetivo de compreender o cinema de gênero documentário e sua relação como *lugar de memória*.

O tema "memória" vigora como uma das principais preocupações das sociedades modernas. A temática é amplamente discutida por autores e pensadores contemporâneos, que têm procurado, cada qual ao seu modo, construir uma definição para o conceito. O autor Andreas Huyssen[43] entende que a época em que vivemos se opôs ao grande paradigma que esteve em vigência ao longo do Renascimento e do Modernismo, onde os anseios e inquietações sociais eram voltados para o futuro. A lógica atual, segundo o autor, está agora voltada para o passado. Fatores como a busca pela monumentalização desse passado e pelo registro da memória, além da compulsão pelo arquivo, expressam as expectativas sobre os chamados "passados presentes" (HUYSSEN, 2000, p. 9). Para Huyssen, o que se verifica é

[43] HUYSSEN, Andreas. Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

> [...] a obsessiva automusealização através da câmera de vídeo, a literatura memorialista e confessional, o crescimento dos romances autobiográficos e históricos pós-modernos (com suas difíceis negociações entre fato e ficção), a difusão das práticas memorialistas nas artes visuais, geralmente usando a fotografia como suporte, e o aumento do número de documentários na televisão (HUYSSEN, 2000, p. 14).

Para justificar a necessidade de se preservar o passado e protegê-lo contra o esquecimento, o autor se baseia na ansiedade gerada pela transformação e velocidade, que determinam o funcionamento desse mundo, marcado pelas tecnologias e informações. Huyssen diz ainda, que as sociedades atuais precisam de "memória e musealização juntas, e que é a velocidade da mudança e o contínuo encolhimento dos horizontes de tempo e espaço" que faz com que criemos a obsessão pelo arquivamento, pelo passado e pela memorização (HUYSSEN, 2000, p. 28).

Esta perspectiva – ou seja, a aceleração histórica – é também tema da abordagem de Pierre Nora[44], que entende que a ameaça do esquecimento motiva a humanidade à busca incessante pelo registro dos acontecimentos, pelos arquivos, e finalmente, pela história.

> Aceleração da história. Para além da metáfora, é preciso ter a noção do que a expressão significa: uma oscilação cada vez mais rápida de um passado definitivamente morto, a percepção global de qualquer coisa como desaparecida – uma ruptura de equilíbrio. O arrancar do que ainda sobrou de vivido no calor da tradição, no mutismo do costume, na repetição do ancestral; sob o impulso de um sentimento histórico profundo. A ascensão à consciência de si mesmo sob o signo do terminado, o fim de alguma coisa desde sempre começada (NORA, 1993, p. 7).

Ao discutir a memória e os anseios por conservá-la, Nora[45] estabelece a ideia de lugar de memória, noção oriunda da necessidade de se discutir de que formas e em quais espaços a memória encontraria sustentáculos para se perpetuar. Para tanto, o autor busca a definição para os conceitos de memória e história, que mesmo remetendo à mesma concepção temporal, qual seja o passado, possuem atribuições próprias.

---

[44] NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: Projeto História. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dezembro de 1993.
[45] NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: Projeto História. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07, dezembro de 1993.

Os esforços em se criar uma delimitação conceitual, que contemplasse a relação entre memória e história, bem como o conceito de memória, isoladamente, foram também objeto de estudo de outros autores. Antes de retomarmos a argumentação de Pierre Nora a respeito dos lugares de memória, cabe ressaltar, todavia, as contribuições do próprio Nora, e de Maurice Halbwachs[46], Jörn Rüsen[47] e Michael Pollack[48] sobre os termos.

A definição do conceito de memória percorre, segundo Jörn Rüsen, alguns campos de discussão teórica. Atemo-nos, entretanto, ao trabalho do autor em estabelecer critérios sobre como classificá-la. Na perspectiva ruseniana, os critérios de classificação da memória se dividem em dois: o método responsivo e o método construtivo. Resumidamente, a memória responsiva vem à tona sempre que uma experiência de um fato histórico surge no imaginário do indivíduo, e ele é forçado, de alguma forma, a reagir a tal experiência, interpretá-la e superá-la. Esta ideia carrega a capacidade de trazer o passado de volta ao presente, através de imagens poderosas e persistentes. Noções de trauma são aqui usadas para compreender melhor como se dá este tipo de memória na consciência das pessoas.

Outra vertente à qual recorremos refere-se à concepção de memória - especialmente a construção de uma memória nacional e coletiva - por Michael Pollack. Segundo o autor, a memória enquanto "operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra em tentativas conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: regiões, clãs, famílias, nações, etc" [49]. Dessa forma, Pollack atribui às referências ao passado, a manutenção da unidade e coerência das instituições e grupos que compõem determinada

[46] HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. 2., ed. São Paulo: Ed Centauro, 2009.
[47] RÜSEN, Jörn. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história, p.163-209.
[48] POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989, p. 3-15.
[49] POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989, p. 3-15.

sociedade. A memória coletiva se apresenta dotada de duas atribuições fundamentais, quais sejam a de manter a coesão interna desses grupos e defender suas fronteiras daquilo que estes têm em comum. Tal argumentação fornece, além de pontos de referência, um quadro de referência, que faz com que Michael Pollack use o termo memória enquadrada ao invés de memória coletiva. "Quem diz enquadrada diz trabalho de enquadramento".[50] O trabalho de enquadramento atua no sentido de enquadrar determinadas referências, explicadas pelas ações dos indivíduos. O autor, completa:

> O trabalho de enquadramento da memória se alimenta do material fornecido pela história. Esse material pode sem dúvida ser interpretado e combinado a um sem-número de referências associadas; guiado pela preocupação não apenas de manter as fronteiras sociais, mas também de modificá-las, esse trabalho reinterpreta incessantemente o passado em função dos combates do presente e do futuro (POLLAK, Michael.1989, p. 3-15).

O material ao qual Pollack se refere, é na verdade, uma reinterpretação do passado, que tem como intuito expandir ou manter os limites de uma instituição ou grupo. O enquadramento da memória se dá por intermédio do trabalho de agentes profissionais, que se empenham em buscar por testemunhas e interroga-las, a fim de construir uma imagem para os acontecimentos.

Compreender o conceito de memória perpassa por, segundo Halbwachs[51], pensar em três diferentes formas, ou níveis, de trabalhar o passado na vida social: a memória comunicativa; a memória coletiva, e a memória cultural[52]. A primeira se baseia, sobretudo, em discussões acerca da relutância da experiência histórica de determinados símbolos, objetos e eventos especiais, para a representação de modelos ou regimes políticos. É um campo de troca cultural onde uma sociedade em constante movimento e evolução, permite que os seus

---

[50] Pollack acredita que a expressão mais visível desse trabalho de enquadramento da memória é, sem dúvida, o trabalho político. Para sustentar tal argumentação ele recorre a Pierre Burdieu In "La représentation politique", *Actes de la recherche* en *sciences s*ociales, 36/37, 1981, p. 3 e seg.
[51] HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. 2., ed. São Paulo: Ed Centauro, 2009.
[52] HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. 2., ed. São Paulo: Ed Centauro, 2009.

desenvolvam um sentimento de pertencimento local. O segundo nível de memória – coletiva – nasce em decorrência do primeiro, a partir do momento que ocorre um maior grau de seletividade do passado. Considerado, os índices de pertencimento a esta sociedade em transformação, aqueles indivíduos que são mais comprometidos com o simbolismo da memória solidificam suas bases e fortalecem suas raízes culturais. Sob o caráter coletivo, a memória se torna mais estável, e representa uma posição mais importante no âmbito cultural. Essa estabilidade proporciona uma vasta gama de unidades sociais, como movimentos sócios ideológicos e partidos políticos. A terceira e última maneira de se pensar a memória, adquire status cultural, e representa o núcleo da identidade histórica. Ela posiciona o regime político de forma estruturada e permanente, em meio à temporalidade dos acontecimentos políticos, além de possuir seu próprio espaço na vida cultural de uma sociedade. Se correlacionadas, nota-se que todas estas memórias são históricas e mutáveis ao longo do tempo. Todavia, aquela memória de cunho cultural mostra-se como uma instituição, com um alto patamar de estabilidade, enquanto, que a coletiva começa a apresentar os primeiros indícios de permanência institucional, e a comunicativa é dissolvida e carente de circunstâncias ou acontecimentos correntes. Sabe-se também que todo processo histórico de grande duração pode, devidamente, ser interpretado e estudado sob suposições que dizem respeito, à transformação comunicativa que sofreram as memórias coletivas, comunicativas e culturais[53].

No que tange a perspectiva histórica, Maurice Halbwachs revela, em outro trabalho, que, diferentemente da memória, especificamente a memória coletiva, a história começa no instante exato que termina a memória. Ele aponta que a "condição necessária para que exista a memória é a de que aquele que lembra, sujeito ou grupo, tenha a sensação de que ela remonta a lembranças de um movimento contínuo". Assim, o autor justifica a distinção entre memória

[53] HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. 2., ed. São Paulo: Ed Centauro, 2009.

e história através da ideia de continuidade, na qual a história é, deste modo, capaz de fazer cortes ou rupturas temporais entre presente e passado, enquanto, que a memória não faz. Halbwachs questiona "como poderia a história ser uma memória, se há uma interrupção entre sociedade que lê essa história e os grupos de testemunhas ou atores, outrora, de acontecimentos que nela são relatados" [54]? O autor postula, enfim, que a memória só encontra bases conjunturais de existência, enquanto estiver enraizada na consciência do grupo que a mantém.

Acerca dos limites conceituais entre memória e história, Pierre Nora entende por memória um fenômeno essencialmente privado, um processo vivido constantemente, conduzido por grupos vivos de agentes sociais, o que a faz perene e suscetível a todas as manipulações e intervenções. Nas palavras do autor:

> Memória, história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma à outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. [...] Um fenômeno sempre atual, um elo vivido no presente. [...] Porque é afetiva, a memória não se acomoda a detalhes que a conforta, ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas e censura ou projeções. [...] A memória instala a lembrança no sagrado. Emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quanto grupos existem, que ela é por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. [...] A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. [...] A memória é um absoluto (NORA, 1993, p. 9).

[54] HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. 2., ed. São Paulo: Ed Centauro, 2009.

Em contrapartida, Nora entende que a história é:

> A reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais, uma representação do passado. A história, porque operação intelectual e laicizante, demandam análise e discurso crítico. A história pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. Ela só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A história só conhece o relativo (NORA, 1993, p. 9).

Como antecipado, ao discorrer sobre os conceitos de história e memória, Pierre Nora desenvolveu a noção de lugar de memória. Ao trabalhar com esta noção, o autor propõe o uso conjunto dos conceitos ligados à memória e à história. Segundo ele, os lugares de memória seriam então o resultado de uma história com fragmentos de memória. Eles não poderiam, deste modo, significar apenas memória, que por não serem mais vividos, estabeleceram rupturas com o tempo, gerando a necessidade de se registrar, arquivar.

Os lugares de memória são, para Nora:

> Antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora. É a desritualização de nosso mundo que faz aparecer a noção. O que secreta, veste, estabelece, constrói, decreta, mantém pelo artifício e pela vontade uma coletividade fundamentalmente envolvida em sua transformação e sua renovação. [...] Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, porque essas operações não são naturais. É por isso a defesa, das minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória (NORA, 1993, p. 12-13).

Na concepção do autor, são três, os tipos existentes de lugares de memórias: 1) lugares materiais, isto é, espaços físicos onde é possível abrigar a memória social. São exemplos de lugares materiais, museus e arquivos; 2) lugares funcionais, ou seja, aqueles que assumem a incumbência de consolidar memórias coletivas, como as autobiografias, os manuais, instituições e associações; 3) lugares simbólicos, que por sua vez, são lugares carregados de significado afetivo, onde aconteceram eventos que marcaram a memória social de uma sociedade. São essenciais para a afirmação da identidade e senso coletivo dessas comunidades. Nora defende, no entanto, que apenas sejam considerados lugares de memória,

aqueles que apresentarem como característica fundamental a capacidade de representação coletiva.

As explanações anteriores fornecem embasamento teórico suficiente, para situarmos os filmes documentários no cerne das questões relativas à memória e história, e finalmente classificá-los como importantes lugares de memória. Michael Pollack entende o universo do cinema como veículo importante no trabalho de enquadramento da memória. Segundo o autor, "ainda que seja tecnicamente difícil ou impossível captar todas essas lembranças em objetos de memória confeccionados hoje, o filme é o melhor suporte para fazê-lo: donde seu papel crescente na formação e reorganização, e, portanto, no enquadramento da memória". Ele destaca, de maneira especial, o gênero documentário: "o filme testemunho e documentário tornou-se instrumento poderoso para rearranjos sucessivos da memória coletiva e, através da televisão, da memória nacional" (POLLAK, Michael. 1989, p. 3-15).

Recorrendo à argumentação de Pierre Nora, quanto aos lugares de memória, verificamos que o mesmo postula, que tais lugares, no exercício pleno de guardar e preservar a memória, exercem dois movimentos distintos, quais sejam um movimento propriamente histórico e outro puramente historiográfico. Este último, também chamado pelo autor de "um retorno da história sobre si mesma", propõe a realização de um retorno reflexivo da história, utilizando para tal, reinterpretações proferidas por autoridades, historiadores e especialistas sobre determinado tema. Os filmes documentários, apresentam-se como verdadeiros espaços, ou lugares – na concepção de Nora – onde tais atividades se reproduzem e auxiliam na preservação dessas memórias. Ao mesmo tempo, o gênero documentário realiza também o segundo movimento concebido por Nora – o movimento propriamente histórico – ao produzir a preservação da memória que "vive sob o olhar de uma história reconstruída". Neste caso, percebemos que o trabalho dos documentaristas, em se fazerem presentes para ouvirem e

registrarem o mundo histórico de determinado grupo ou sociedade, tem como objetivo construir um acervo documental que atue no processo de afirmação e/ou reafirmação da identidade desse grupo.

Concordamos que o documentário Memórias do Chumbo – O Futebol nos Tempos do Condor / Brasil, percorre os dois movimentos intrínsecos aos lugares de memórias postulados por Pierre Nora. A interpretação se justifica no fato do filme apresentar, em sua narrativa, mecanismos que comprovam a sua vocação para se estabelecer, de fato, como um lugar de memória. Estamos nos referindo, por exemplo, ao conjunto de elementos empregados em sua produção, como a participação de atores diretamente ligados ao contexto da ditadura, e também de historiadores que se dedicaram a estudá-la. A obra busca ocupar os espaços relativos aos lugares funcionais de memória, ao passo que se encarrega de solidificar as memórias coletivas, por intermédio de produções carregadas de conteúdo memorial e histórico. Pode-se dizer que ao fazê-lo, Lúcio de Castro estabelece que a posição ideológica do filme, em relação à ditadura se dá no sentido do mesmo atuar como instrumento capaz de resgatar as memórias relativas ao período, e perpetuá-las na sociedade brasileira. Segundo o autor, somente dessa maneira as arbitrariedades outrora consumadas não se repetirão, em nenhum outro momento da história política nacional.

A concepção plena dos filmes documentários está diretamente ligada à maneira como os mesmos se inter-relacionam com a memória. Segundo o autor Cassio dos Santos Tomaim, estes filmes, em suas atividades cinematográficas, assumem responsabilidades por vezes semelhantes as da própria história, quais sejam de não permitirem que os vestígios do passado se percam, se apaguem, ou que sejam esquecidos. Tomaim entende que os documentários devem ser interpretados como um abrigo, em sons e imagens dos resquícios de uma memória viva, exercendo uma atividade de luto que impede que tais sinais desapareçam. O episódio

brasileiro de Memórias assume tal tarefa, ao recorrer aos relatos orais de personagens que constituem, de fato, a própria história dos acontecimentos revisitados pelo filme. A partir do momento, que estes relatos se constituíram como Fontes históricas particulares de tais acontecimentos, as memórias a eles referentes encontrarão um campo fértil para se enraizarem e perpetuarem.

Finalmente, a abordagem temporal e histórica que esta dissertação escolheu como mote, se apresenta como um dos maiores exemplos de memória responsiva – nos termos de Jörn Rüsen – da atualidade brasileira: O seu período marcado pela incidência e alternância dos governos militares. Seguindo ainda os parâmetros estabelecidos por Rüsen, entendemos que os medos, expectativas e esperanças daqueles que se recordam desse passado histórico, fazem destes, os senhores de seu tempo, e ajudam na construção de uma trajetória comunicativa, pautada em narrativas e discursos (RÜSEN, Jörn, 2009, p. 163). Recorremos, para tal, à descrição do método construtivo da memória proposta pelo autor.

1.2.2 A RELAÇÃO FUTEBOL E CINEMA

"Se o futebol é uma grande paixão, o cinema não é um amor menor (...). Assim, quando falamos das relações entre futebol e cinema, estamos certamente narrando os encontros e desencontros entre duas paixões universais, diferentes, mas profundamente relacionadas" [55]. Ao relacionar as temáticas futebol e cinema, o autor Victor Andrade de Melo destaca o elevado número de possibilidades de análises que circundam o campo esportivo e artístico. O futebol é, em termos mundiais, o maior representante das manifestações culturais ligadas ao esporte. Dessa maneira, pretendemos nesta seção apresentar pressupostos que situe

[55] MELO, Victor Andrade de, ALVITO, Marcos. *Futebol por todo o mundo: diálogos com o cinema*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2006.

a ótica particular do gênero documentário no universo contemplado pela inter-relação entre futebol e cinema.

Para efeito de introdução, Melo entende que cinema e esporte – em uma perspectiva mais ampla – devem ser pensados no contexto da expansão das cidades, enquanto espaços de trânsito, de mercadorias e construção de uma cultura fundamentalmente urbana, onde as buscas e as vivências de lazer eram gradativamente mais constantes. Assim, as duas esferas encontraram estabelecidas as condições para se perpetuarem no novo ideário citadino: o esporte, devido a crescente preocupação com o corpo como elemento de consumo, atenção e visibilidade, e o cinema, que alavancado pelo desenvolvimento científico e tecnológico conduziu as sociedades a terem cada vez mais na imagem um importante mecanismo de construção[56].

Em outro trabalho, o mesmo Victor Melo e Maurício Drumond[57] nos contam que a relação entre futebol e cinema representa um importante método de difusão do fenômeno esportivo. Por se tratar de uma representação social de grande importância no Brasil, e permear os discursos de construção da identidade nacional, o futebol apresenta uma demanda constante de estudos das diversas áreas do conhecimento.

A perspectiva da abordagem futebolística no cinema é, como vimos, objeto de análise dos autores supracitados. A discussão realizada por eles se dá no sentido de estabelecer relações entre o uso do futebol, enquanto prática esportiva instrumentalizada, e o universo cinematográfico. Os trabalhos partem de uma constatação: a de que o futebol, embora se configure como um dos esportes mais populares do mundo – no caso brasileiro o mais

---

[56] MELO, Victor Andrade de, ALVITO, Marcos. *Futebol por todo o mundo: diálogos com o cinema*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2006.
[57] MELO, Victor Andrade de. DRUMOND, Maurício. (org.). Esporte e cinema: novos olhares. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009.

popular – não costuma aparecer com frequência no universo cinematográfico. Os autores apontam alguns fatores que explicam esse cenário.

A dificuldade em se reconstruir sinteticamente o ambiente do futebol – os jogos, as disputas dentro do campo – é uma barreira difícil de ser superada pelos profissionais do cinema, tornando esta uma complicação de ordem técnica[58]. Situação distinta ocorre em representações fílmicas de esportes como o boxe, por exemplo, onde essa construção é mais natural.

Do ponto de vista fílmico, o efeito dramático em torno do futebol é menos explícito do que em outros esportes, sobretudo por se tratar de um esporte coletivo que envolve a participação de um número relativamente grande de indivíduos, e por toda a gama de elementos extracampo que o compõe. Outro fator que contribui para a pouca utilização do futebol no cinema é o desinteresse do público norte-americano por este esporte. Os Estados Unidos são a principal indústria cinematográfica do mundo, e a população americana tem o beisebol, o basquete, o futebol americano e o hóquei como seus esportes preferidos. Portanto, produções com temáticas relacionadas a estes esportes são privilegiadas em relação ao futebol.

Por conseguinte, Melo e Drumond entendem que a conexão estabelecida entre futebol e cinema oferece uma sucessão de possibilidades, que auxiliam na compreensão dos discursos referentes às sociedades, determinadas representações, contextos históricos e construções e desconstruções de narrativas.

---

[58] MELO, Victor Andrade de. DRUMOND, Maurício. (org.). Esporte e cinema: novos olhares. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009.

As contribuições dos autores são ratificadas por Mauricio Murad[59], que acrescenta: que cinema e futebol chegaram ao Brasil na mesma conjuntura histórica, e estes participam de espaços sociais, tempos históricos, origem de classe e popularização semelhantes, além de, serem elementos que constituem as identidades coletivas e o ethos dos brasileiros. Segundo o autor, os vários contextos sociais e históricos, oriundos da enorme diversidade cultural existente no país, nos ajudam a compreender os motivos que fizeram esses "produtos de exportação" terem se dado tão bem em nossas terras, além de adquirirem características essencialmente particulares e notoriedade nacional e internacional.

A afinidade do povo brasileiro para com o futebol e o cinema, e a forma como se relaciona com ambos, fez com que o esporte se tornasse uma referência constante nos filmes nacionais. Victor Melo e Maurício Drumond, destacam uma produção considerável de representações fílmicas onde o futebol aparece como pano de fundo. Murad compartilha de tal acepção, mas ressalta que o volume dessas produções ainda está longe do ideal, especialmente se considerarmos futebol como uma "paisagem imagética e o cenário dramático de nossa maior paixão que alcança uma estrutura simbólica fundamental para o entendimento das raízes culturais brasileiras" (MURAD, 2010, p. 196). Este autor destaca também, o gênero documentário como fundamental para o desenvolvimento do próprio cinema e das ciências culturais. Aspectos da cultura popular foram – e são – representados através do cinema para apresentar uma leitura da realidade brasileira, e colocar o futebol num patamar mais elevado em termos de produtividade fílmica. Logo, Murad constata que o campo futebolístico ainda não se consolidou como roteiro para o universo cinematográfico brasileiro. O que ele lamenta, por ver o futebol como:

---

[59] MURAD, Mauricio. Futebol e cinema no Brasil: um enredo, Revista de História, São Paulo, n. 163, p. 191-206, jul/dez. 2010.

> Metáfora notável e extraordinária das características existenciais básicas da vida humana e de nossa formação social, ritual de forte expressividade antropológica, histórica, psicológica, política, linguística, estética... ética da cultura brasileira. Neste sentido, é um objeto polissêmico e polifônico, que articula múltiplos saberes e diferentes linguagens e se inscreve como objeto de estudo no universo das ciências da cultura. Por todos esses motivos, não resta dúvida em relação à grandeza temática e necessária do futebol enquanto objeto da estética nacional, em particular do cinema, uma vez que sua linguagem tal como a do futebol, está fundada na imagem e no movimento articulados (MURAD, 2010, p.200).

O autor percorre os caminhos da consolidação do futebol e do cinema, e da ligação entre ambos na sociedade brasileira desde o início, destacando suas origens europeia, imperialista, capitalista e elitista, que perduraram até a década de 1920. Na década seguinte, porém, o quadro começa a se inverter. À medida que, tanto o esporte quanto a arte começam a se popularizar e enraizar no país, as produções fílmicas que possuíam o futebol como tema se alavancaram. A identificação dos brasileiros com o futebol cresceu exponencialmente com os triunfos da seleção nacional a partir de 1958, com a conquista da primeira Copa do Mundo de futebol, disputada na Suécia, fator que contribuiu para o aumento dos filmes relacionados ao tema. No entanto, foi a partir de 1990, e com o futebol totalmente estabelecido como elemento de identificação coletiva – vale lembrar que em 1994 o Brasil conquistou o tetracampeonato mundial nos Estados Unidos e oito anos mais tarde o pentacampeonato mundial, na Coréia do Sul e no Japão – que os filmes atingiram um nível acelerado de produção (MURAD, 2010, p.206).

Em levantamento realizado por esta pesquisa, verificamos um total de cinquenta e dois filmes estritamente documentários, que têm o futebol como pano de fundo. Quando reduzimos nosso campo de busca para filmes – também documentários – cuja temática apresenta o futebol como assunto central ou dotado de grande importância, esse número cai para vinte e oito registros. São nove, os filmes onde o futebol configura uma relativa importância nas narrativas, e quinze, aqueles em que o esporte ocupa apenas um pequeno espaço em suas produções. Os dados foram levantados com base no acervo digital Esporte e

Arte: Diálogos, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que tem como principal objetivo a preocupação histórica e também, a memória das obras artísticas, onde o esporte – de uma forma geral – é representado e tematizado. O acervo tem como coordenador Victor Andrade de Melo, cuja perícia nas abordagens referentes à relação entre esporte e cinema contribuiu, para a fundamentação teórica deste trabalho. Os números apresentados datam, porém, do ano de 2008. Mesmo não correspondendo a dados atualizados, quanto ao desenvolvimento de filmes documentários que abordam a temática do futebol, eles permitem concluir que existe, de fato, uma vertente estabelecida de produção cinematográfica do gênero documentário sobre o esporte no Brasil.

Os filmes, cada qual a seu modo, abordam a questão do futebol como o esporte que possui maior identificação com a população brasileira, se constituindo como um dos pilares nos discursos de construção de uma identidade nacional. Quando analisado o período da ditadura militar, lembramos que as produções cinematográficas estiveram sobre forte controle no Brasil, especialmente a partir de dezembro de 1968, quando a censura é recrudescida pela instauração do Ato Institucional n° 5 (AI-5). Neste contexto, e sempre atentos à censura e sua ação no cinema brasileiro, que buscou moldar a produção fílmica de acordo com os projetos nacionalistas do regime, destacamos a produção de alguns filmes documentários[60] que levaram ao público a temática do futebol.

O AI-5 produziu uma série de medidas arbitrárias de efeitos duradouros. Consistiu na fase mais dura do regime militar, quando então, os governantes receberam, poder de exceção, para coibir autoritariamente aqueles considerados opositores ou inimigos do regime. O decreto autorizava o presidente da República, dentre outras ações, a decretar o recesso do

[60] Os comentários acerca do conteúdo dos filmes listados foram retirados do portal eletrônico da Cinemateca Brasileira, vinculada ao Ministério da Cultura, disponíveis por intermédio de buscas de seus títulos em http://www.cinemateca.gov.br.

Congresso Nacional, cassar mandatos de parlamentares, intervir nos estados e municípios da federação, suspender, por dez anos, os direitos políticos de qualquer cidadão, e suspender a garantia do habeas-corpus. O historiador Carlos Fico[61] defende, entretanto, que este representou o amadurecimento das instâncias repressivas existentes antes mesmo de sua instauração[62]. O autor destaca:

> Se o anseio punitivo que caracterizava a linha dura não surgiu repentinamente em 1968, como reação à opção de parte da esquerda pela chamada "luta armada", de fato, a partir do AI-5, as diversas instâncias repressivas já existentes passaram a agir segundo o ethos da comunidade de segurança e de informações ou com ela entraram em conflito. No primeiro caso, está a censura de diversões públicas; no segundo, a propaganda política (FICO, 2004, p. 37).

Ciente desse contexto, a película Brasil – Tricampeão – Copa 70 (1974), do diretor Rogério Martins, relembrou a conquista do tricampeonato mundial de futebol pela seleção brasileira nos gramados mexicanos. O documentário mostra a campanha do selecionado nacional desde a partida de estreia, contra a Tchecoslováquia, até a finalíssima, quando venceu a Itália pelo placar de 4 a 1 no estádio Azteca. Na mesma linha de abordagem sobre a Copa do México, Brasil Bom de Bola (1971) dirigido por Carlos Niemeyer, foi considerado à época o melhor filme brasileiro sobre futebol, especialmente por revelar "a objetividade somada à técnica, à bossa, ao amor e à experiência" da seleção verde-amarela[63]. O mesmo diretor foi o responsável pela produção de Brasil Bom de Bola 78 (1978), que mostrou como se deram os preparativos da seleção brasileira para a disputa da Copa daquele ano na Argentina. O filme destaca o trabalho de renovação da equipe, iniciada em 1970, e trata ainda de questões ligadas à derrota brasileira na Copa de 1974, disputada na antiga Alemanha Ocidental. O filme, Copa 78 – o poder do futebol (1979), do diretor Mauricio Sherman,

---

[61] FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. Revista Brasileira de História, vol. 24, n. 47, São Paulo, 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882004000100003.

[62] Ver análise completa acerca das correntes historiográficas relativas ao Golpe de 1964, seus paralelos e contrapontos em FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. In: Revista Brasileira de História, vol. 24, nº 47. São Paulo, 2004.

[63] AZEREDO, Ely. Brasil Bom de Bola. Jornal do Brasil, , Rio de Janeiro, Caderno B, 19 de janeiro de 1971. Disponível em: www.canal100.com.br.

apresentou ao público brasileiro a Copa do Mundo de 1978, disputada na Argentina, que ficou marcada por algumas medidas tomadas pelos dirigentes esportivos argentinos, com o objetivo de prejudicar a atuação da equipe brasileira. O filme contempla ainda os momentos mais marcantes do torneio, dentro das quatro linhas e também nos bastidores.

A figura do maior jogador de futebol de todos os tempos, também esteve presente nas telas do cinema documentário brasileiro. As conquistas da seleção nas Copas do Mundo de 1958, 1962 e 1970, transformaram Pelé em uma das personalidades mais conhecidas no Brasil e no mundo. O lançamento de Isto é Pelé (1974), produzido pela Rede Globo, com a direção de Luiz Carlos Barreto e Carlos Niemeyer, reforçou o status do jogador como o grande nome do esporte brasileiro da época. A produção explorou seu potencial midiático, com a intenção clara de relacionar seu desempenho dentro dos campos com o interesse do governo militar em torná-lo instrumento de propaganda pró-regime. O filme conta com um arsenal de gols de Pelé à frente da seleção brasileira e do Santos – time que o revelou e onde ele jogou por quase toda a carreira[64].

É válido ainda, neste momento, discorrer brevemente acerca da rede de interesses que possibilitou o diálogo entre a Rede Globo de Televisão – responsável direta pela produção do filme Isto é Pelé (1974) – e o Estado brasileiro durante a ditadura militar. Notemos que, em alguns momentos ao longo deste capítulo, e do capítulo seguinte – sobretudo quando discutirmos o quadro da imprensa esportiva no Brasil – iremos referir à Rede Globo como o grande grupo de telecomunicações e a rede televisiva que despontou, no período em questão, como o maior veículo de comunicação no país, e que por conseguinte, detém desde então, os direitos comerciais de transmissão dos principais eventos esportivos nacionais.

---

[64] A figura de Pelé como garoto propaganda do regime militar será discutida, com maior riqueza de detalhes, no capítulo seguinte, onde abordaremos as relações entre futebol e ditadura pela ótica do documentário Memórias do Chumbo – O Futebol nos Tempos do Condor/ Brasil.

O autor Laurindo Leal Filho diz: “os militares que se alternaram no poder pós-golpe de 1964, souberam, montar uma rede sofisticada de telecomunicações, que serviu como uma das bases principais para sua política centralizadora e repressiva” [65]. O governo brasileiro contribuiu, para a criação e desenvolvimento de empresas privadas de rádio e televisão no país. Esta atuação se deu no sentido de fornecer suporte tecnológico às emissoras, bem como fazer vista grossa à entrada ilegal de capital estrangeiro, para o fomento das suas atividades, conceder incentivos fiscais, especialmente através de isenção de impostos, bancar anúncios publicitários e outorgar concessões aos seus aliados políticos.

Neste cenário, e valendo-se de tais artifícios, a Rede Globo se destacou frente às demais emissoras brasileiras de televisão. Contando com ofertas cada vez maiores por parte do Estado, a emissora apoiava o regime em suas políticas de inserção do Brasil nas práticas do capitalismo associado, ação que fez, em poucos anos, a estrutura física da empresa crescer rapidamente. Para assegurar o clima de benevolência entre as práticas governistas que visavam criar na população a imagem de estabilidade e pleno desenvolvimento do país, a Rede Globo usava de duas estratégias. Em primeiro lugar, acatava as ordens emitidas pela censura e, em segundo lugar, complementava os espaços vazios de sua grade de noticiários com sua própria censura.

Sustentada pelas bases de atuação e controle estabelecidas pelo regime militar, o que se verificou ao longo dos anos, foi o crescimento notório da Rede Globo de Televisão na arena midiática e de imprensa nacional. Findada a ditadura, a emissora já havia se

---

[65] LEAL FILHO, Laurindo. Quarenta anos depois, a tv brasileira ainda guarda as marcas da ditadura. Revista USP, São Paulo, n. 61, p. 40-47, março/maio 2004. Disponível em: http://www.usp.br/revistausp/61/04-laurindo.pdf; LEAL FILHO, Laurindo, Atrás das Câmeras – Relações entre Cultura Estado e Televisão, São Paulo, Summus, 1988, p. 31.

consolidado, de fato, como o grande grupo de comunicação do país, posto que ocupa até os dias atuais.

Acreditamos, contudo, que esta breve explanação sobre a Rede Globo nos permitirá compreender as referências à mesma no capítulo seguinte. Não perderemos de vista, entretanto, o fato de que o foco analítico desta pesquisa se coloca, dentre outras perspectivas, sobre o órgão institucional ao qual a produção do documentário Memórias do Chumbo – O Futebol nos Tempos do Condor foi subordinada, qual seja, a ESPN BRASIL.

CAPÍTULO II – MEMÓRIAS DO CHUMBO – O FUTEBOL NOS TEMPOS DO CONDOR / BRASIL: AS POSSIBILIDADES DE ANÁLISE DO CAMPO FUTEBOLÍSTICO BRASILEIRO DURANTE O REGIME MILITAR NA OBRA DE LÚCIO DE CASTRO

> "O futebol foi usado pela ditadura militar. A frase é tão verdadeira quanto batida. A utilização do futebol para fins de propaganda não é um privilégio das ditaduras, mas nelas esse uso é escancarado e, pela própria natureza autoritária deste tipo de regime, os limites desta utilização se ampliam, tremendamente. Foi a partir desta repetida sentença que se iniciou essa história. A necessidade de sair e ir além desta óbvia formulação. Responder a diversas questões. O quanto o futebol foi utilizado pela ditadura militar no Brasil? Como? Quem? Em que momento foi mais utilizado? A que nível de utilização, vigilância e controle o regime militar chegou sobre a maior paixão dos brasileiros?" [66]

As palavras acima são do jornalista Lúcio de Castro, principal responsável pela produção da série de documentários Memórias do Chumbo – O Futebol nos Tempos do Condor. Elas nos ajudam a entender como se deu o processo de concepção, pesquisa e desenvolvimento dos filmes que mostram as relações entre futebol e ditadura na América do Sul, através de uma ótica particular e inédita. A série completa possui um total de quatro episódios. Cada um deles é fruto de análises e investigações minuciosas, que revelaram as formas pelas quais as ditaduras da Argentina, Brasil, Chile e Uruguai se apropriaram politicamente do esporte mais popular, e importante componente da memória afetiva e da identidade coletiva do continente.

Dedicamo-nos, a partir de agora, a mergulhar no universo que originou a produção dos filmes, e permitiu que as histórias desse momento triste dos países fossem contadas. Nossa intenção, aqui, é a de apontar os mecanismos utilizados por Lúcio de Castro para

---

[66] CASTRO, Lúcio de. Memórias do Chumbo – O Futebol nos Tempos do Condor– Chamadas: Argentina, Chile, Uruguai e Brasil. São Paulo, novembro de 2012. Disponível em: http://espn.uol.com.br/post/294413_memorias-do-chumbo-o-futebol-nos-tempos-do-condor-chamadas-argentina-chile-uruguai-e-brasil.

chegar até essas histórias, e fazer com que elas fossem ouvidas pelo maior número de pessoas possível. Para tanto, é fundamental que conheçamos, ainda que não todos, mas os principais instrumentos dos quais o autor se valeu para concluir os trabalhos de pesquisa histórica, e transformá-los em documentos audiovisuais. Além, dos recursos empregados na produção do documentário, se faz necessário que indiquemos também o contexto sobre o qual ele foi desenvolvido, sua filiação institucional e informações sobre o autor. Cabe ressaltar, entretanto, que dentre os quatros episódios que integram a série Memórias do Chumbo, é no episódio Brasil, que de maneira especial concentramos nossas análises.

As temáticas apresentadas neste capítulo, bem como as estratégias metodológicas das quais nos valemos, estabelecem e permeiam as trajetórias que iremos percorrer até as conclusões deste trabalho. Por ora, elas atuam como o prelúdio para enveredarmos em discussões mais amplas sobre a ditadura militar brasileira e sua relação singular com o futebol.

2.1 SOBRE A FILIAÇÃO INSTITUCIONAL – ESPN BRASIL

O documentário Memórias do Chumbo – O Futebol nos Tempos do Condor é uma produção do canal esportivo ESPN BRASIL. Compreender os aspectos relacionados à instituição responsável pela realização de um filme documentário é, como visto nas discussões iniciais deste capítulo, fundamental para o compreendermos em sua totalidade. A ESPN BRASIL é uma rede que pertence à grade de programação da televisão paga no Brasil. É, em primeira instância, uma franquia da rede americana de entretenimento esportivo ESPN, que opera suas atividades nos Estados Unidos desde setembro de 1979.

A ESPN ostenta o posto de maior e mais importante canal esportivo do mundo. Além dos milhões de americanos que possuem sua assinatura, a emissora está disponível também

em mais de 100 países ao redor do mundo através da ESPN Internacional – rede de filiais pertencentes à ESPN. Fundada inicialmente com o nome ESP, (Entertainment and Sports Programming) – Programação de Esportes e Entretenimento – sofreu uma alteração antes mesmo que estreasse, passando a se chamar ESPN – Entertainment and Sports Programming Network (Rede de Programação de Esportes e Entretenimento). O objetivo de seus fundadores, era o de conceber um veículo de transmissão de esportes para a televisão paga que levasse ao público coberturas esportivas 24 horas por dia. O início dos trabalhos foi marcado pela transmissão de eventos esportivos, que as grandes redes televisivas abertas não exibiam em sua programação, especialmente aos finais de semana. Com o passar dos anos, e principalmente com a entrada dos esportes profissionais em suas transmissões, a partir do fim da década de 1980, a ESPN expandiu de forma notável. Com direitos de transmissão das principais ligas de esportes americanos e também mundiais, a emissora se consolidou como a mais abrangente em seu ramo de atuação. A partir de 1990, o canal começa a se expandir internacionalmente, chegando aos mercados em potencial na América Latina, Ásia e África. (FREEMAN, 2000).

No Brasil, a ESPN começou a ser exibida de forma aberta em 1989. Em junho de 1995 foi fundada a ESPN BRASIL, o primeiro canal de televisão da rede ESPN criada além das fronteiras americanas, que passou a integrar a grade brasileira de canais da televisão por assinatura. O canal brasileiro é propriedade, desde 1999, da American Broadcasting Company, uma empresa subsidiária da The Walt Disney Company. O grupo Disney também é o detentor majoritário (80% das ações) da ESPN nos Estados Unidos.

As referências anteriores são necessárias para entendermos como se dá a operação da ESPN BRASIL no país. Desde a criação do canal, em meados da década de 1990, observa-se uma conduta autônoma em termos de editoriais, política e jornalismo, que permite à emissora

adotar uma postura fundamentalmente mais crítica e imparcial dos fatos, relacionados em sua maioria, ao meio esportivo. O seu corpo de profissionais conta com alguns dos nomes mais importantes e conhecidos do jornalismo esportivo nacional, cuja linha de trabalho e atuação comungam integralmente com a natureza constitucional do canal. Pode-se dizer, contudo, que o viés adotado e defendido pela ESPN BRASIL a coloca numa posição de anteguarda no campo da mídia esportiva brasileira. Tal conduta, altamente perceptível através da liberdade de opiniões exprimida por seus jornalistas, de fato a difere dos principais veículos de comunicação e transmissão de esportes no Brasil.

Sabe-se que a mídia possui um grau importante de permeabilidade nas sociedades contemporâneas. No Brasil, sobretudo durante a ocorrência do regime ditatorial que assolou o país entre 1964 e 1985, os canais midiáticos exerceram um papel importante no sentido de levarem a propaganda oficial do Estado para o lar dos brasileiros. A proximidade com o governo fez com que um grande grupo de telecomunicações despontasse como o maior e mais importante neste segmento. Os eventos esportivos, mesmo naquela época, não ficaram pra trás. O marco foi a Copa do Mundo do México em 1970, transmitida ao vivo na televisão pela primeira vez na história. Desde então, as principais transmissões esportivas foram – e são até hoje – capitaneadas por esta rede televisiva, que por sua vez, possui os direitos de exibição das maiores ligas esportivas nacionais.

As transmissões esportivas são, segundo o autor Pierre Bourdieu[67], obedientes à lógica do mercado ao qual as emissoras – em maior escala – e as próprias transmissões – em menor escala – estão inseridas. As exibições de eventos esportivos devem, portanto, ser concebidas de forma a instigar e atingir o maior contingente de espectadores possível. Além do mais,

[67] BOURDIEU, Pierre Sobre a televisão; tradução Maria Lúcia Machado. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1997.

devem submeter-se à demanda do público quanto a preferência por determinada modalidade esportiva (BOURDIEU, 1997, p. 124). O futebol sempre foi, neste sentido, e também por ser o esporte com maior apelo e comoção entre os brasileiros, o carro chefe das transmissões destinadas ao esporte no Brasil.

A este respeito, Lúcio de Castro, autor da série de documentários Memórias do Chumbo – O Futebol nos Tempos do Condor, em entrevista concedida ao blog TV Esporte, vinculado à coluna de esportes do portal de notícias online Yahoo, falou, dentre outros assuntos, sobre a mídia esportiva brasileira e os direitos comerciais de transmissão dos eventos esportivos no país. Os argumentos do autor a respeito do tema atestam, neste sentido, a argumentação proposta por esta pesquisa – apresentada no parágrafo anterior – acerca da atuação dos canais esportivos no Brasil. Segundo Lúcio de Castro, esta é uma questão

> [...] chave a ser resolvida pelo chamado jornalismo esportivo nos dias de hoje. O fato é que nada é mais urgente no jornalismo brasileiro do que uma imensa discussão sobre a necessidade de separarmos "direitos comerciais" x "jornalismo". Quando falamos em "direitos comerciais" estamos falando em direitos de eventos esportivos etc. Hoje o que temos no Brasil é uma imensa confusão entre as duas coisas. Se você tem o direito do evento X, o jornalismo fica na carona dele, com amarras. Ou seja, chapa branca. Não fala mal de fulano, sicrano, não faz grandes matérias de investigação se tiver problema na confederação do esporte de tal evento, faz vista grossa para o cartola-bandido. Discutir isso é tão básico quanto discutir Igreja x Estado, se devem andar juntos ou separados. Não cabe mais. No entanto, no jornalismo esportivo a questão chave de tudo é isso: Igreja e Estado estão juntos, então se cria uma relação promíscua, onde se cala a boca para desmandos, corrupções, não se faz matéria, só levantada de bola. [...] O que importa é que interessou para alguém essa promiscuidade e urge trazermos esse debate para o centro de nossa profissão. Como categoria, é vergonhoso que não tenhamos esse debate, que não levantemos a mão e apontemos para o fato de Igreja e Estado estarem juntos no jornalismo brasileiro quando falamos em cobertura de esportes e quando pensamos que isso movimenta milhões e a maior parte em dinheiro ou símbolos públicos, como seleções nacionais, não pode seguir assim[68].

Outras considerações proferidas por Lúcio de Castro serão retomadas no tópico seguinte, quando o objetivo será traçar um perfil do autor para melhor assimilar as motivações que o instigou na produção de Memórias.

---

[68] CASTRO, Lúcio de. Memórias do Chumbo – da ESPN analisa rumos do jornalismo esportivo na TV e muito além dela em entrevista exclusiva ao TV Esporte Blog. São Paulo, março de 2015. Disponível em: https://esportes.yahoo.com/blogs/tv-esporte/lucio-de-castro-da-espn-analisa-rumos-do-030506838.html.

Com base nas aclarações anteriores, podemos classificar como intrínsecas as relações que a grande e tradicional imprensa nacional mantém com os caminhos políticos, econômicos e sociais adotados pelo Estado brasileiro nas últimas décadas. Ela por vezes atua, ainda que de maneira implícita, como grande agente de orientação e persuasão do grande público. Essas relações, se analisadas criticamente, nos explicam a conduta praticada por estes veículos de comunicação frente a determinados acontecimentos e situações de interesse e abrangência nacional.

No meio esportivo as associações partem do mesmo pressuposto. Por deterem os direitos de transmissão dos principais torneios esportivos no Brasil, sobretudo aqueles relacionados ao futebol, e, por conseguinte manterem relações com as entidades incumbidas de regulamentar, organizar e promover os campeonatos, os canais assumem uma postura de neutralidade face às decisões, desdobramentos e contravenções que parecem não abandonar o esporte brasileiro. A ESPN BRASIL, por sua vez, dispensa tal postura, por vezes omissa, e se manifesta por meio de seus interlocutores, ou seja, da atuação crítica dos jornalistas e também por uma grade de programação que valoriza o debate e a confluência de ideias, especialmente quando o campo esportivo apresenta alguma questão delicada, e que exige informações imparciais capazes de fornecer aos espectadores condições para posicionamentos futuros.

É bem verdade, que o período da história política nacional compreendida entre as décadas de 1960 e 1980, controlado pelos governos militares, deixou marcas que extrapolam o campo futebolístico. No entanto, notamos que embora as entidades esportivas tivessem suas atividades fiscalizadas pela ditadura, na esfera da mídia e no que se refere à questão da venda e cessão dos direitos de transmissão do esporte no Brasil, um laço se consolidou entre os grupos de comunicação e as próprias entidades. Vale lembrar, neste caso, que foi durante o regime militar que o futebol se expandiu de forma notória pelo país. Veremos no capítulo

seguinte, com maior riqueza de detalhes, que na década de 1970 foi criado um campeonato que representasse, de fato, a territorialidade continental do país. A criação do Campeonato Brasileiro foi a consequência clara deste crescimento, que, paralelamente, obedecia aos ditames do discurso de integração nacional propagado pelos militares. Essa integração foi amplamente impulsionada pela televisão, que passou a operar também como via de lazer e informação (GUTERMAN, 2009, p. 181).

Portanto, faz-se necessário esclarecer que quando nos referimos ao processo de expansão do futebol, iniciado ao longo da ditadura e fomentado pelo traço difusor da televisão, estamos, na verdade, nos referindo ao futebol espetáculo. Segundo o antropólogo social Arlei Damo[69], existem no Brasil algumas matrizes variáveis quanto às práticas futebolísticas. Para o autor:

> A diversidade futebolística pode, então, ser agrupada nas configurações denominadas de futebol profissional, também referido por alguns autores como futebol-espetáculo ou futebol de alto rendimento/performance; futebol de bricolagem, conhecido como fute, pelada, baba, racha e outras designações locais; futebol comunitário, em certos contextos nomeado de futebol de várzea e em outros como futebol de bairro ou amador e o futebol escolar, vinculado à instituição escolar desde o século XIX, como dispositivo pedagógico de uso alargado e transformado em conteúdo da Educação Física ao longo do século XX (DAMO, 2003, p. 136).

Compreendemos a sobreposição do futebol espetáculo diante das demais matrizes, quando analisamos a argumentação do autor acerca deste modelo. Na visão de Arlei Damo, o aspecto de espetacularização do futebol é acarretado por uma série de mecanismos, que o torna diferente de todos os demais segmentos da modalidade. Inicialmente, observa-se um profissionalismo alavancado por uma divisão social do trabalho, que conta com um corpo de profissionais envolvidos diretamente na organização e prática regrada do futebol, profissionais especialistas em organizar uma narrativa em torno do futebol, e levá-la ao

---

[69] DAMO, Arlei. "Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro". In: Movimento, Revista da Escola de Educação Física/UFRGS, Porto Alegre, v. 9, nº 2, mai/ago 2003, 129-56.

grande público; finalmente os torcedores, que absorvem profundamente a circularidade de emoções que carrega uma partida de futebol. Soma-se a este conjunto de particularidades, o grau elevado de excelência performática movida pelos interesses do público, que instaura a necessidade de dedicação absoluta da classe profissional envolvida, que recebe em contrapartida, uma remuneração como trabalho. Ademais, a exibição do futebol sob a tônica de um confronto estilizado e espetacularizado, o torna uma espécie de rito agnóstico, vital para a produção e circulação de sentimentos derivados das situações criadas durante o espaço-tempo de uma partida propriamente dita. De forma especial, os interesses da indústria do espetáculo e o gosto popular permitem a classificação de alguns futebolistas como dignos e/ou muito dignos de compensação, seja financeira e/ou status social (DAMO, 2003, p. 138-140).

Quando pensamos a questão da televisão e suas relações com o Estado, destacamos que durante a ditadura militar esta conexão esteve diretamente pautada pela tutela do regime. O quadro da atual política brasileira nos permite afirmar que a relação entre os canais de imprensa com o Estado não obedece às mesmas configurações de outrora, mesmo que em algum momento apresentem uma congruência de interesses. A diferenciação à qual nos referimos se explica pela superação das práticas governistas, adotadas durante a ditadura, em virtude dos caminhos democráticos seguidos após a abertura política.

Existem, contudo, na sociedade contemporânea brasileira, exemplos que atestam a argumentação apresentada acima, que conferem à ESPN BRASIL mais autonomia e independência frente aos demais veículos de comunicação esportivos no país. Recentemente, dois jornalistas da ESPN BRASIL foram ouvidos nas sessões iniciais da CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) do Futebol: Juca Kfouri e o próprio Lúcio de Castro. A comissão foi criada em maio de 2015, com a finalidade de investigar supostas irregularidades nos contratos assinados pela CBF (Confederação Brasileira de Futebol), no exercício de suas

funções a frente da realização de partidas amistosas envolvendo a seleção brasileira. Os trabalhos estão sendo presididos pelo senador Romário Faria (PSB – RJ), ex-jogador de futebol, e possuem como relator o senador Romero Jucá (PMDB – RR). Juca Kfouri, uma das principais vozes da emissora e um dos precursores do jornalismo investigativo no esporte, proferiu em seu depoimento, dentre outras considerações, críticas ao ex-presidente da CBF, Ricardo Teixeira, que presidiu a entidade entre 1989 e 2012:

> Vou falar apenas do então presidente da CBF, Ricardo Teixeira. Isso foi em 2001. Durante 12 anos ele conseguiu, por meio de gincanas, por meio das coisas que a gente sabe que são comuns na justiça brasileira, ir arquivando um a um desses indiciamentos e não responder a rigor a nenhum deles[70]. [...] Foi necessário, e eu falo isso com pena, foi necessário que a justiça suíça o colocasse em seu devido lugar, como agora foi necessário que o FBI colocasse o senhor José Maria Marin no seu devido lugar[71]. Então eu fico cético em relação ao que a gente consiga aqui, nessa medida em que as coisas parecem que no Brasil não andam[72].

Em outro momento, Juca Kfouri falou sobre as manobras políticas da CBF e sua tentativa em se manter alheia às investigações sobre suas operações:

> Nós acabamos de ter uma votação de uma medida provisória por unanimidade que virou a lei do ProFut[73]. Um dos artigos que não vingaram dessa lei dizia que a CBF era patrimônio cultural do povo brasileiro. E por incrível que pareça, a CBF fez o que pôde e o que não pôde e conseguiu, por intermédio dos seus apoios, impedir que esse artigo virasse lei. Por quê? Por temer o Ministério Público. E eu pergunto: faz sentido que uma entidade como a CBF, sem fins lucrativos, que representa a seleção brasileira, e é muito curioso a gente observar isso, porque ela representa o país, é o hino do Brasil que toca quando a seleção brasileira perfila, são as cores verde e amarelo que aparecem no uniforme da seleção brasileira. Está tudo muito bem até este momento, quando se fala em olhar com outros olhos para a CBF, ela argumenta que ela é uma entidade privada, e que ela não deveria estar sob os olhos do Estado

---

[70] Para maiores informações, ver o livro O Lado Sujo do Futebol: AZENHA, Luís. Carlos; RIBEIRO, Amaury, Jr; CIPOLONI, Leandro; CHASTINET, Tony: Lado Sujo do Futebol, subtítulo: A Trama de Propinas, Negociações e Traições que Abalou o Esporte Mais Popular do Mundo. Planeta, Ed. 1, 2014.

[71] O jornalista Juca Kfouri se refere à operação especial de autoridades suíças, sob o comando do Federal Bureau of Investigation (FBI), que prendeu sete executivos ligados à FIFA (Federação Internacional de Futebol e Associação), sob a acusação de, entre outros, extorsão, conspiração e fraude para lavagem de dinheiro. Segundo a justiça norte-americana, os executivos participavam de um "esquema de vinte e quatro anos para enriquecer através da corrupção no futebol". Para maiores informações ver reportagem completa, disponível em: http://espn.uol.com.br/noticia/513232_operacao-na-suica-prende-jose-maria-marin-e-mais-seis-executivos-da-fifa.

[72] KFOURI, Juca, RANGEL, Sérgio, CHADE Jamil, CRUZ, Jose. CPI do Futebol ouve os jornalistas Juca Kfouri, Sérgio Rangel, Jamil Chade e José Cruz. Brasília, Rádio Senado, agosto de 2015. Disponível em: http://www12.senado.gov.br/radio/search?SearchableText=juca+kfouri.

[73] PROFUT: Programa de Modernização da Gestão e de Responsabilidade Fiscal do Futebol Brasileiro. A instauração do Programa tem como objetivo inicial uma série de medidas que visam melhorar a estrutura e organização do futebol brasileiro, entre elas, a declaração da seleção brasileira de futebol como patrimônio cultural do Brasil. O jornalista Juca Kfouri recorda, em específico, que tal proposta foi vetada pela Câmara dos Deputados.

> brasileiro. E aí, e essa é uma das dificuldades de você investigar e discutir a CBF, é a desonestidade intelectual também que a caracteriza. [...] Ela diz que estamos tentando estatizar o futebol no Brasil. Quando apenas está se tentando fazer uma coisa que é rigorosamente óbvia: transformar a CBF em alguma coisa que seja aquilo que ela de fato é, patrimônio do nosso povo, e não de alguns poucos[74].

O depoimento completo do jornalista Juca Kfouri, pode ser ouvido através do portal eletrônico do Senado Federal na internet[75] e as imagens da sessão encontram-se disponíveis também no Youtube[76].

As explanações anteriores são importantes para corroborarem com a asserção proposta, de que a ESPN BRASIL se distancia das vertentes tradicionais da imprensa esportiva brasileira. Enquanto instituição, a emissora permite em seus editoriais produções do calibre de Memórias, que apresenta um conteúdo histórico denso e carregado de implicações afetivas e inquietantes a seu respeito. Os profissionais que compõem o canal, ainda que na faculdade de sua autonomia ideológica – de qualquer natureza – carregam consigo, e por vezes expressam, orientados pela mesma convicção, opiniões e concepções que são determinantes para a configuração da ESPN BRASIL tal como ela é. Observa-se, assim, uma maior autonomia e liberdade de crítica por parte desses profissionais, que não seriam permitidos em outras emissoras.

Para sustentar tais acepções, recorremos novamente ao autor Pierre Bourdieu[77], que entende que, para compreender o que se passa em determinado canal televisivo, tem que se levar em consideração tudo que este canal deve ao fato de residir em um universo de relações objetivas, entre as várias emissoras que estão em concorrência. Essa concorrência, entretanto,

---

[74] KFOURI, Juca, RANGEL, Sérgio, CHADE Jamil, CRUZ, Jose. CPI do Futebol ouve os jornalistas Juca Kfouri, Sérgio Rangel, Jamil Chade e José Cruz. Brasília, Rádio Senado, agosto de 2015. Disponível em: http://www12.senado.gov.br/radio/search?SearchableText=juca+kfouri.

[75] Disponível em: http://www12.senado.gov.br/radio/1/comissoes/cpi-do-futebol/cpi-do-futebol-ouve-os-jornalistas-juca-kfouri-sergio-rangel-jamil-chade-e-jose-cruz.

[76] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=sFA2XrsO1dQ.

[77] BOURDIEU, Pierre Sobre a televisão; tradução Maria Lúcia Machado. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1997.

é definida de maneira invisível, por inter-relações de forças que, por não serem percebidas, podem ser assimiladas por intermédio de indicadores, como o capital coletivo de profissionais renomados, o potencial midiático e comercial às vistas dos anunciantes, e as fatias de mercado (BOURDIEU, 1997, p. 56).

Neste sentido, concordamos que a ESPN BRASIL representa uma fatia do mercado jornalístico esportivo brasileiro, e o faz apresentando um editorial mais isento e crítico que as demais emissoras do ramo[78].

São muitas as possibilidades que se criam em torno dessas questões. Embora a temática exerça sobre este autor um fascínio natural, analisá-la com o rigor e aplicação que ela merece torna-se a propositura, o mote para projetos de pesquisa futuros. Por ora, vamos nos ater apenas aos aspectos apresentados, e que respaldam nossa argumentação, nos colocando em condição de prosseguir com a análise dos elementos essenciais dos filmes documentários, e suas respectivas interpretações e aproximações com o nosso horizonte de pesquisa. Aqui, o importante é perceber que todas as considerações apresentadas com relação à estrutura institucional, que está no âmago deste trabalho estão alinhadas e nos auxiliam a compreender Memórias do Chumbo – O Futebol nos Tempos do Condor / Brasil diante de sua universalidade e presunção.

[78] Entretanto, é importante acrescentarmos que, em detrimento das demandas de inovação constante impostas por tal mercado, que faz com que os canais esportivos, sempre objetivando as maiores cotas possíveis de audiência e abrangência entre os telespectadores, a ESPN BRASIL passou, nos últimos anos, por mudanças em sua direção de jornalismo, que, em primeira instância não alteraram a natureza crítica do canal, mas acarretaram adaptações, que foram desde a alterações em sua grade de programação até modificações em seu quadro de jornalistas e comentaristas.

2.2 SOBRE O AUTOR – LÚCIO DE CASTRO

“Para tentar compreender o que pode fazer um jornalista, é preciso ter no espírito uma série de parâmetros: de um lado a posição do órgão de imprensa no qual ele se encontra, no campo jornalístico; em segundo lugar, sua própria posição no espaço de seu jornal ou de sua emissora” (BOURDIEU, 1997, p. 57). O argumento de Pierre Bourdieu, acerca do espaço ocupado pelos profissionais do jornalismo, no interior dos veículos de comunicação aos quais eles pertencem, irá nortear as análises seguintes sobre Lúcio de Castro, autor do filme documentário Memórias do Chumbo – O Futebol nos Tempos do Condor / Brasil, que por seu turno, representa a Fonte principal e o objeto de estudo desta pesquisa.

Bourdieu revela que a concorrência econômica entre as emissoras pelos espectadores, ou pelas fatias de mercado, ocorre de uma forma concreta através de uma concorrência entre os jornalistas. Essa competição implica na superação de barreiras e desafios próprios, traz consigo as informações exclusivas, os furos de reportagem, a reputação profissional, dentre outros. Enquanto, permanece sujeito às moderações vinculadas à posição de seu canal nas relações de forças simbólicas e econômicas, o jornalista precisa compreender, de maneira concomitante, a posição e o poder específico que possui sua filiação institucional (BOURDIEU, 1997, p. 58).

Lúcio de Castro é natural da cidade do Rio de Janeiro (RJ), e antes de se tornar jornalista, concluiu – como voltaremos a destacar – a graduação em História. Iniciou sua carreira no ano 2000, no Jornal do Commercio, localizado em sua cidade natal. Em seguida, trabalhou no Jornal do Brasil, onde dividiu a redação com o pai, o também jornalista Marcos de Castro, nome importante do jornalismo esportivo brasileiro, que trabalhou também no Jornal da Tarde (sucursal Rio), no Jornal O Globo, no Jornal O Dia, além das revistas Realidade, Manchete, Veja Rio e Enciclopédia Bloch.

Seguindo os passos do pai, Lúcio de Castro teve passagens como repórter pelo Jornal O Globo, pela Rede Globo de Televisão e pelo canal por assinatura SporTV, propriedade da Rede Globo. Antes de chegar à ESPN BRASIL – onde atua até hoje – ganhou, em 2003, o Prêmio Embratel em parceria com o também jornalista esportivo Fellipe Awi[79], pela série Nos Porões do Futebol, publicada no Jornal O Globo. Conquistou novamente o Prêmio Embratel em 2006, na categoria Reportagem Esportiva, quando foi o responsável pela série Os Passos da Paixão, que fez para o canal SporTV. Ainda pela emissora, foi vencedor, em 2009, do Prêmio Anamatra de Direitos Humanos, na categoria Imprensa, quando foi o autor da reportagem intitulada Escravos do Século XXI, que mostrou a realidade de milhares de trabalhadores bolivianos submetidos a condições sub-humanas de trabalho em oficinas de costura em Buenos Aires e em São Paulo.

Recentemente, em decorrência da morte do escritor uruguaio Eduardo Galeano, em abril de 2015, Lúcio de Castro usou o seu blog no site da ESPN BRASIL para, além de, prestar uma homenagem ao autor, relembrar algumas memórias de infância, onde é possível perceber a proximidade do autor com o tema que, norteou seu trabalho como jornalista nos anos seguintes. Ademais, observamos, que Lúcio de Castro seguiu e foi influenciado pela tradição familiar, na figura de seu pai, e pelas relações que este mantinha com Galeano – por exemplo – para estabelecer um viés crítico e investigativo, que o levou às produções vencedoras dos prêmios que listamos e voltaremos a destacar.

Cabe ressaltar, que Eduardo Galeano foi um importante nome da literatura sul-americana, e suas obras fizeram referência ao conturbado momento vivido pelos países do continente durante as décadas de 1970 e 1980, principalmente, quando os mesmos estiveram sob o comando de regimes ditatoriais. Em sua obra mais célebre, As Veias Abertas da

[79] Fellipe Awi é jornalista e repórter. Atualmente trabalha para o canal esportivo por assinatura SporTV.

América Latina[80], denunciou a amargura e a opressão do continente, além de analisar a exploração econômica e a dominação política na América do Sul. Por tal posicionamento, foi perseguido durante o golpe militar no Uruguai, em 1973. Exilou-se na Argentina, onde após novo golpe militar, em 1976, viu seu nome na lista dos esquadrões da morte, que executavam opositores do regime. Exilou-se novamente, dessa vez na Espanha, onde permaneceu até 1985, quando voltou para o Uruguai após a redemocratização.

Acerca de Galeano, Lúcio de Castro revela:

> É uma lembrança muito vaga. Na verdade, nem sei se lembrança mesmo ou construção de memória pelo relato dos outros, que é na verdade como são nossas recordações mais primárias. Nessa zona cinza entre o que é de fato o que vivi e o que me contam que vivi, a primeira lembrança de Eduardo Galeano é lá pelos meus 3,4 anos. Uma resenha boemia como, eram as resenhas na casa dos meus pais. E eu maravilhado sempre com aquele povo. Naquele dia mais ainda porque alguns ali falavam algo parecido com o que eu entendia mas não era exatamente o que eu falava. Eduardo Galeano e meu pai eram bons amigos e o uruguaio, apaixonado pelo Rio, em uma de suas centenas de vindas, levou até nossa casa seu amigo, jornalista e escritor dos grandes, Luis Martirena[81].

O jornalista fala então do contexto político que marcou aquele momento:

> Eram anos duros, as paredes tinham ouvidos e um coronel no terceiro andar tinha sido incumbido de ver quem entrava e saia lá de casa. A inocência de criança me fazia passar e provocar quando ele se achava escondido olhando pela fresta da janela. Pra desespero dos meus pais, eu mandava tchau e ria! Gente sumia, morria, mas a boa resenha entrou noite adentro, com boa música, boas risadas, as discussões quentes e aquela velha vontade de salvar o mundo, além do papo de futebol e obviamente de política. Tudo isso fazia lembrar que a vida valia a pena, apesar de tudo. E pode ser que seja apenas mais uma construção da memória com o passar dos anos, pelos relatos. Mas tenho tanta clareza ao lembrar da tristeza e do choque dos meus pais com a notícia que chegou poucos dias depois daquele encontro que ouso achar, que é memória pura, como se isso existisse. Luis Martirena tinha sido brutalmente assassinado pela feroz repressão da ditadura uruguaia. Sua mulher, Ivette, que estava naquele dia, teve um tiro disparado dentro de sua boca e a cabeça estourada. Porque tinham convicções e eram contra a ditadura[82].

---

[80] GALEANO, Eduardo. As Veias Abertas da América Latina. Porto Alegre: L&PM , 2010.
[81] CASTRO, Lúcio de. Logo agora maestro Galeano? ESPN, São Paulo, abril de 2015. Disponível em: http://espn.uol.com.br/post/500908_logo-agora-maestro-galeano.
[82] CASTRO, Lúcio de. Logo agora maestro Galeano? ESPN, São Paulo, abril de 2015. Disponível em: http://espn.uol.com.br/post/500908_logo-agora-maestro-galeano.

Em outro momento, Lúcio de Castro fala sobre a importância da família na relação com Eduardo Galeano, e sobre o fascínio que o futebol exercia sobre o uruguaio[83]:

> Foi essa herança familiar que me deu a boa aventurança de ter o privilégio de poder estar por vezes com esse sujeito que escreveu algo tão incrível como "As Veias Abertas da América Latina" com trinta e poucos anos. Era sempre afável. Abusei disso muitas vezes, depois já jornalista mais ainda. Tinha um trunfo além do conhecimento paterno: o futebol. Ninguém gostava mais da resenha de futebol do que Galeano. Ainda no Globo, em 2002, interrompi um período daqueles em que ele parava tudo pra escrever seus novos livros. "Só vou quebrar isso porque é pra falar de futebol". Foi uma página inteira. Brincava sempre comigo que depois daquilo a imprensa brasileira aprendeu que ele não resistia e baixava a guarda se o argumento pra entrevista era ser futebol. E toda hora então, passaram a procurar ele porque sabiam que era o calcanhar de Aquiles[84].

Recorremos a este discurso por entendermos que, ele nos auxilia na construção de um perfil profissional para Lúcio de Castro. O histórico familiar do autor, onde se destacam principalmente a atuação do pai como jornalista esportivo, e os laços de amizade com figuras como Eduardo Galeano, são importantes indícios que explicam sua vocação para com abordagens relacionadas ao esporte e à política.

Consideradas as reflexões, apresentadas no tópico anterior, acerca da ESPN BRASIL, e entendendo-a como instituição à qual Lúcio de Castro é membro, seguimos nossa abordagem relembrando a participação do jornalista da emissora na supracitada CPI do Futebol, no Senado Federal. Tal lembrança se dá no intuito de reconhecer na fala de Lúcio de Castro, concepções e posicionamentos que nos permitiram traçar um perfil acerca do profissional responsável pela produção de Memórias, bem como alinhá-lo às formas de atuação do canal ao qual ele faz parte.

Em seu depoimento na CPI, Lúcio de Castro apresentou documentos – que ao final da sessão entregou aos responsáveis pela investigação – contendo provas e informações a

---

[83] Ver as obras de Eduardo Galeano *Su majestad el fútbol* (1968). *Sua majestade o futebol* (1968). tradução nossa; e *El fútbol ao sol y sombra* (1995). Futebol: sol e sombra.

[84] CASTRO, Lúcio de. Logo agora maestro Galeano? ESPN, São Paulo, abril de 2015. Disponível em: http://espn.uol.com.br/post/500908_logo-agora-maestro-galeano.

respeito de fatos considerados irregulares, que envolvem o meio esportivo brasileiro, sobretudo relacionados à CBF e pessoas ligadas à entidade. Após relembrar fatos, em alguns casos temas de matérias de sua autoria, ele concluiu com a mensagem:

> Resumo desta ópera toda: cavando bem, esta CPI pode ir parar bem longe. O buraco não tem fim, e seus vasos intercomunicantes, suas ramificações, seus caminhos, podem levar a potes de ouro imensos ligados à personagens bem conhecidos e outros jamais imaginados. É o que, nós brasileiros, esperamos de vossas senhorias. Talvez seja a última esperança para resgatar o orgulho ferido de uma das faces mais significativas de nossa cultura, traço de afirmação de nossa identidade, projeção de nossas vidas e elaboração de nossos símbolos. Me despeço aqui com o perdão da rima pobre: Vejo vocês em 2016[85].

O jornalista se referiu ao ano de 2016 não por acaso. O Brasil será o país sede dos Jogos Olímpicos do mesmo ano, que serão realizados na cidade do Rio de Janeiro. Recentemente o jornalista foi o responsável por uma investigação que apontou irregularidades e descaso com o dinheiro público na CBV[86] (Confederação Brasileira de Vôlei), fato que fez consolidar seu caráter investigativo. No início de seu depoimento na CPI do Futebol, ele lembrou da ocasião e fez referência às Olimpíadas, justificando a alusão: "Estive nesse Congresso recentemente falando do escândalo na Confederação Brasileira de Vôlei, que segue sendo visto por Ministério Público e Polícia Federal. Espero estar, e me convido desde já, depois das Olimpíadas, para falar sobre tudo que é esporte e não é futebol nesse país. Um ralo inesgotável de dinheiro público" [87].

---

[85] CASTRO, Lúcio de. Leia na íntegra a fala de Lúcio Castro na Comissão de Esporte da Câmara dos Deputados. ESPN, São Paulo, maio de 2014. Disponível em: 26 - http://espn.uol.com.br/noticia/412350_leia-na-integra-a-fala-de-lucio-de-castro-na-comissao-do-esporte-da-camara-dos-deputados.

[86] A série de reportagens sobre a CBV recebeu o nome de Dossiê Vôlei e foi publicada no *site* da ESPN BRASIL no dia 24/02/2014: http://espn.uol.com.br/noticia/391752_dossie-volei-processos-mostram-privilegios-em-negocios-com-empresas-de-ex-dirigentes-da-cbv. Com o Dossiê, Lúcio de Castro apurou, dentre outras irregularidades o mau uso do dinheiro público, que contratos firmados pela gestão do ex-presidente da entidade, Ary Graça Filho, beneficiou pessoas próximas ao mandatário. Dossiê Vôlei venceu o Prêmio Embratel de melhor Reportagem Esportiva de 2014, e também o prêmio da Associação dos Cronistas Esportivos do Estado de São Paulo (ACEESP). na categoria Furo Jornalístico do mesmo ano. Para maiores informações sobre o Dossiê Vôlei, ver a lista de matérias publicadas no *site* da ESPN BRASIL, disponível em: http://espn.uol.com.br/noticia/463105_dossie-volei-ganha-premio-embratel-de-melhor-reportagem-esportiva-de-2014.

[87] CASTRO, Lúcio de. Leia na íntegra a fala de Lúcio Castro na Comissão de Esporte da Câmara dos Deputados. ESPN, São Paulo, maio de 2014. Disponível em: 26 - http://espn.uol.com.br/noticia/412350_leia-na-integra-a-fala-de-lucio-de-castro-na-comissao-do-esporte-da-camara-dos-deputados.

Assim como no caso do jornalista Juca Kfouri, o áudio referente à fala de Lúcio de Castro à frente da CPI do Futebol também encontra-se disponível na internet. O texto, na íntegra, e as imagens podem ser conferidas, no site da ESPN BRASIL[88].

Como principal responsável pela série de documentários analisadas por esta pesquisa, a atuação de Lúcio de Castro em seu ofício de jornalista desperta-nos particular interesse. Em março de 2015, Lúcio concedeu uma entrevista ao blog TV Esporte, do portal Yahoo, fato que já mencionamos no tópico anterior, cuja a interlocução foi norteada por temáticas que abordaram a real importância das reportagens investigativas na mídia esportiva brasileira, bem como as dificuldades de cobertura e análises isentas de fatos e eventos esportivos, que muitas vezes estão articulados aos direitos comerciais sobre os mesmos. A repercussão vitoriosa da série Memórias do Chumbo e os trabalhos de investigação que culminaram no Dossiê Vôlei, também foram lembrados. O conteúdo da entrevista, como veremos, chama atenção pela proximidade com as perspectivas apresentadas até então, e ratificam as análises desse importante elemento avaliativo para se trabalhar com o gênero documentário: a comunidade de profissionais.

Questionado sobre a sua avaliação do espaço concedido pelos canais de televisão brasileiros, às reportagens oriundas de trabalhos minuciosos de investigações, que é um dos marcos de sua carreira enquanto jornalista, Lúcio de Castro respondeu:

> O espaço das grandes reportagens nos canais de esporte ainda é muito abaixo do que deveria ser. E isso é muito sério: com todos os contratempos, estamos em um país, que, queiram uns ou não, mudou e melhorou demais, onde as instituições tem dado demonstração de maturidade, o estado democrático de direito funciona e, com todas as frustrações que ainda podemos ter, malfeitos até de poderosos são punidos. [...] Um ponto fora dessa curva na maior parte das vezes é a imprensa, ainda que excepcionais colaborações tenham sido dadas nesses anos, mas a falta de transparência e parcialidade absurda de boa e maior parte da imprensa envergonha

[88] CASTRO, Lúcio de. Leia na íntegra a fala de Lúcio Castro na Comissão de Esporte da Câmara dos Deputados. ESPN, São Paulo, maio de 2014. Disponível em: 26 - http://espn.uol.com.br/noticia/412350_leia-na-integra-a-fala-de-lucio-de-castro-na-comissao-do-esporte-da-camara-dos-deputados.

> ainda, e aí falamos de imprensa de modo geral, esportiva ou não, e ela tem parte grande nisso[89].

O jornalista abordou a repercussão da série de documentários Memórias do Chumbo – O Futebol nos Tempos do Condor em dois momentos distintos ao longo do diálogo. Primeiro, ao se posicionar sobre os estilos jornalísticos adotados pelos canais esportivos e uma possível perda de espaço das reportagens nestes meios em relação aos programas de natureza opinativas. Após uma breve aclaração a respeito desta questão, Lúcio diz que na sua visão a televisão prioriza as programações ao vivo, o que favorece a sobreposição dos programas opinativos, mas que, os canais devem preencher as suas grades com editoriais sofisticados e de qualidade. É neste momento que ele cita os documentários de sua autoria: "Nesse sentido, mui modestamente, o "Memórias do Chumbo" foi também um exemplo, uma produção de fôlego que repercutiu no mundo inteiro, um recheio que trás força pro resto da grade e que, como dizem os burocratas, agrega valor" [90]!

Em um segundo ato, ao comentar sobre um prêmio que recebeu pelo trabalho em Dossiê Vôlei, ele fala novamente sobre a série:

> Tive a emoção de viver um momento maior do que jamais pude sonhar que foi ganhar um "Prêmio Gabriel Garcia Marquez" por "Memórias do Chumbo – O Futebol nos Tempos do Condor". É considerado hoje, no jornalismo mundial, pelos europeus, americanos que concorrem e valorizam, como o segundo maior prêmio do mundo, atrás apenas do "Pulitzer" que, no entanto, é fechado, para os Estados Unidos apenas. É inclusive chamado de "o Pulitzer mundial", tem jurados como John Lee Anderson, Martin Caparroz e outros tantos monstros. [...] Sinceramente, tá na minha estante, ninguém tira mais, o único brasileiro a ter conquistado tal prêmio. Me dá imensa alegria, acima de tudo por me lembrar sempre que se combateu o bom combate. Amplificou o "Memórias do Chumbo" para o mundo inteiro, vários países quiseram exibí-lo, faço palestras no mundo inteiro pela luz que o prêmio te dá, então

[89] CASTRO, Lúcio de. Memórias do Chumbo – da ESPN analisa rumos do jornalismo esportivo na TV e muito além dela em entrevista exclusiva ao TV Esporte Blog. São Paulo, março de 2015. Disponível em: https://esportes.yahoo.com/blogs/tv-esporte/lucio-de-castro-da-espn-analisa-rumos-do-030506838.html.

[90] CASTRO, Lúcio de. Memórias do Chumbo – da ESPN analisa rumos do jornalismo esportivo na TV e muito além dela em entrevista exclusiva ao TV Esporte Blog. São Paulo, março de 2015. Disponível em: https://esportes.yahoo.com/blogs/tv-esporte/lucio-de-castro-da-espn-analisa-rumos-do-030506838.html.

> segue o baile, que mais?! É algo definitivo, como o cara ser campeão olímpico ou mundial, marca uma carreira[91].

Outra passagem da entrevista, de Lúcio de Castro ao blog TV Esporte, que merece destaque, se dá quando o mesmo comentou sobre sua participação em um dos programas mais consagrados da ESPN BRASIL, o Bate-Bola 2ª Edição. Após falar sobre a experiência de participar ao vivo das transmissões, ele destaca a atuação de outro jornalista da emissora:

> [...] um capítulo extra aqui para o Mauro Cezar[92]. Poucas vezes alguém conseguiu juntar numa mesma pessoa a veia do jornalismo, a busca incessante do que é a profissão, com exatidão e conhecimento do tema de sua área e com paixão, destemor. Acho mesmo que o Mauro inaugurou um tempo que será cada vez mais o caminho: o comentarista que apura também para dar e embasar informações, mas sem perder a independência, sem que a apuração com A ou B te torne devedor desse cara[93].

Não obstante, ele destaca também a presença, por trás das câmeras, de José Trajano[94], diretor de jornalismo da ESPN BRASIL e um dos fundadores do canal no país. Trajano foi inclusive convidado por Lúcio a participar do episódio brasileiro de Memórias do Chumbo. Sobre os fatores determinantes para o sucesso do programa e sobre o colega, Lúcio disse:

> É preciso dizer que por trás estava o Trajano. A história também vai fazer justiça a um caso único, que, temo, não vai mais existir no Brasil, se não tivermos urgentemente essa discussão sobre "jornalismo" x "direitos comerciais". Alguém pode gostar ou não do Trajano, concordar ou discordar da visão de mundo, do jeito de jornalismo, do América[95], da Tijuca, do escambau, mas tem que reconhecer o valor imenso de alguém no comando e que nunca mandou um recado ao subordinado dizendo que não pode isso ou aquilo, não se deve falar de fulano ou sicrano[96].

---

[91] CASTRO, Lúcio de. Memórias do Chumbo – da ESPN analisa rumos do jornalismo esportivo na TV e muito além dela em entrevista exclusiva ao TV Esporte Blog. São Paulo, março de 2015. Disponível em: https://esportes.yahoo.com/blogs/tv-esporte/lucio-de-castro-da-espn-analisa-rumos-do-030506838.html.

[92] Mauro Cezar Pereira atua como jornalista desde 1983, trabalhou em diversas redações de rádios, jornais, revistas e *sites*. Lecionou em faculdades de Jornalismo e atualmente compõe o quadro de comentaristas da ESPN BRASIL. O jornalista se destaca por ter uma das atuações mais críticas da emissora.

[93] CASTRO, Lúcio de. Memórias do Chumbo – da ESPN analisa rumos do jornalismo esportivo na TV e muito além dela em entrevista exclusiva ao TV Esporte Blog. São Paulo, março de 2015. Disponível em: https://esportes.yahoo.com/blogs/tv-esporte/lucio-de-castro-da-espn-analisa-rumos-do-030506838.html.

[94] José Trajano Reis Quinhões é jornalista e diretor de jornalismo dos canais ESPN no Brasil. Foi um dos responsáveis diretos pela criação do canal ESPN BRASIL, em 1995.

[95] José Trajano é declaradamente torcedor do América Football Club, clube de futebol com sede na cidade do Rio de Janeiro.

[96] CASTRO, Lúcio de. Memórias do Chumbo – da ESPN analisa rumos do jornalismo esportivo na TV e muito além dela em entrevista exclusiva ao TV Esporte Blog. São Paulo, março de 2015. Disponível em: https://esportes.yahoo.com/blogs/tv-esporte/lucio-de-castro-da-espn-analisa-rumos-do-030506838.html.

A intenção de apresentar trechos dessa entrevista é, como já estabelecemos, traçar o perfil da comunidade de profissionais envolvidos na produção da série documental. As considerações registradas a seguir cumprem, enfim, essa função.

Pode-se dizer que buscar uma linha de contornos ideológicos, para definir a equipe de Memórias se resume em personificá-la na figura de Lúcio de Castro. O próprio Lúcio já fez algumas ponderações, sobre o que ele acredita ser a sua essência enquanto jornalista. Exemplos, dessa constatação podem ser encontrados nas duas situações que trouxemos a tona. No depoimento prestado na CPI do Futebol, Lúcio incialmente demonstrou acreditar na seriedade e na sequência dos trabalhos da Comissão. Imediatamente, ele agradeceu pelo presente convite justificando seu aceite pelo, o que segundo ele, consiste nas duas principais atribuições de sua vida e de sua identidade: "ser repórter e ser brasileiro". A natureza dessa personalidade é reafirmada quando analisamos a entrevista concedida ao blog TV Esporte, onde em dado momento, ele defende que, "quando se faz uma reportagem, penso que é por algumas razões: a função do jornalista, de mostrar o que alguém quer esconder é uma delas". Quando questionado sobre o incômodo gerado por suas reportagens, ele reforça que "acima de tudo, é preciso ter a convicção de que esse é o seu ofício. Ser jornalista é assumir tudo isso que é inerente ao que é o ofício". Neste mesmo contexto, ele se pronunciou em relação à censura no meio jornalístico. Nota-se que de forma implícita, mas inteligentemente oportuna, Lúcio se refere aos anos no Brasil onde o gozo da liberdade de comunicação e exercício pleno de determinadas atividades profissionais, estavam sob o crivo da ditadura militar:

> Ninguém precisa ser censurado diretamente, não é preciso que digam para não fazer isso, o sistema diz os limites sem precisar dizer. Esse é um dos segredos dele. Cabe ao repórter sempre tentar ampliar esses limites, incomodar seus superiores para isso. Alguns infantilmente acham contraditório ter certas posições e trabalhar na empresa X ou Y. Bobagem. Se você está lá dentro, tentando ampliar esses limites e não movendo um dedo de suas convicções, de novo, combateu-se o bom combate.

> Sabendo que há um preço a se pagar por isso, mas que esse preço é menor do que já se pagou nesse país em anos passados e do que em muito lugar por aí ainda hoje[97].

De maneira concomitante ao trabalho de estabelecer um perfil para Lúcio de Castro, é criada ainda a possibilidade de aproximação entre atribuições dos documentaristas para com os historiadores.

Nesta direção, o ofício do historiador enquanto autor e produtor destes filmes se sobressai. Este ofício foi, especialmente a partir da década de 1960, repensado diante da abertura de novas Fontes e metodologias. Reconhecendo a autenticidade histórica como uma tradição do documentário, é possível inferir que o historiador, ainda que não desempenhe um papel de ator no filme, é o responsável por resgatar, cuidar e firmar os sentimentos de memória que o contexto determinado pela obra carrega. Ao analisar o discurso de Marc Ferro[98] sobre a análise do filme enquanto objeto de compreensão histórica, é possível perceber que ele reconhece a existência de lacunas a serem preenchidas no processo de elucidação de um filme documento, deixadas justamente pelos historiadores. Partindo da premissa de que um filme não deve ser observado como uma obra de arte, "mas sim como um produto, uma imagem-objeto, cujas significações não são somente cinematográficas" (FERRO, 1992, p.87), o autor defende que uma obra, em especial o filme-documento, contribui positivamente para o conhecimento e percepção social quando suas imagens são pensadas no futuro, ou seja, além de sua intencionalidade, desviando-as das censuras internas e externas na sua produção.

A este respeito, Bill Nichols mostra que são pelo menos três, as histórias – ou trajetórias – que se entrecruzam no filme documentário: a do documentarista, a do próprio

---

[97] CASTRO, Lúcio de. Memórias do Chumbo – da ESPN analisa rumos do jornalismo esportivo na TV e muito além dela em entrevista exclusiva ao TV Esporte Blog. São Paulo, março de 2015. Disponível em: https://esportes.yahoo.com/blogs/tv-esporte/lucio-de-castro-da-espn-analisa-rumos-do-030506838.html.

[98] FERRO, Marc. O filme: uma contra-análise da sociedade? In GOFF, Jacques Le, NORA Pierre (Orgs.). *História: novos objetos.* 3ªed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1988.

filme e a do público. O exercício de compreender estas histórias e interpretá-las conjuntamente, nos revelam a real intencionalidade sobre a qual o filme foi produzido e também, de forma especial, o nível de relação e proximidade entre: autor (es), tema (s) e o mundo que partilhamos (NICHOLS, 2001, p. 94). Nesta análise coletiva, sabe-se que o corpo de profissionais responsável pela produção do documentário é dotado de uma flexibilidade criativa que o historiador, por sua vez, não dispõe. Neste ponto, é importante ressaltar que os filmes documentários são marcados pelo encontro e pela invasão da intimidade do outro, o que faz com que a liberdade de criação supracitada seja condicionada pela ética, exigindo do documentarista um comportamento deveras semelhante ao do historiador, especialmente daqueles historiadores que se dedicam "em vasculhar o sensível na constituição do passado"[99].

A respeito das considerações anteriores que abarcam a proximidade entre as competências de documentaristas e historiadores, analisar o documentário Memórias do Chumbo – O Futebol nos Tempos do Condor / Brasil, oferece a possibilidade de interpretar as ocupações de ambos, de maneira efetivamente conjunta. Isso porque retomar o perfil de Lúcio de Castro e avaliar seu trabalho de fundamentação bibliográfica, acerca dos contextos históricos presentes no documentário implica em interpretar tal ofício, pela ótica da própria pesquisa histórica. Além do jornalismo, Lúcio de Castro possui, também, formação em História, fato que dotou suas investigações do rigor metodológico inerente aos historiadores. Um pouco sobre este trabalho, pode ser conferido nas palavras proferidas pelo próprio Lúcio

[99] TOMAIM, C. S. O Documentário como Chave para nossa Memória Afetiva. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, 2009.

em seu blog no site da ESPN BRASIL, no dia 21 de novembro de 2012, momento que o canal começou a anunciar a série em sua grade de programação[100]:

> Foram meses de um mergulho profundo. Incontáveis idas e pesquisa nos mais diversos arquivos. Arquivo Nacional (Rio e Brasília)., Arquivo do Estado de São Paulo, Arquivo do Estado do Rio de Janeiro. Contatos com quem já vinha pesquisando o período. Dezenas de entrevistas. Horas de gravações. Bibliografia sobre o tema vista e revista[101].

Em outro momento do texto, Lúcio de Castro falou sobre como a memória relativa aos regimes militares e a apropriação política que os mesmos exerceram sobre o futebol é, nos países vizinhos, mais bem difundida do que no Brasil, fato que despertou a preocupação do autor:

> Um trabalho, com o perdão da auto-referência, ambicioso e pretensioso. Afinal, se não fosse assim, melhor nem começar. Ou traria novas respostas e olhares ou ficaríamos na velha frase-chavão. A pretensão era maior no caso brasileiro. Jogando em casa, a obrigação é sempre maior. Seria pretensão demais chegar de passagem ao país dos outros e descobrir histórias bombásticas. [...] Mas a grande pretensão nos países vizinhos era traçar um imenso painel do que foram aqueles anos quanto a essa relação 'Futebol x Ditaduras'. Contar essas histórias. Até porque, como verificamos in locu, essa memória tem sido mais bem tratada nesses locais. Na Argentina, inúmeros livros e documentários falam do tema específico. Uruguai e Chile não ficam muito atrás. No caso brasileiro, esse mergulho profundo me faz ter certeza de algumas respostas para tantas perguntas. Muitas revelações absolutamente novas e provavelmente bombásticas estão ali. A quantidade de apuração conseguida me fez em algum momento achar, que tinha um livro em mãos a ser publicado. Nesses meses de pesquisa e mergulho, muita coisa sobrou. Ligadas ao tema de certa forma e que não couberam no tempo de um capítulo ou mesmo coisas do arquivo que saltavam aos olhos e tinham que ser resgatadas do sono profundo no fundo de uma pasta[102].

Na condição de jornalista, Lúcio fez ainda uma crítica em relação à própria profissão[103], e destaca que, a divulgação da série de documentários deveria motivar trabalhos futuros:

---

[100] O texto completo pode ser lido em: http://espn.uol.com.br/post/294413_memorias-do-chumbo-o-futebol-nos-tempos-do-condor-chamadas-argentina-chile-uruguai-e-brasil.

[101] CASTRO, Lúcio de. Memórias do Chumbo – O Futebol nos Tempos do Condor– Chamadas: Argentina, Chile, Uruguai e Brasil. São Paulo, novembro de 2012. Disponível em: http://espn.uol.com.br/post/294413_memorias-do-chumbo-o-futebol-nos-tempos-do-condor-chamadas-argentina-chile-uruguai-e-brasil.

[102] CASTRO, Lúcio de. Memórias do Chumbo – O Futebol nos Tempos do Condor– Chamadas: Argentina, Chile, Uruguai e Brasil. São Paulo, novembro de 2012. Disponível em: http://espn.uol.com.br/post/294413_memorias-do-chumbo-o-futebol-nos-tempos-do-condor-chamadas-argentina-chile-uruguai-e-brasil.

[103] Se faz pertinente acrescentar que tentamos, ao longo do desenvolvimento desta pesquisa, estabelecer contato com Lúcio de Castro com o objetivo central de obter – e visando contemplar as potencialidades metodológicas

> [...] Somos muitas vezes arrogantes nesse ofício de jornalista. Achamos, que nossos trabalhos esgotam assuntos. 'Memórias do Chumbo - O Futebol nos Tempos do Condor' é pretensioso por outras razões já descritas acima. Mas não por essa. Esse trabalho gostaria muito de, quem sabe, ser um clique para que muitos outros venham, de todos os lados. Jornalistas, pesquisadores [...] [104]

2.3 MEMÓRIAS DO CHUMBO – O FUTEBOL NOS TEMPOS DO CONDOR / BRASIL, EM DETALHES: ANÁLISE DOS COMPONENTES FÍLMICOS DA OBRA

A análise, de todas as argumentações e explanações anteriores, nos permite concluir que a série de documentários Memórias do Chumbo – O Futebol nos Tempos do Condor, com destaque, no caso particular desta pesquisa, exclusivamente para o episódio brasileiro, cumpre seu papel diante dos objetivos propostos por aqueles que a idealizaram. A escolha por trilhar os caminhos metodológicos abarcados pelo cinema de estilo documentário permitiu, através das características correspondentes ao gênero, elucidar um trabalho de revelação acerca de um contexto histórico complexo da história nacional. Ao mesmo tempo, o filme tratou da representatividade de um dos elementos culturais mais importantes no processo de construção de uma identidade coletiva do país, talvez o maior.

É pertinente, enfim, que apresentemos o filme documentário sob a ótica de sua constituição técnica, procurando destacar sua vasta composição imagética e sonora, bem como os discursos proferidos por intermédio de entrevistas e depoimentos de atores que estiveram diretamente inseridos no contexto histórico em questão. Esta análise tem como

---

da história oral, uma entrevista, onde questões que envolvessem a produção do filme documentário, especialmente, mas também aspectos ligados à própria ESPN BRASIL enquanto instituição responsável pela obra, fossem abordados. Após termos alcançado sucesso nas tentativas iniciais de contato com o jornalista, e, após o mesmo ter concordado em conceder-nos a entrevista, ainda que por telefone ou via e-mail, Lúcio de Castro, por razões que desconhecemos, não deu prosseguimento às conversas, inviabilizando nosso intento principal.

[104] CASTRO, Lúcio de. Memórias do Chumbo – O Futebol nos Tempos do Condor– Chamadas: Argentina, Chile, Uruguai e Brasil. São Paulo, novembro de 2012. Disponível em: http://espn.uol.com.br/post/294413_memorias-do-chumbo-o-futebol-nos-tempos-do-condor-chamadas-argentina-chile-uruguai-e-brasil.

intuito principal evidenciar a riqueza do acervo histórico, ao qual a equipe de Memórias, encabeçada por Lúcio de Castro, se valeu para produzir o filme e apresentar o resultado do trabalho. Buscando destacar as escolhas técnicas e os recursos fílmicos utilizados, pelo autor, para construir uma narrativa lógica e dotada de sentido, procuramos dividir esta seção em sub itens, que contemplam aspectos específicos do filme, tais como: o contexto no qual ele foi produzido; sua repercussão e reconhecimento nacional e internacional; sua trilha sonora; a seleção dos personagens que participaram e contribuíram para com as abordagens propostas e os blocos narrativos que definem sua arquitetura.

2.3.1 OS BLOCOS NARRATIVOS E AS CENAS DE ABERTURA

Para que o leitor tenha maior dimensão acerca do filme documentário, que utilizamos como Fonte histórica principal desta pesquisa, é necessário destacarmos que o mesmo é composto por um conjunto de blocos narrativos arquitetados com o objetivo de construir uma organicidade, estrutura e cronologia à narrativa. Estes blocos correspondem a diferentes perspectivas e abordagens: 1) abertura e contextualização histórica brasileira e sul-americana que antecederam 1964, e conjunturas políticas internas e externas que levaram ao golpe; 2) os primeiros anos do regime militar e o despertar dos militares para as potencialidades de apropriação do futebol; 3) relação futebol e ditadura militar – Copa do Mundo de 1966; 4) anos de chumbo do regime – recrudescimento do autoritarismo e mecanismos de controle social; 5) vigilância sobre personagens ligados ao futebol: caso João Saldanha; 6) militarização da seleção brasileira de futebol; 7) relação futebol e ditadura militar – Copa do Mundo de 1970; 8) aumento da vigilância sobre personagens ligados ao futebol – casos Afonsinho, João Havelange e Pelé; 9) a Operação Condor e sua ligação com o futebol; 10) considerações finais. Tais blocos narrativos, embora apresentem conteúdos

distintos e representem contextos específicos, remetem todos ao mesmo eixo temático, ou seja, a relação entre o futebol e a ditadura militar no Brasil.

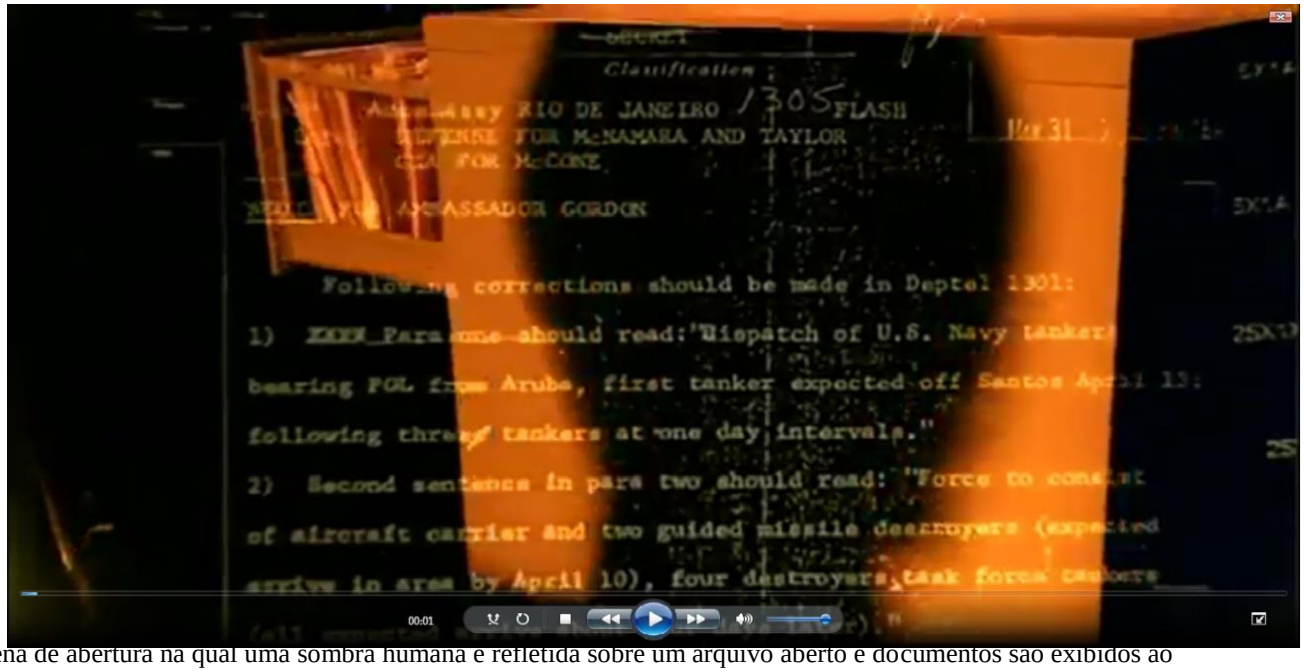
Por entendermos, que o objetivo principal deste trabalho é estabelecer um diálogo entre a historiografia relacionada ao tema com as perspectivas levantadas pelo documentário, seguir com as análises fílmicas de acordo com a sequência original que os blocos narrativos aparecem no filme, não nos parece o melhor caminho a percorrer. Compreendemos, entretanto, que tal prática é, em verdade, geralmente a mais utilizada nos trabalhos que comungam de Fontes fílmicas. Ademais, não iremos contemplar em nossas análises, todas as cenas referentes aos blocos narrativos que compõem o episódio brasileiro de Memórias do Chumbo – O Futebol nos Tempos do Condor. Selecionamos, contudo, alguns elementos empregados na produção do filme, que nos permitem apresentar um resumo das linguagens às quais Lúcio de Castro se valeu, para o desenvolvimento da obra.

Podemos observar que os recursos imagéticos empregados na representação fílmica estão presentes desde as suas cenas iniciais. Logo na abertura é possível verificar como o documentário usa da combinação de artifícios visuais e sonoros, para mediar e percorrer toda a narrativa. A primeira imagem que o espectador vê é uma sombra humana refletida sobre uma espécie de arquivo, imediatamente sequenciada pelo mesmo arquivo sendo aberto por um ator – cuja identidade não é revelada – e exibindo uma série de pastas repletas de documentos. A seguir, após ter aberto o arquivo, o mesmo ator parece procurar por algum documento em específico. A cena é finalizada com algumas fotos dispostas sobre a superfície do arquivo. Se observadas com atenção, elas são de momentos particulares da ditadura militar, com destaque para a foto na qual o presidente Médici aparece erguendo a taça do tricampeonato mundial de futebol, em 1970. A cena seguinte mostra uma máquina de escrever, característica da época, e percebe-se também que documentos confidenciais aparecem ao fundo de toda ação. A

abertura do filme é finalizada com uma sequência de imagens em movimento, onde aparecem novamente a sombra do ator, a mesma máquina de escrever – onde é possível verificar a escrita do que vem a ser o nome da obra – e por fim um tanque de guerra em deslocamento ao fundo e o título original da série em contraposição à frente. Fizemos alguns cortes na cena e apresentamos a seguir algumas imagens congeladas que ratificam a descrição anterior e facilitam o trabalho de compreensão do leitor[105].

[105] Tal prática se repetirá ao longo de toda a dissertação, sempre com o objetivo de orientar o leitor e facilitar sua compreensão acerca dos recursos utilizados no filme para construir sentido lógico às narrativas.

FIGURA 1:



Cena de abertura na qual uma sombra humana é refletida sobre um arquivo aberto e documentos são exibidos ao fundo.
Fonte: MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Brasil. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 51:18.

FIGURA 2:



Fotografias dispostas sobre a superfície do arquivo. Destaque para a foto (à direita) do presidente Médici erguendo a taça do tricampeonato mundial de futebol conquistado pela seleção brasileira, em 1970.
Fonte: MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Brasil. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 51:18.

FIGURA 3:



"Memórias do Chumbo" escrito à máquina de escrever. Nome que vem a ser o título original da série de documentários.
Fonte: MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Brasil. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 51:18.

FIGURA 4:



Imagem do tanque de guerra ao fundo. À frente e abaixo do tanque, o título completo da série de documentários: Memórias do Chumbo - O Futebol nos Tempos do Condor. A ação em movimento do tanque sobre o título sugere a persistência e o resgate das memórias do período, apesar da repressão.
Fonte: MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Brasil. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 51:18.

O conjunto de componentes visuais da cena de abertura tem como objetivo claro, criar um clima de suspense no espectador. As imagens do arquivo sendo aberto indicam que os mistérios instaurados no Brasil desde o fim da ditadura começam, enfim, a serem descobertos. O filme atua como um instrumento que ratifica a necessidade de revelá-los. A máquina de escrever, os documentos confidenciais que aparecem ao fundo das imagens e o tanque de guerra ilustram e, paralelamente remetem ao tempo histórico estudado pela série. O tanque, em especial, evoca o autoritarismo que marcou o período dos regimes militares. Este, ao avançar sobre o título da série de documentários – Memórias do Chumbo – cria uma espécie de jogo de espelho, onde o mesmo título é projetado, em forma de sombra, no chão. A ação sugere a idéia de que apesar da repressão, as memórias relativas ao período sobreviveram. Toda a cena é rodada ao som de uma trilha sonora, que ratifica o propósito de instigar o público. O som tétrico das primeiras imagens, da máquina no ato da escrita, a reprodução de soadas militares, que mais lembram os de uma marcha oficial, são exemplos óbvios desta perspectiva.

Como já mencionamos, a série de documentários possui um total de quatro episódios, sendo cada um deles referente a um país visitado pelos produtores: Argentina, Brasil, Chile e Uruguai, e em todos os episódios a cena de abertura descrita acima se repete. A identificação do país a ser mostrado, por um determinado capítulo, vem diretamente após o encerramento da cena, onde seu nome aparece em letras garrafais ao centro da imagem.

Detemo-nos ainda às primeiras cenas. A identificação do país a ser exibido, pelos filmes, vem acompanhada de uma breve introdução sobre o contexto político que anteveio ao seu período da ditadura militar. No caso brasileiro, destacamos a utilização de alguns recursos que reforçam esta contextualização. O discurso do narrador é então anunciado em voz over:

> Tempos de glória. Anos dourados. Atravessaram o fim da década de 1950 e romperam os anos de 1960. O otimismo de uma era de ouro atropelava a razão e a matemática, projetando cinquenta anos em cinco. Os acordes de uma nova bossa ganhavam o mundo e embalavam conquistas jamais imaginadas, deixando complexos pra trás[106].

Este trecho é proferido ao som da música Chega de Saudade, de Tom Jobim. O cantor é considerado um dos nomes mais importantes da música popular brasileira e precursor do movimento musical que ficou conhecido como Bossa Nova. Ao mesmo tempo em que ouve a narração, o espectador se defronta com imagens em movimentos que ilustram as passagens mencionadas pelo narrador, com destaque para o Plano de Metas do presidente Juscelino Kubitschek e as conquistas no campo esportivo, com o primeiro título mundial da seleção brasileira de futebol em 1958, e as vitórias da tenista Maria Esther Bueno entre o fim da década de 1950 e meados de 1960.

É interessante perceber como a temática do futebol é abordada pelo documentário. No trecho que destacamos acima, a narrativa fala da superação de complexos. Ao fazê-lo, Lúcio de Castro se refere à designação, complexo de vira-latas, de Nelson Rodrigues. Em texto publicado na Revista Manchete, no dia 31 de maio de 1958 – data da última publicação do escritor em sua coluna "Personagem da Semana", antes da estreia da seleção brasileira na Copa do Mundo daquele ano – Nelson definiu pela expressão complexo de vira-latas:

> A inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. Dizer que nós nos julgamos "os maiores" é uma cínica inverdade. Em Wembley, por que perdemos? Porque, diante do quadro inglês, louro e sardento, a equipe brasileira ganiu de humildade. Jamais foi tão evidente e, eu diria mesmo, espetacular o nosso vira-latismo. Na já citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem, - e perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo muito simples: - porque Obdulio[107] nos tratou a pontapés; como se vira-latas fôssemos. Eu vos digo: o problema do escrete não é mais de futebol, nem de técnica, nem de tática. Absolutamente. É um problema de fé em si mesmo. O brasileiro precisa se convencer de que não é um vira-lata, e que tem

[106] MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Brasil. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 51:18.
[107] Obdulio Varela, capitão da seleção uruguaia de futebol bicampeã mundial em 1950 ao vencer o Brasil, no estádio do Maracanã, pelo placar de 2 a 1.

> futebol para dar e vender, lá na Suécia. Uma vez que se convença disso, ponham-no para correr em campo e ele precisará de dez para segurar, como o chinês da anedota. Insisto: - para o escrete, ser ou não ser vira-latas, eis a questão[108].

A superação do sentimento de inferioridade definido por Nelson Rodrigues naquele momento, veio, para a celebração do próprio escritor e também dos brasileiros, que já despertavam a paixão pelo futebol, com a conquista do Mundial de 1958, na Suécia, e com o bicampeonato conquistado no Chile, quatro anos depois.

A imagem a seguir, recortada do documentário, estampa o discurso ao qual nos referimos:

FIGURA 5:



Imagem da tenista Maria Esther Bueno, e a referência à música Chega de Saudade de Tom Jobim.
Fonte: MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Brasil. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 51:18.

A imagem em questão é apresentada ao espectador no exato momento em que o narrador anuncia as "conquistas jamais imaginadas". Esta é uma alusão clara às vitórias da tenista brasileira no cenário do tênis mundial, um esporte que, naquele momento, estava longe

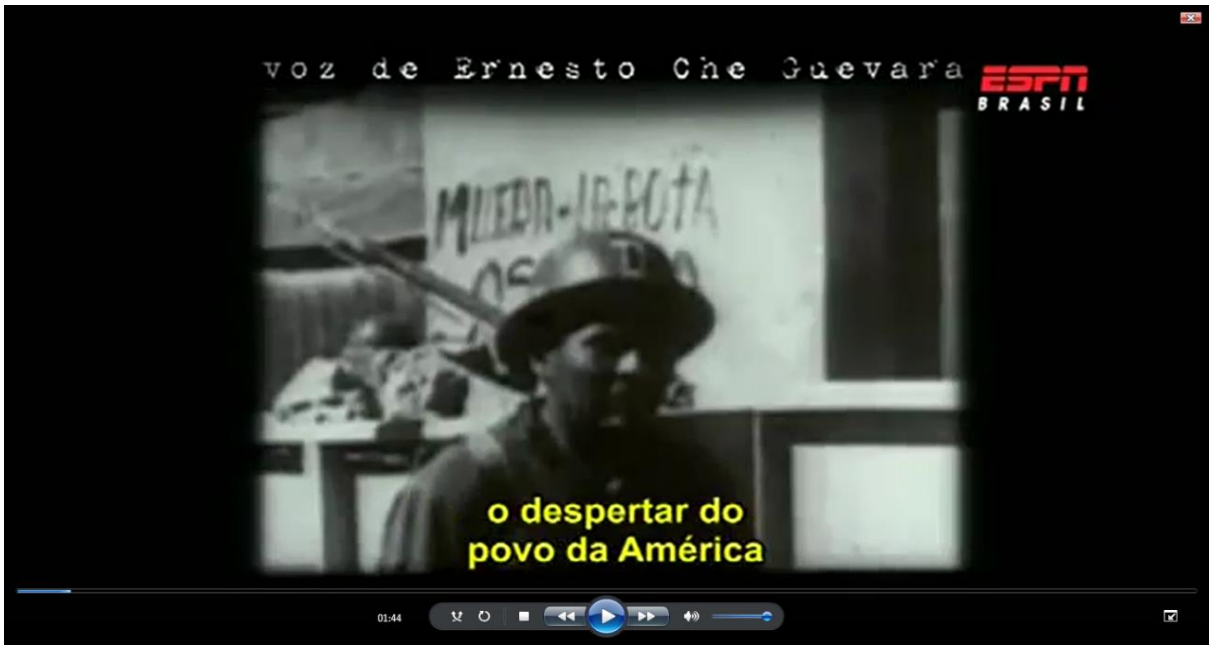
[108] RODRIGUES, Nelson. À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol/ Nelson Rodrigues; seleção e notas Ruy Castro. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

de representar o interesse maior da população, como também de constituir uma tradição dos esportistas brasileiros na modalidade. Ademais, a referência se estende ainda às próprias conquistas no campo futebolístico, pois, como temia Nelson Rodrigues, o maior obstáculo a ser vencido pelos jogadores brasileiros seria a falta de confiança neles próprios.

No mesmo discurso introdutório, o narrador faz referência também ao movimento revolucionário liderado por Ernesto Che Guevara, que inflamou a arena política do continente sul-americano, na segunda metade do século XX: "Ventos do Caribe sopravam pelo continente. O charme dos barbudos da Sierra Maestra e seus feitos arrebatavam corações e mentes da juventude. Ernesto Che Guevara falava em revoluções pelo mundo. A promessa de dois, três, muitos Vietnãs, soava possível" [109]. A narração é interrompida e passa-se a ouvir um discurso do próprio Che Guevara onde, o argentino, diz que as consequências da luta travada por seu movimento fez com que o povo da América do Sul se despertasse para o fato de, que uma revolução no continente seria possível. Mais uma vez, destacamos os recursos utilizados pelo documentário para organizar a disposição de informações, que fazem referência ao assunto. Enquanto a voz de Che Guevara é ouvida, imagens dele em ação à frente dos revolucionários, bem como de guerrilheiros que o apoiavam são exibidas, e nota-se uma indicação por escrito na parte superior da tela confirmando a autoria dessa voz, como podemos atestar na figura 6:

[109] MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Brasil. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 51:18.

FIGURA 6:



Momento do filme onde é reproduzido o discurso de Ernesto Che Guevara.
Fonte: MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Brasil. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 51:18.

Observamos que a análise das cenas anteriores, representam tanto o primeiro bloco narrativo do filme, quanto os demais momentos da narrativa, que apresentamos nesta seção, e que nos permite destacar, mais uma vez, o conjunto de recursos utilizados pelos produtores de Memórias. Tais recursos são na verdade, instrumentos de linguagem utilizados para reforçar a exteriorização dos objetivos e da representação almejados pelo documentário. Nessa perspectiva, destacamos que o conteúdo histórico presente no conjunto de sequências que compõem o documentário estará – como esteve nos recortes analisados até aqui – inserido nos debates historiográficos subsequentes. Juntos, estabelecerão um diálogo importante, que visa nortear e estruturar as configurações metodológicas adotadas nesta dissertação.

2.3.2 O CORPO DE PERSONAGENS

Recorrendo novamente a Bill Nichols[110], aprendemos que os filmes documentários almejam lograr de seu público, uma reação sobre os conhecimentos transmitidos por eles. Para conduzir os espectadores a uma predisposição ou a um ângulo específico de pensar e enxergar o mundo e suas nuanças, os autores devem usar de representações convincentes, verossímeis e, sobretudo, comoventes. Uma das formas mais usadas para promover tais interpretações é reunir um corpo de indivíduos – especialistas e testemunhas – que discorram sobre o assunto em questão, ora corroborando com a argumentação central proposta pelo autor, ora expressando por si próprios. No primeiro caso, característico dos documentários que tratam de questões sociais, o documentarista interage quando os debates perpassam por questões sociais. No segundo caso, típico dos documentários que são retratos pessoais dos autores, o documentarista interage com os indivíduos basicamente para mediar o relacionamento e o contato entre eles (NICHOLS, 2009, p. 208).

O documentário Memórias contou, no episódio Brasil, com a participação de historiadores especialistas no contexto histórico da ditadura militar brasileira e que no decorrer de seus posicionamentos, tocaram também em aspectos ligados à relação entre futebol e política do Estado. A presença e as falas de Carlos Eduardo Sarmento e Carlos Fico se justificam como peças fundamentais na composição esquelética do documentário. Eles atuaram no sentido de reforçarem a interpretação dos fatos, que compõem o universo em questão, fornecendo uma aura de cientificidade à narrativa do documentário. No âmbito teórico, estabeleceram os parâmetros práticos e institucionais, pelos quais os governos militares se apoiaram para apropriarem politicamente do futebol. Nota-se que tal recurso é

[110] NICHOLS, Bill. Introdução ao documentário. 4. Ed. Campinas: Papirus 2009.

utilizado mais de uma vez ao longo do filme, fazendo com que cada especialista – nas palavras de Nichols – interfira mais de uma vez.

Pode-se dizer que, o que torna a produção fílmica única em seu segmento são os depoimentos prestados por indivíduos, que estiveram diretamente inseridos no mundo histórico tratado pelo filme. Lúcio de Castro apresenta, neste sentido, abordagens originais que classificam o documentário como um registro e Fonte de pesquisa histórica importante e oportuna. As participações destes atores sociais representam vozes que foram ouvidas, em algum dos casos, pela primeira vez. Referimo-nos à fala de Eduardo Guaranys, sobrinho do major Roberto Câmara Ipiranga dos Guaranys, homem de confiança do regime militar e diretamente envolvido no processo de militarização da seleção brasileira de futebol, que disputou a Copa do Mundo de 1970 no México. Na ocasião, o major Guaranys foi um dos responsáveis pela proteção interna da equipe e pela comunicação com a ditadura. O caso ao qual nos referimos será analisado com detalhes em momento futuro.

Os demais testemunhos fazem ampliar a originalidade da interpelação dirigida por Lúcio. Eles abordam questões bem específicas acerca de temáticas por vezes conhecidas, mas que agora ganharam novos contornos, como é o caso da participação do militar José Bonetti[111] e de João Viotti Saldanha, filho do ex-técnico da seleção João Saldanha. Este último, como veremos, foi um dos sujeitos que mais teve os passos vigiados pelos militares.

Através dos depoimentos, o documentário expressa também um discurso subjetivo, no qual os convidados são dotados de uma profundidade psicológica que passa a ser um objetivo para quem os convidou, fazendo com que as questões maiores que permeiam toda a trama

[111] Benedito José Bonetti possuía fortes laços de amizade com João Havelange, presidente da CBD à época da ditadura. Fato que fez o mandatário convidá-lo para coordenar vinte e três modalidades desportivas amadoras brasileiras. Em 1969, quando já tinha cursado a Escola de Educação Física do Exército (EsEFEx), Bonetti recebeu o convite de Antônio do Passo, diretor da CBD, para integrar a comissão técnica da Seleção Brasileira que disputaria as Eliminatórias da Copa do Mundo de 1970, no México.

apareçam de forma implícita. Os indivíduos são então representados como únicos, e o caráter privativo de suas falas ganha destaque. Exemplo disso se dá com a participação do jornalista Luis Cláudio Cunha, que relata o envolvimento de pessoas ligadas ao futebol na Operação Condor, uma espécie de liga e aliança militar e política entre os regimes militares da América do Sul, que tinham como objetivo central a destruição permanente de toda e qualquer organização que fosse contrária às ditaduras.

O documentário se utiliza do depoimento do jornalista para mais uma vez destacar a relação entre a ditadura e o futebol. A narração se manifesta em voz alta e antecipa-se à fala de Luis Claúdio: "é justamente essa presença nos clubes de futebol de homens ligados à repressão e aos sistemas de inteligência, que possibilita a revelação de uma ação da multinacional do terror pela primeira vez. A comprovação e denúncia da Operação Condor"[112].

A disposição imagética da cena é constituída por um ambiente escuro que na verdade, representa um corredor do que parece ser um lar residencial. À medida que o narrador fala sobre a inédita revelação de uma atividade da Operação Condor, a figura de um homem surge no final do corredor. Inicialmente o espectador não consegue reconhecer a identidade do personagem, que começa a se revelar à medida, em que, ele caminha em direção à câmera e passa a contar com um aumento da intensidade luminosa. A interposição da voz da narrativa, junto às imagens em movimento, cria no público a percepção de que a revelação anunciada será consumada.

[112] MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Brasil. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 51:18.

É feito um corte na imagem e a cena seguinte apresenta o jornalista Luis Cláudio Cunha se pronunciando acerca da ação supracitada, que consistiu, segundo suas palavras:

> Uma operação que começa a partir de um telefonema, na época eu chefiava a sucursal da Veja em Porto Alegre, em novembro de 78, um telefonema anônimo de SP dizendo que um casal e duas crianças estavam desaparecidas no endereço tal. Por um acaso o futebol me ajudou a desvendar essa operação. E eu não esperava encontrar alguém do futebol naquela operação. Quando a gente chega ao apartamento, no meio da tarde, na sexta-feira, 17 de novembro, aparece a Lilian, muito assustada, com a porta entreaberta, conversa rapidamente comigo, e eu falando em espanhol com ela, e as pessoas dentro do apartamento, as pessoas da Operação Condor, que era uma operação binacional naquele momento entre Brasil e Uruguai, havia policiais do DOPS, a polícia política gaúcha, e militares do exército uruguaio operando clandestinamente operando dentro do território brasileiro, quer dizer, ofendendo a soberania nacional[113].

O depoimento segue com Luis Cláudio contando como se deu o reconhecimento, dele e do companheiro de reportagem, das pessoas que ocupavam o apartamento, naquele dia. Um dos homens que faziam parte do DOPS era Didi Pedalada, um ex-jogador de futebol. O jornalista falou então sobre como ele percebeu a ligação do futebol com a política naquele contexto:

> [...] a partir dali, a partir desse fato casual, que é o fotógrafo de esportes ao meu lado [...] é que foi possível pegarmos o fio da meada decisiva para elucidar a questão do sequestro, porque a partir dali nós fomos traçar a história do Didi Pedalada. E aí de novo o futebol se mistura e se mescla com a política. O Didi Pedalada, depois de ter uma passagem lá em fim de carreira no México, voltou e jogou um pouco no Guarani de Bagé, que é sua terra natal, tinha passado antes pelo Cruzeiro, uma passagem mais brilhante, e no final, desempregado, ele conseguiu uma função no DOPS gaúcho, então dirigido pelo seu delegado mais importante que era o Pedro Seelig, que faz parte da santíssima trindade da repressão brasileira[114].

Após fazer breve consideração sobre a atuação do delegado Pedro Seelig à frente do DOPS do Rio Grande do Sul, o jornalista voltou a esclarecer como se estabeleceu a conexão entre o esporte e a repressão:

> O Pedro Seelig era a grande estrela do DOPS gaúcho. Ai, ele foi apresentado para o Didi, e o Didi começou a trabalhar no DOPS porque já havia uma relação, uma

---

[113] MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Brasil. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 51:18.
[114] MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Brasil. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 51:18.

> afinidade do Seelig com o esporte. Explico: o Seelig era colorado, torcedor fanático, e frequentava os treinos do Internacional, nos jogos do Inter, ele chegava a ter um lugar cativo nas cabines de imprensa e era muito amigo do grande astro do Internacional, que era o meio campo Paulo Roberto Falcão. -E havia uma ligação familiar-profissional do Falcão com o Seelig.- O Falcão tinha como procurador o delegado Renaldo Jorge Salomão, que era o preparador físico do Internacional, era o procurador do Falcão nos seus negócios comerciais, e ao mesmo tempo era filho de um cunhado do Seelig, que era delegado do DOPS. Então havia toda uma mescla de futebol e de política que explicava porque que essas coisas levaram o Didi a ser um sequestrador naquele momento, e um sequestrador muito duro[115].

Luis Cláudio Cunha é o responsável pela primeira reportagem sobre a Operação Condor no Brasil. Antes de concluir seu depoimento, onde ele falou sobre o desfecho da operação à qual ele presenciou, em que oficiais do DOPS, que pareciam militares uruguaios, sequestraram um casal uruguaio e seus filhos. Ele citou, mais uma vez, a ligação entre o futebol e política: "esse é o início da história do sequestro uruguaio, que tem um pé no futebol e graças ao futebol ele pôde ser elucidado" [116].

Intercalada entre testemunhos de Lilian Celiberti, a mulher que foi sequestrada no episódio, a conclusão de Cunha:

> O sequestro dos uruguaios é a única Operação Condor, que é uma multinacional do terror das ditaduras do Cone Sul, que deu errado pra eles. No caso, ela virou um fiasco, virou um fracasso, porque no meio da operação surgiram jornalistas que testemunharam a operação em pleno andamento, e isso determinou que ela fosse abortada. Porque geralmente a Operação Condor começava com o sequestro, a prisão, o desaparecimento, a tortura e a morte dos torturados. Tanto é que não existe ninguém que tenha sobrevivido à Condor. Os únicos sobreviventes que existem até hoje são os uruguaios, a Lilian Celiberti, o Universindo Diaz, e os dois filhos da Lilian, Francesco e o Camilo[117]. A Operação é o retrato mais terrível da década de 70, dos anos 70, que foram anos que todos os países, e eram quase 200 milhões de habitantes, padeceram sob regimes militares[118].

O espectador pode observar que durante toda a cena são mostradas fotografias que ilustram os fatos e os personagens, mencionados pelo jornalista Luis Cláudio Cunha.

---

[115] MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Brasil. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 51:18.
[116] MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Brasil. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 51:18.
[117] Para maiores informações sobre o sequestro do casal uruguaio e seus respectivos filhos, ver o episódio Uruguai de Memórias do Chumbo – O Futebol nos Tempos do Condor.
[118] MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Brasil. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 51:18.

Ademais, toda a sequência é rodada ao som de notas musicais que exprimem um tom melancólico à medida que a Operação Condor é revelada por Cunha. Esse arranjo entre os elementos visuais e sonoros constroem um equilíbrio, entre os recursos utilizados pelo documentário, para acentuar o sentido lógico da narrativa. No caso específico da cena que trata do sequestro do casal uruguaio, a soada lúgubre reforça a mensagem que é passada pelo autor, qual seja expor um fato cercado por mistérios e desdobramentos inéditos. As imagens a seguir atestam o enunciado:

FIGURA 7:



Imagem congelada do momento em que o locutor anuncia - em voz over - o episódio da Operação Condor. O jornalista Luis Cláudio Cunha aparece no fim de um corredor escuro e caminha em direção a câmera, revelando gradativamente sua identidade, à medida que aumenta a intensidade luminosa no ambiente.
Fonte: MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Brasil. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 51:18.

FIGURA 8:



Fotografia exibida durante a fala do jornalista Luis Cláudio Cunha, que ilustra a citação do jogador Didi Pedalada (à esquerda e em destaque) que esteve diretamente envolvido na Operação Condor, revelada pelo documentário Memórias do Chumbo – O Futebol nos Tempos do Condor / Brasil.
Fonte: MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Brasil. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 51:18.

2.3.3 A TRILHA SONORA

Além de efeitos sonoros empregados em vários momentos da narrativa, a trilha sonora do filme é composta ainda, por seis canções que bem representam o contexto histórico abordado. Chega de Saudade, de Tom Jobim, remete à década de 1950, período da história do Brasil marcado pela influência da cultura norte-americana no cotidiano brasileiro, além do boom de desenvolvimento da indústria nacional. É neste contexto que surge a Bossa Nova, um movimento musical oriundo da classe média do Rio de Janeiro, e resultado de uma proposta associada à influência do jazz na cultura da música popular brasileira[119].

Pra Não Dizer Que Não Falei das Flores, de Geraldo Vandré, foi composta no ano de 1968, em pleno auge da ditadura militar. A música ficou em segundo lugar no 2° Festival

[119] TINHORÃO, José Ramos. *Música Popular – Um tema em debate*. 3ªed. São Paulo: ed. 34, 1997.

Internacional da Canção daquele ano, e foi considerada uma oposição clara ao regime. Geraldo Vandré, seu compositor, foi exilado por conta da censura e perseguição impostas pelo Ato Institucional n° 5 (AI-5). É justamente no momento em que o narrador, em voz over, se refere a este contexto histórico, marcado pelo autoritarismo e rígido controle estatal, que trechos da canção podem ser ouvidos ao fundo de uma sequência de imagens que retratam, principalmente, os protestos da população contra as arbitrariedades da ditadura.

A música Pra Frente Brasil, de Miguel Gustavo, aparece no documentário no momento em que são discutidos aspectos relacionados à conquista da Copa do Mundo do México, em 1970. Gols e lances das partidas da seleção brasileira durante o Mundial são exibidos paralelamente à rodagem da canção. Com o objetivo de melhor representar a marchinha, que marcou o tricampeonato ao ditar o canto entoado pelos milhões em ação, o documentário contou com a participação de Otávio Costa, militar, e nome importante no desenvolvimento das propagandas oficiais do Estado. O depoimento de Otávio Costa foi, no entanto, antecipado por uma interlocução do historiador Carlos Fico: "A propaganda brasileira deslanchou mesmo no governo do Médici, com a figura brilhante até, um militar brilhante chamado Otávio Costa, um intelectual além de ser um coronel na época. Ele desenvolveu uma propaganda muito interessante, muito criativa" [120].

Após elucidar a questão da televisão, como instrumento difusor do sucesso brasileiro na Copa de 1970, o militar falou enfim sobre a peça Pra Frente Brasil:

> A grande mola desse sucesso da Copa do Mundo foi a canção de Miguel Gustavo, "Pra Frente Brasil". Pensa-se que foi parte de campanha nossa. Não. Não foi iniciativa nossa Miguel Gustavo nos procurou com a peça pronta, não fomos nós quem mandamos fazer a peça, com a peça pronta, que um cliente seu tinha pedido para fundo musical de sua propaganda comercial. Mostrou a peça e pediu ajuda na

[120] MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Brasil. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 51:18.

> divulgação; e realmente a nossa participação com a música de Miguel Gustavo foi ajudar a divulgação dessa música[121].

O coronel Otávio Costa foi, por sua vez, o principal comandante – a partir de outubro de 1969 – de uma assessoria especial do governo militar concebida com o objetivo maior de se consolidar como o órgão responsável, por gerir exclusivamente os assuntos ligados às propagandas oficiais do Estado. Foi criada, dessa forma, em 15 de janeiro de 1968, durante o governo Costa e Silva, a Agência Especial de Relações Públicas (AERP), pelo Decreto n° 62.119. Segundo o historiador Carlos Fico, a Agência começou a operar em meio a um clima de desconfiança entre alguns setores da cúpula militar, onde alguns membros apoiadores do ex-presidente Castello Branco, sobretudo, relutavam em concordar com a criação de uma propaganda oficial por temerem, que o modelo seguisse aquele adotado pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), durante a Era Vargas, que preconizava a exaltação do líder e personificação do Estado. A efetivação da AERP representou uma necessidade imposta pela própria conjuntura dos eventos pós-golpe, uma vez que jamais se verificou o governo transitório anunciado pelos militares em 1964. Apesar da sucessão permanente dos líderes, a ditadura não havia se mostrado capaz, até aquele momento, de construir uma imagem para o governo (FICO, 1997, p. 93).

A AERP deveria se concentrar – e o fez – neste contexto, na criação de bases para uma leitura do Brasil, transpondo o otimismo relativo aos rumos econômicos do país em oposição ao pessimismo daqueles que eram contrários ao regime. Representava, ademais, uma roupagem mais leve para os aparelhos coercitivos, e procurava, ao mesmo tempo, legitimá-los. Canalizar as emoções providas pelo futebol vigorou, segundo o autor Euclides Couto, entre as decisões abarcadas pela AERP.

---

[121] MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Brasil. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 51:18.

Voltando para a análise das músicas que compõem o filme, temos a cena final de Memórias do Chumbo – O Futebol nos Tempos do Condor / Brasil rodada ao som de Apesar de Você, de Chico Buarque. O discurso em prol do resgate das memórias perdidas, durante a ditadura militar é manifestado durante todo o documentário e sob várias formas. A canção de Chico Buarque foi lançada em 1970, período marcado pelo estrito controle e censura do Estado, e é uma alusão clara ao autoritarismo imposto pelo regime. Trechos como "Hoje, você é quem manda/Falou, tá falado/Não tem discussão, não. / A minha gente hoje anda/Falando de lado e olhando pro chão; Apesar de você/Amanhã há de ser um novo dia/ Eu pergunto a você onde vai se esconder/ Da enorme euforia? / Como vai proibir quando o galo insistir em cantar?" [122] justificam a escolha de Apesar de Você, que se configurou como música de protesto ao longo dos anos governados por militares.

O documentário traz ainda a música Paiol de Pólvora, de Vinícius de Moraes, que é tocada no momento em que a narrativa aborda as questões em torno da demissão do ex-técnico da seleção brasileira, João Saldanha. Vinícius de Moraes foi importante diplomata, dramaturgo, jornalista, poeta e compositor brasileiro. Muitas de suas composições foram gravadas por artistas de renome dentro da Bossa Nova. Nas funções diplomáticas, atuando junto ao Ministério das Relações Internacionais, foi aposentado compulsoriamente pelo AI-5, após vinte e seis anos de serviços prestados, sob a alegação de que seu comportamento boêmio o impedia de cumprir suas funções[123]. A música Sou Tricampeão, da banda Golden Boys, também aparece no documentário. Esta, porém, será analisada em momento posterior, no terceiro capítulo dessa dissertação.

---

[122] HOLLANDA, Francisco Buarque, Apesar de você - Compacto, Philips Records, 1970.

[123] Ver em http://www.multirio.rj.gov.br/portal/images/PDFs/biografia-vinicius%20de%20moraes.pdf acessada em 02/10/2015. Para outras informações sobre a obra de Vinícius de Moraes, ver CICERO, Antônio; FERRAS, Eucanaã. *Nova Antologia Poética*. Coleção Vinícius de Morais. 1a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, 320 p.

Destacamos, rapidamente, que o movimento conhecido como Música de Protesto teve seu início nos anos imediatamente anteriores ao Golpe Militar de 1964 (1961 – 1964), e se estendeu até o decreto do Ato Institucional n° 5, em 1968. As canções decorrentes deste movimento eram carregadas de significados ideológicos e políticos, pertinentes ao contexto histórico em questão. O autor Marcos Napolitano, define que durante a ditadura, a arena cultural era vista pelos militares como um espaço que permitia aos comunistas e aos subversivos atuarem com o intuito de confundir o cidadão inocente útil. Inserido neste cenário, o campo musical representava particular interesse e vigilância por parte do regime, especialmente os artistas ligados à Música Popular Brasileira (MPB). A MPB, desde meados da década de 1960, consistia na música de cunho nacional-popular declaradamente contrária ao autoritarismo. Destacaram-se, os nomes de Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil e Geraldo Vandré, que por tentarem driblar a censura imposta pelos aparelhos de coerção, acabaram em muitos casos sendo torturados e exilados. Napolitano destaca ainda a capacidade de aglutinação em torno dos eventos musicais, fato que despertava constantemente a preocupação dos agentes da repressão[124].

2.3.4 O CONTEXTO E REPERCUSSÃO

A obra foi produzida em um momento importante da sociedade brasileira, sobretudo no campo dos esportes. O ano de lançamento do documentário (2012) antecede a realização de três megaeventos esportivos que têm o Brasil como país sede: a Copa das Confederações em 2013, a Copa do Mundo em 2014 – ambas organizadas pela FIFA – e os Jogos Olímpicos, em 2016, organizados pelo Comitê Olímpico Internacional (COI). A

[124] NAPOLITANO, Marcos. A MPB sob suspeita: a censura musical vista pela ótica dos serviços de vigilância política (1968 – 1981).. In: Revista Brasileira de História, São Paulo, ANPUH, v. 24, n. 47, jul., 2004.

referência aos órgãos institucionais responsáveis pela organização das competições se faz importante, visto que é neste período que denúncias ligadas às instituições e respectivos contratos relacionados diretamente com os eventos aparecem com maior incidência. Destacaram-se neste momento, acusações que apontaram irregularidades nos contratos da Copa do Mundo de 2014 e motivaram a renúncia do então presidente da CBF Ricardo Teixeira, que esteve à frente do cargo por vinte e três anos. As investigações envolvendo pessoas ligadas à FIFA e à CBF ganharam, a partir de 2010, contornos mais precisos. Desde então, supostos casos de corrupção nas entidades que controlam o futebol mundial e brasileiro passaram a ocupar um espaço cada vez maior no noticiário nacional.

Destacamos, por fim, que os trabalhos de reportagem, roteiro e produção em Memórias renderam a Lúcio de Castro reconhecimento nacional e internacional. A série recebeu, em 2013, o Prêmio Gabriel García Márquez na categoria Cobertura de Notícias. O evento realizado na Colômbia é inspirado no próprio Gabriel García Márquez, considerado um dos grandes autores e jornalistas do século XX. O prêmio é organizado pela Fundación Nuevo Periodismo Iberoamericano (FNPI) e contou com a participação de 1.379 trabalhos de 30 países, sendo 174 do Brasil. A série foi também finalista do Prêmio Esso de Jornalismo de 2013, além de ter sido selecionada para o Festival de Filmes Esportivos de Milão, na Itália, para o Festival de Cinema de Havana, em Cuba, e para o Festival de Cinema de Futebol de 2013 (CINEfoot).

Entendemos que a observação dos recursos fílmicos analisados acima nos permite concluir que o documentário Memórias do Chumbo – O Futebol nos Tempos do Condor / Brasil reuniu elementos que contribuíram efetivamente para o resgate, preservação e, em última instância, para a divulgação das memórias relativas à ditadura militar brasileira. Através de temáticas relacionadas ao futebol e sobre como este foi utilizado com fins políticos

e bem definidos pelos militares, o filme estabelece, para além das vertentes historiográficas clássicas – e oferecendo possibilidades de diálogo para com estas – uma Fonte e ao mesmo tempo um objeto importante de pesquisa histórica. Se analisados também, os pressupostos teóricos que percorrem as narrativas, e as maneiras pelas quais eles foram trabalhados na obra, percebemos que o filme produzido por Lúcio de Castro comunga com as leituras conceituais propostas por autores clássicos em relação a aspectos importantes, e que dizem respeito à própria lógica orgânica e estrutural dos filmes documentários, fato que permitiu a compreensão e assimilação dos objetivos propostos pelo autor.

CAPÍTULO III – FUTEBOL E DITADURA: A CAPITALIZAÇÃO POLÍTICA DO ESPORTE MAIS POPULAR DO BRASIL

Palácio das Laranjeiras, Rio de Janeiro, junho de 1966. O Presidente Humberto de Alencar Castelo Branco recebe os jogadores brasileiros e membros da CBD – Confederação Brasileira de Desportos – que haviam regressado de um intenso período de preparação no exterior, visando à disputa da Copa do Mundo daquele ano na Inglaterra. Caso retornasse campeã dos gramados ingleses, a seleção brasileira conquistaria o direito de possuir a taça Jules Rimet em definitivo, um privilégio concedido à nação que vencesse o Mundial por três vezes. Era a primeira vez que o Brasil disputaria uma Copa do Mundo sob os olhares diretos do regime militar, que chegara ao poder após o golpe de dois anos antes. O otimismo e as expectativas eram as melhores possíveis.

Redação do jornal O Pasquim, Rio de Janeiro, maio de 1970. O jornalista Tarso de Castro publica a polêmica entrevista do jogador de futebol Tostão, um dos maiores jogadores da história do Cruzeiro e da seleção brasileira, concedida a ele para a edição de n° 45 do jornal. Em um dos momentos da conversa, após ser convidado a se definir politicamente, Tostão é questionado acerca da liberdade individual e de expressão do ser humano. Sem hesitar, o jogador responde alegando a privação de opinião dos brasileiros naquele período, fazendo uma alusão clara ao regime autoritário imposto pelos militares: “certo seria que todo mundo tivesse suas ideias, falasse as suas ideias e mostrasse o que pensa, o que acha, acreditando ser errado ficar numa coisa só e ficar sujeito a aceitar isso e não poder dizer mais nada”. Dias depois, Tostão recebeu uma ligação desconhecida alertando-o de que seria convocado a prestar esclarecimentos e ameaçando-o de afastamento da seleção. As ameaças nunca se concretizaram.

Apesar de separadas por um curto espaço de tempo, os momentos anteriores expressam as ambivalências presentes no cenário político nacional ao longo da atuação dos governos militares, entre 1964 e 1985. No decorrer desses anos, várias foram as possibilidades que se criaram para estabelecer as relações entre o futebol, esporte mais popular do Brasil, e as estratégias políticas adotadas para a apropriação desse esporte durante a ditadura militar. Ao passo que a primeira, refere-se ao momento particular que estreitou os laços entre a seleção brasileira enquanto instrumento a ser capitalizado simbolicamente pelo regime; a segunda, revela o futebol como um espaço de interlocução política, no qual diferentes atores sociais se manifestavam de acordo com seus próprios posicionamentos ideológicos (COUTO, 2014, p. 20).

Tendo em vista tais possibilidades de análise relativas à apropriação política do futebol durante a ditadura, o objetivo principal deste capítulo é apresentar uma discussão sobre como o futebol foi utilizado como mecanismo de apropriação e capitalização de apoio político, durante o recorte cronológico referente aos anos do regime militar brasileiro (1964 – 1978). Seguindo os mesmos caminhos metodológicos percorridos no capítulo anterior, e utilizando sempre o filme documentário Memórias do Chumbo – O Futebol nos Tempos do Condor / Brasil como Fonte principal de análise, tentaremos estabelecer uma conexão entre a obra produzida por Lúcio de Castro e a bibliografia relativa ao tema. A intenção em construir este diálogo é avaliar as correspondências em termos do conteúdo histórico do filme para com a historiografia clássica.

3.1 DIÁLOGOS: ABORDAGENS DO USO POLÍTICO DO ESPORTE NO FILME MEMÓRIAS DO CHUMBO – O FUTEBOL NOS TEMPOS DO CONDOR / BRASIL E NA BIBLIOGRAFIA VIGENTE

A análise fílmica e historiográfica, realizadas, conjuntamente nesta seção, nos permitirá reconhecer as correspondências e incongruências entre o enfoque dado à narrativa e a produção historiográfica sobre o período. Dessa perspectiva, será possível identificar "novas histórias" exibidas nas cenas de Memórias do Chumbo – O Futebol nos Tempos do Condor / Brasil, que permitiram a exposição de acontecimentos até então pouco conhecidos do grande público. A discussão desses elementos permite compreender em que medida a produção fílmica contribuiu, para ampliar as possibilidades de incursão historiográfica e desvelar novos fatos inscritos em um período marcado, paradoxalmente, pela obscuridade dos acontecimentos.

Partindo de viés historiográfico, mobilizado recentemente pela história política do futebol, (COUTO, 2014[125], GUTERMAN, 2009[126], FRANCO JÚNIOR, 2003[127]), o documentário procura estabelecer, desde as cenas iniciais, a interferência dos tentáculos da burocracia militar na organização do futebol brasileiro. É o que constatamos ao analisar o fragmento abaixo, que se apresenta em um dos primeiros momentos do filme:

> Em um dos seus primeiros atos, Castello Branco cria o SNI – Serviço Nacional de Informações. Uma imensa rede de informantes e agentes secretos, transforma o país em um estado de segurança nacional. Escolas, universidades, empresas privadas ou estatais, autarquias, sindicatos: [...] nada mais escapava ao controle, do regime militar. Logo, os novos donatários do poder entendem que a paixão maior do brasileiro deve estar sob o estrito controle do Estado. O futebol entrava em novos tempos, com a atenção especial dos órgãos de informação e repressão[128].

---

[125] COUTO, Euclides de Freitas. Da ditadura à ditadura: uma história política do futebol brasileiro (1930 – 1978). Niterói: Editora da UFF, 2014.
[126] GUTERMAN, Marcos. O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo, Contexto, 2009.
[127] FRANCO JÚNIOR, Hilário. A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
[128] MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Brasil. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 51:18.

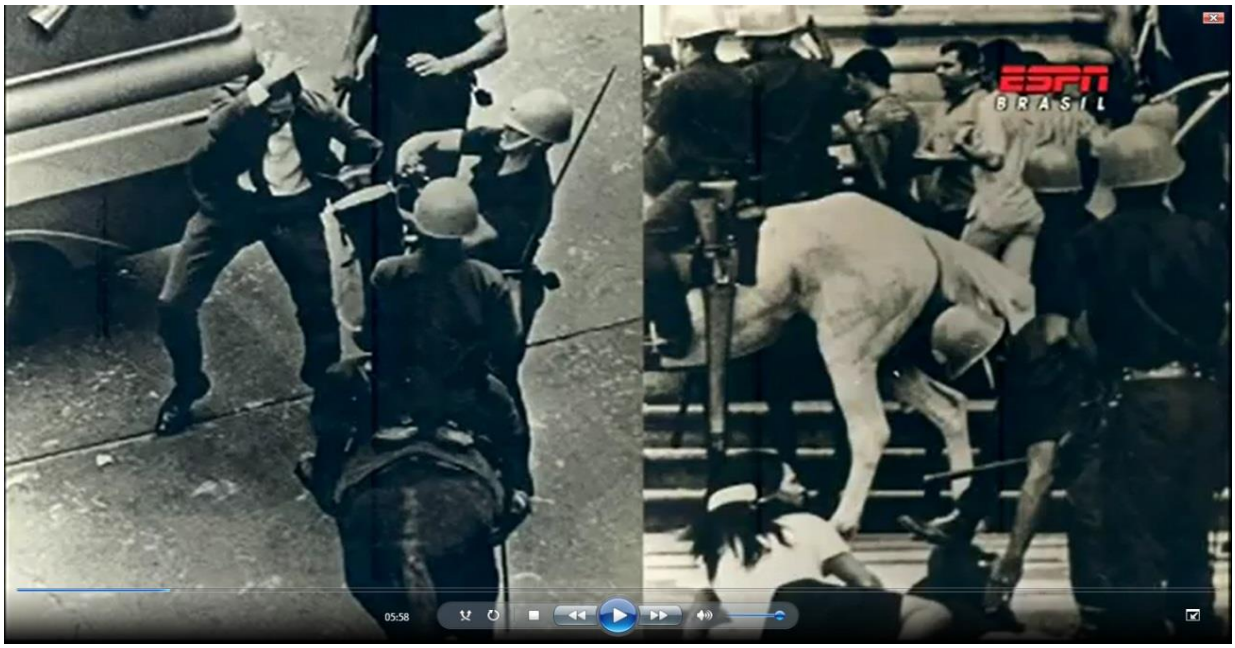
O fragmento é, como dissemos, a transcrição de uma das cenas introdutórias do episódio brasileiro da série Memórias do Chumbo – O Futebol nos Tempos do Condor, filmes documentários produzidos e exibidos pelo canal de televisão ESPN BRASIL, no ano de 2012. A este respeito, faz-se necessário destacar que na narrativa fílmica, enquanto o discurso do narrador se manifesta em voz off, imagens do general Castello Branco e de confrontos entre civis e policiais são exibidas. Quando a narrativa aborda a temática do futebol, o que se vê são imagens da seleção brasileira em ação, bem como de seus jogadores e comissão técnica sendo recebidos pelo presidente Castello Branco no Palácio das Laranjeiras, conforme mostra as figuras 9 e 10:

FIGURA 9:



Imagem congelada do momento em que o documentário ilustra a delegação brasileira sendo recebida pelo então presidente Castello Branco. A seleção estava prestes a embarcar para a disputa da Copa do Mundo de 1966, na Inglaterra.
Fonte: MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Brasil. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 51:18.

FIGURA 10:



Momento do filme onde são exibidos confrontos entre agentes da repressão e sociedade civil.
Fonte: MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Brasil. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 51:18.

Enquanto representações ilustrativas e fidedignas do documentário, as imagens apresentam o momento em que o filme estabelece pela primeira vez, a relação entre o futebol e o regime militar. Seria, então, apenas o preâmbulo de uma história que seria contada a partir dos pressupostos teóricos e éticos do jornalismo investigativo[129].

Retomando a cena apresentada acima, percebe-se que o narrador cita à criação do Serviço Nacional de Informações (SNI) como sendo "uma imensa rede de informantes e agentes secretos, que transforma o país em um estado de segurança nacional". Neste momento, o documentário estabelece uma conexão entre o futebol e os esforços empreendidos pela ditadura em potencializar o controle e a vigilância de todas as esferas sociais.

[129] Entende-se por jornalismo investigativo um viés da prática jornalística que implica em trazer à luz questões que se encontravam ocultas, seja deliberadamente por uma pessoa em uma posição de poder, ou acidentalmente, por trás de uma massa desconexa de fatos e circunstâncias, e a análise e apresentação de todos os seus fatos relevantes ao público. Para tal, o jornalista investigativo deve recorrer ao uso tanto de Fontes e documentos secretos quanto revelados. Disponível em: http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002264/226456POR.pdf.

O SNI foi criado em 13 de julho de 1964, se tornando uma das primeiras ações do então presidente Castello Branco. Criado pelo projeto de lei n° 1.968 e baseado no decreto de lei nº 4341, a instância poderia exercer o poder absoluto e criar, se fosse necessário, agências regionais onde fosse preciso. Foram instaladas agências nos estados, de São Paulo, Distrito Federal, Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul, Pernambuco e a agência central no Rio de Janeiro. Durante a construção do SNI, destacou-se a articulação entre o poder central e seus sustentáculos federais e regionais – além de empresas privadas – que estabeleceram uma rede poderosa com o objetivo de trocar informações entre si e criar um quadro de informações de rápido processamento, onde os setores contestadores do regime pudessem ser controlados e vigiados. O Serviço chegou a contar com 2.500 funcionários, além de colaboradores espontâneos ou remunerados.

Embora inaugurado em 1964, três meses após o Golpe Militar, o SNI possuía, segundo o historiador Carlos Fico, "propósitos mais modestos do que os que assumiria a partir de março de 1967, quando, de produtor de informações para subsidiar as decisões do presidente da República, transformou-se, sob a chefia do general Emílio Garrastazu Médici, em cabeça de uma ampla rede de espionagem". Fico, revela ainda que mesmo após a recrudescência do órgão, durante o governo Médici, o SNI e suas representações nos ministérios civis (as divisões de segurança e informações, então remodeladas e fortalecidas) permaneceram como produtores de informações, fato que não o ligava diretamente às "operações de segurança, eufemismo que designava as prisões, interrogatórios, torturas e extermínios, praticados pelos agentes de repressão" [130].

[130] FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. Revista Brasileira de História, vol. 24, n. 47, São Paulo, 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882004000100003.

Tendo em vista, o objetivo inicial de estabelecermos um diálogo entre a historiografia corrente e o conteúdo histórico apresentado por Memórias do Chumbo – O Futebol nos Tempos do Condor / Brasil acerca da relação entre o futebol e a ditadura militar brasileira, procuramos nortear as discussões seguintes de acordo com os blocos narrativos do documentário apresentados no capítulo anterior. Entretanto, faz-se necessário destacar que não obedecemos à sequência narrativa proposta pelo filme, tampouco, detemo-nos à circularidade de suas abordagens. Ao contrário, e amparados pelo viés historiográfico que sustenta esta pesquisa, condicionamos os tópicos seguintes de acordo com a linearidade temporal em que os fatos aconteceram durante o regime, cabendo ressaltar, assim, que alguns deles estão inseridos em um mesmo recorte cronológico e se desenvolveram simultaneamente. Ademais, trouxemos à tona outros aspectos – não contemplados pela narrativa – que, da mesma forma, estão enquadrados no enfoque analítico da história política do futebol.

3.2 APROPRIAÇÃO POLÍTICA DO FUTEBOL: UMA HERANÇA VARGUISTA

Embora o documentário Memórias não realize uma digressão temporal, no sentido de ampliar seu enfoque analítico sobre o regime militar, acreditamos ser prudente a adoção dessa estratégia, com vistas a ampliar as possibilidades de compreensão dos fatos ocorridos no período enfocado pelo documentário, qual seja a ditadura militar.

Nos últimos anos, historiadores brasileiros têm concentrado seus estudos na análise e na compreensão dessas questões. Alguns autores contribuíram de maneira significativa para o fortalecimento de um eixo específico de pesquisa, situado no cerne da bibliografia acerca do futebol no Brasil, o qual se pode chamar de História Política do Futebol. A temática oferece uma gama de possibilidades e interpretações, possível graças à variedade de Fontes históricas

e pressupostos teóricos que a engloba. Neste cenário, nomes como Marcos Guterman, Euclides Couto e Hilário Franco Júnior se constituíram como referências importantes para pesquisas e trabalhos futuros.

Em sua obra O futebol explica o Brasil: Uma história da maior expressão popular do país, o historiador e também jornalista Marcos Guterman tenta percorrer a trajetória histórica do futebol brasileiro, desde seu início em 1894, recém-trazido da Inglaterra, até os primeiros anos do século XXI, mais precisamente até o ano de 2002, quando a seleção nacional venceu o seu quinto título mundial na Copa do Mundo, disputada na Coréia do Sul e no Japão. Nesta sequência, o autor fez um levantamento minucioso dos principais momentos, conquistas, fracassos, instituições e personagens que marcaram a história do esporte no Brasil. Durante o percurso, Guterman , ressaltou a proximidade entre os diferentes contextos políticos do país e o futebol, tentando estabelecer uma conexão entre ambos.

A primeira conexão que se pode estabelecer entre o futebol e a esfera política nacional ocorreu no início da década de 1930, quando o Brasil era governado por Getúlio Vargas. Seu plano de governo era sustentado por um Estado altamente centralizador, e dotado de instrumentos através dos quais ele construiu sua forte relação com o povo brasileiro. O futebol apresentava-se, então, como um importante aliado. A despeito do panorama que começara a se configurar, Guterman assentiu:

> O futebol, naquele momento, adquiria força necessária para rivalizar com a política no que dizia respeito às paixões nacionais; em breve, com Getúlio Vargas e seus concorridos comícios em São Januário e no Pacaembu, essa característica do futebol no Brasil seria testada dentro da esfera do poder – de onde nunca mais sairia (GUTERMAN, 2009, p. 62).

O que se viu nos anos seguintes foi uma tentativa clara e organizada do presidente Vargas, em atribuir ao futebol um papel central em seu projeto de governo. Nessa ótica, o esporte foi um mecanismo fundamental para o fortalecimento do Estado, ao fornecer

sustentação ideológica para a aplicação de duas condições essenciais: 1) a transformação do cidadão brasileiro; 2) a superação de divergências políticas. Ambas as condições caminharam em direções opostas, porém convergentes.

Eventuais influências externas, de cunho político-ideológicas, nas quais Vargas teria se apoiado quando da execução de seu mandato, constituem-se como um tema amplamente debatido na historiografia. Tal debate não desperta o interesse desta pesquisa, que em momento algum se propõe a estimulá-lo. Todavia, parece claro que o governo fascista de Benito Mussolini, que perdurou entre as décadas de 1920 e 1940 na Itália, inspirou de alguma forma as ações de Getúlio Vargas – especialmente a forma sobre a qual o italiano se apropriou do futebol. Nesse contexto, destaca-se a criação, por Mussolini, de um projeto centralizador de institucionalização deste esporte, que visava sua utilização como um elo de integração nacional. Dessa forma, após o futebol atingir a posição de onipresente no país, o regime totalitário italiano encontrou as bases necessárias para instaurar o sentimento de unidade entre os italianos, responsável por contribuir e garantir a implementação dos projetos do governo (GUTERMAN, 2009, p.71).

No Brasil, Getúlio sabia da enorme abrangência e apelo popular em torno do futebol. O seguinte registro, feito por João Lyra – homem responsável pelo esporte durante o Estado Novo, e que mais tarde seria o chefe da delegação brasileira na Copa do Mundo de 1954, na Suíça, contém uma declaração do presidente que explicita suas intenções em se apropriar politicamente do futebol:

> Compreendo que os desportos, sobretudo o futebol, exercem uma função social importante. A paixão desportiva tem poder miraculoso para conciliar até o ânimo dos integralistas com o dos comunistas, ou pelo menos para amortecer transitoriamente suas incompatibilidades ideológicas. É preciso coordenar e disciplinar essas forças, que se avigoram a unidade da consciência nacional[131].

[131] FILHO, João Lyra, Cachimbo, Pijama e chinelos: memórias, São Paulo, Edaglit, 1963, p. 264, apud GUTERMAN, 2009, p. 71-72.

Euclides Couto, em seu livro, Da ditadura à ditadura: uma história política do futebol brasileiro (1930 – 1978), analisa as estratégias de capitalização política do futebol no Brasil, compreendidas entre os dois períodos da história política nacional marcados pela imposição de governos autoritários. A primeira abordagem data dos anos de 1930, quando Getúlio Vargas assume a chefia do governo provisório, marcando o fim da República Velha e dando início à primeira ditadura no Brasil. As análises vão até 1978, momento em que o regime ditatorial iniciado em 64 começava a dar sinais de esgotamento e iniciava um lento e gradual processo de redemocratização. Durante o percurso, o autor procurou contextualizar as relações entre o futebol brasileiro e o Estado, bem como sua instrumentalização como espaço de interlocução e manipulação política das massas, e sua popularização como mecanismos de manifestação esportiva e cultural.

Em relação às representações políticas do futebol no período varguista, Couto destaca, inicialmente, que Vargas procurou consolidar um projeto de interferência estatal em várias instâncias da vida cotidiana, sobretudo, após a criação do Estado Novo, em 1937. Assim, as práticas esportivas assumiram funções de um "órgão" capaz de materializar e disseminar os anseios nacionais. Norteados por uma inspiração claramente positivista, como revela Euclides Couto, os pressupostos de organicidade social elaborados por Émile Durkheim apresentam-se como o sustentáculo ideológico do projeto de nação arquitetado pelo governo Vargas. Desta forma, o corpo humano deveria ser "instrumentalizado", disciplinado e até mesmo militarizado, ou seja, estar em perfeitas condições para o trabalho. A intervenção do governo no âmbito esportivo delineava-se em duas direções bastante claras: por um lado, retomava o discurso higienista, que exaltava a domesticação e o ordenamento da população através do controle de seus movimentos corporais; por outro, buscava fortalecer a imagem do Estado, associando-o às vitórias no campo esportivo (COUTO, 2014, p. 38-39).

O autor acrescenta que a Constituição de 1937 estabelecia a obrigatoriedade da Educação Física em todas as escolas primárias, normais e secundárias brasileiras. O projeto organicista do Estado passou, por intermédio da Educação Física, a incorporar o esporte de maneira definitiva na sociedade. A respeito dessa questão, Couto faz a ressalva que embora tenha sido instituída de forma obrigatória nas escolas, não se pode afirmar que a Educação Física foi o principal veículo de difusão do futebol. Foi criada, em 1937, a Divisão de Educação Física, órgão controlado por militares e submetido ao Ministério da Educação e Saúde. Neste período predominavam, no ensino militarizado da Educação Física, atividades que valorizavam a ordem e a disciplina, e que tinham no corpo seu maior instrumento de disciplinarização. Tal viés militar prestigiava atividades como as ginásticas, francesa e americana, em detrimento de esportes como o futebol que, por seu turno, ampliavam as possibilidades de diversificação dos movimentos corporais (COUTO, 2014, p. 39) [132].

A este respeito, o historiador Maurício Drumond acrescenta que Vargas, desde cedo se mostrou interessado na formação da identidade nacional e da juventude no Brasil. O esporte foi, dessa forma, uma das ferramentas utilizadas pelo governo na consolidação dessa imagem do cidadão nacional, mas também na preparação da chamada "raça" brasileira e seu aperfeiçoamento pela prática esportiva.

[132] Para maiores elucidações acerca da perspectiva das práticas esportivas instrumentalizadas, ver a obra de Eliazar Silva (2004)., SILVA, Eliazar João da. *A seleção brasileira de futebol nos jogos da Copa do Mundo entre 1938 e 1958*: o esporte como um dos símbolos da identidade nacional. 2004. Tese (Doutorado em História). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2004; e Meily Linhales (1996)., LINHALES, Meily Assbú. *A trajetória política do esporte no Brasil*: interesses envolvidos, setores excluídos. 1996. Dissertação (Mestrado em Ciência Política). – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1996.

Com relação ao futebol, em particular, o historiador Eliazar Silva[133] entende que, enquanto atividade física, este esporte não mereceu destaque no projeto educacional do Estado Novo, mas enquanto esporte espetáculo ele se consolidou como um dos símbolos da identidade nacional, e desempenhou um papel central na simbologia estado-novista.

Em suas considerações sobre o período, Euclides Couto tal como Marcos Guterman, constata um paralelo entre os mecanismos de apropriação do esporte pelo Estado nos regimes totalitários italiano – e também alemão – com o praticado no Brasil por Getúlio Vargas. A utilização do futebol como divulgador das ideologias oficiais do governo varguista, foi potencializado por sua associação às imagens do regime e do próprio Vargas, que buscava criar um sentimento coletivo de identidade e coesão entre o povo brasileiro. Tal associação era sustentada pelos elementos da "moral futebolística", quais sejam raça, disciplina, espírito coletivo e superação somados às improvisações e à ginga, aspectos considerados essenciais da identidade brasileira que emergia naquele contexto[134].

Após a realização da primeira Copa do Mundo de futebol em 1930, organizada pela FIFA – Federação Internacional de Futebol Association – o que se verificou foi que o esporte ganhou atenção e dimensão internacional. Neste sentido, o presidente Vargas instaurou, após sua chegada ao poder em 1930, uma série de medidas que visavam controlar os órgãos organizadores do futebol no Brasil, através da criação de entidades reguladoras. O bom desempenho da seleção brasileira no Mundial de 1938, disputado na França, fez surgir um movimento que se mostraria cada vez maior, de apelo e comoção, entre os torcedores dos grandes centros urbanos do país. Couto, faz parte de um grupo de historiadores do futebol que

---

[133] SILVA, Eliazar João da. *A seleção brasileira de futebol nos jogos da Copa do Mundo entre 1930 e 1958*: o esporte como um dos símbolos da identidade nacional. 2004. Tese (Doutorado em História). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2004.

[134] O autor se refere à ideia de democracia racial presente nas obras de Gilberto Freyre e a sua "adaptação" ao campo futebolístico realizada por Thomaz Mazzoni, Mário Filho e outros cronistas da época.

concordam que a Copa do Mundo daquele ano, representou a consolidação definitiva do processo de popularização do escrete nacional, sobretudo para a compreensão das representações de nacionalidade.

As possibilidades de se levar a ideologia oficial às massas são alavancadas pela enorme popularidade que o futebol adquiriu em todo o país. Assim, e amparado pela concepção freyriana de democracia racial, que creditava aos jogadores brasileiros um estilo particular de jogar futebol, devido à miscigenação de raças que contribuíram para a formação da própria raça brasileira[135], é criado em torno do futebol nacional o mito da predisposição natural dos brasileiros para com o esporte. De maneira a estabelecer um paralelo entre os recortes temporais relativos à apropriação política do campo futebolístico compreendidos na Era Vargas (1930 – 1945) e na ditadura militar (1964 – 1985), concluímos, com base nas contribuições de Euclides Couto, que a crença na vocação ínsita do brasileiro para o futebol, difundida inicialmente por Getúlio, é reapropriada pelos militares anos mais tarde. Para tanto, destaca-se a criação da Agência Especial de Relações Públicas (AERP), enquanto órgão difusor da propaganda ideológica do Estado mais sofisticada e dotada de melhores aparatos de veiculação – a televisão é o mais expoente – do que o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), criado pelo governo Vargas.

A série Memórias do Chumbo – O Futebol nos Tempos do Condor tem como objetivo maior destacar a intrínseca relação dos regimes militares nos países da América do Sul com o futebol. No caso brasileiro, ela o faz seguindo uma cronologia capaz de sustentar seus argumentos e pressupostos. Uma das primeiras escolhas do autor foi fazer uma menção ao pioneirismo de Getúlio Vargas, no processo de politização do campo futebolístico no Brasil. Desta forma, o discurso proferido pelo narrador, em voz off, em uma das primeiras cenas do

[135] FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

filme, ilustra perfeitamente esta escolha: "Ampliando as lições deixadas pelo Estado Novo varguista, o futebol não é visto apenas como algo a ser controlado. Com imenso potencial de propaganda, a modalidade é mais do que nunca trazida para perto do governo" [136].

De fato, a maneira como se deu a apropriação política do futebol na era varguista, se transformou em um legado que, além de ter sido mantido pelos militares a partir de meados da década de 1960, foi ampliado e perpetuado durante os anos opressores da ditadura militar. Por não estar inserida no recorte cronológico abordado pela narrativa, observamos que o documentário não tece maiores observações acerca da questão envolvendo o futebol durante o governo Vargas, mas se baseia na historiografia ao referir-se a ela, o que nos permite atestar que o próprio autor do filme busca também estabelecer um diálogo entre os fatos tratados na obra com as vertentes historiográficas clássicas.

Segundo Couto, as análises voltadas à apropriação social e política do futebol por meio de vários agentes, podem revelar os significados reconhecidos por este esporte no âmago dos grupos opositores ao regime militar, uma vez que o espaço simbólico erguido ao redor do campo futebolístico forneceu aos denominados grupos progressistas um instrumento eficaz para a expressão de suas filiações ideológicas. Ao mesmo tempo, tal estudo é capaz de demonstrar, com clareza, quais foram os artifícios ideológicos adotados pelos grupos dominantes para se afirmarem no poder. Sabe-se, portanto, que o campo futebolístico abriga diversas formas de manifestação política, ou mesmo maneiras como indivíduos diferentes expressam seus antagonismos, e interferem diretamente na vida política do país. Por fim, ao ser apropriado por indivíduos de vertentes ideológicas contrastantes entre si, o campo do futebol se apresentou como um espaço simbólico onde se confrontavam os políticos. Sob esta

[136] MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Brasil. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 51:18.

perspectiva, ele representou um distinto meio de comunicação, onde o atendia os interesses do Estado, que procurava divulgar suas bases ideológicas, e também os muitos agentes e grupos contrários à ditadura, que ansiavam por protestar publicamente contra o regime e seus valores hegemônicos (COUTO, 2014, p.116-118).

3.3 COPA DO MUNDO DE 1966: O CIRCO POLÍTICO DOS MILITARES E O FRACASSO ANUNCIADO NA TERRA DA RAINHA

À beira do golpe, em abril de 1964, o Brasil enfrentava um clima de instabilidade política, crises econômicas e inflação. Os militares tomaram o poder contando com o apoio militar e amparo ideológico e político dos EUA. As duas décadas da ditadura militar no país, foram marcadas por momentos de certo crescimento econômico, mas especialmente pela rigidez no controle da população. Tortura, violência, censura e perseguições foram práticas comuns ao período.

Muitos historiadores se dedicaram a estudar o período da ditadura militar brasileira, compreendida entre os anos de 1964 a 1985. O tema consiste em um campo amplo de análises e interpretações. Destacamos, no entanto, breves explanações de autores importantes da historiografia que procuraram entender a conjuntura política do Brasil à época do golpe.

Acerca dos fatores que culminaram no golpe de 1964, o historiador Daniel Aarão Reis Filho[137], postula, sustentado por uma tendência marxista, que este ocorreu de maneira a "reforçar a hegemonia do capital internacional no bloco do poder", e só se tornou possível devido ao caráter heterogêneo e amplo da frente política e social, que se reuniu para depor o então presidente João Goulart. O autor destaca, a importante ação de banqueiros, industriais,

[137] REIS FILHO, D. A. *A revolução faltou ao encontro*: os comunistas no Brasil. São Paulo, Brasília: Brasiliense, CNPq, 1990.

empresários, latifundiários, magistrados, classe média e políticos, que condicionaram, no interior das Forças Armadas, uma unidade praticamente impossível de ser concebida em circunstâncias sociais normais, visto que, o Brasil, segundo Reis Filho, vivia um clima de instabilidade em todas as suas esferas (REIS FILHO, 1990, p.22).

Em trabalho recente, Reis Filho articula o contexto brasileiro daquele período, com processos mais amplos, em nível global, que teriam fomentado a vocação golpista.

> O nacionalismo e o reformismo radicais assustavam, em virtude do exemplo da Revolução Cubana, cujo caráter nacional-democrático cedo se transmudara, desde 1961, numa proclamada revolução socialista. Outros movimentos de libertação nacional em curso aproximavam nacionalismo e socialismo, como na China, no mundo árabe (Argélia, Síria e Iraque)., no Vietnã, e mesmo entre os pequenos grupos revolucionários que despontavam então nas ex-colônias portuguesas (REIS FILHO, 2014, p. 47).

Outro ponto discutido, por Daniel Aarão Reis Filho é a relativa autonomia das forças golpistas. Assim, ele afirma ser um equívoco superestimar a participação do governo norte-americano neste processo. Isto significa que os Estados Unidos apoiaram, de fato, o golpe, mas este não ocorreu unicamente – ou majoritariamente – em função do apoio estrangeiro.

Carlos Fico, por sua vez, entende que se a preparação do golpe foi evidentemente cunhada pela aliança civil-militar, durante o golpe se destacou a atuação particular dos militares. O movimento golpista nasceu, segundo Fico, das transformações estruturais do capitalismo brasileiro, da fragilidade institucional brasileira à época, das incertezas que marcaram o governo de João Goulart, além da vocação golpista dos conspiradores, sobretudo dos militares. O autor destaca, que além das motivações para o Golpe de 1964, desde o início do regime, a presença predominantemente de militares foi indiscutível. Segundo Fico:

> As sucessivas crises do período foram resolvidas manu militari e a progressiva institucionalização do aparato repressivo também demonstra a feição militar do regime. Do mesmo modo, sucessivas levas de militares passaram a ocupar cargos em importantes agências governamentais. Se podemos falar de um golpe civil-

> militar, trata-se, contudo, da implantação de um regime militar – em duas palavras: de uma ditadura militar[138].

Teve início o período obscuro da história republicana brasileira, marcado pela megalomania do poder e pela apatia social, onde o futebol ocuparia um papel indispensável (GUTERMAN, 2009, p. 147). No momento em que os militares travavam uma árdua batalha interna para definir os rumos do golpe que haviam radicalizado em 1964, que afundou o Brasil na escuridão institucional, o futebol ia se consolidando como instrumento óbvio dos interesses no cerne das articulações políticas (GUTERMAN, 2009, p. 156).

Àquela altura, o futebol brasileiro já figurava como uma potência no cenário mundial. A seleção acabara de conquistar a Copa do Mundo de 1962, sediada no Chile, se sagrando bicampeã do torneio. Jogadores como Pelé, Garrincha e Didi eram considerados como alguns dos melhores do mundo na modalidade. Internamente, o esporte já havia alcançado um patamar gigantesco de interesse e comoção. Os clubes se tornavam cada vez mais fortes e organizados, assim como os campeonatos, e o fanatismo pelo selecionado nacional era motivo de orgulho para os brasileiros.

As expectativas criadas sobre a seleção brasileira na Copa do Mundo de 1966, disputada na Inglaterra, não se confirmaram. O que se verificou, entretanto, foi um desempenho desastroso da equipe nos gramados ingleses. Tal resultado repercutiu de forma muito negativa na sociedade brasileira. Neste momento o futebol, e em especial a seleção brasileira de futebol, já haviam adquirido uma enorme importância como elementos de mobilização das massas. O escrete verde-amarelo deixava de ser uma mera representação esportiva do país e passara a apresentar-se como a essência brasileira, e sua expressão de força era capaz de gerar um orgulho nacionalista e patriótico entre os brasileiros.

---

[138] FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. Revista Brasileira de História, vol. 24, n. 47, São Paulo, 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882004000100003.

Vários são os fatores apontados como causas do baixo rendimento da seleção brasileira nos gramados ingleses. Sabe-se que a Copa da Inglaterra representou um marco na história do futebol contemporâneo. No Mundial de 1966, o mundo conheceu novos arquétipos do esporte que eram apresentados pelas seleções, onde se destacaram a organização extracampo, a obediência aos novos esquemas táticos e a preparação física. Diante de tais inovações, o time brasileiro se mostrou incapaz de corresponder ao favoritismo credenciado a ele pelo recente bicampeonato nas duas Copas anteriores. A respeito do condicionamento físico dos jogadores brasileiros, o técnico da seleção Vicente Feola reconheceu:

> O que eles têm hoje, e nós não, é um fôlego extraordinário. É preciso um treinamento perfeito para que uma equipe possa correr noventa minutos, no mesmo ritmo, nesses campos úmidos e secos. Nesta Copa, jamais poderíamos nos igualar em preparo físico aos ingleses, alemães, portugueses, húngaros e russos. Eu esperava que estivesse sendo feito um trabalho meticuloso nesse sentido. Pensava que, na época da estreia, tivéssemos uma equipe noventa por cento preparada para os duros embates do campeonato (MANCHETE, 13 ago. 1966, p. 13ª,).

O período de preparação que antecedeu o embarque do selecionado nacional para a Europa, foi marcado por uma incrível desorganização interna e inúmeros conluios políticos da CBD, que comprovadamente favoreceram para o fiasco do Brasil na Copa do Mundo. A poucos meses do torneio, foram convocados impressionantes 45 jogadores, que foram posteriormente divididos entre grupos de trabalho. A convocação absurda, foi o resultado da enorme pressão política que o presidente da CBD, João Havelange, sofreu dos dirigentes das federações estaduais, que aproveitaram a crescente exposição e apelo em torno da seleção brasileira para exibir e valorizar seus jogadores (COUTO, 2014, p. 131).

Uns dos aspectos mais duramente criticados na época foram, no entanto, os arranjos políticos de Havelange que determinavam a hospedagem da seleção em várias cidades interioranas dos estados, de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo – de preferência turísticas – que oferecessem centros de treinamentos aos jogadores. O que se verificou, como consequência do demasiado número de viagens, foi um intenso desgaste por parte dos atletas,

que não encontraram as condições necessárias para se adaptarem à rotina de treinos e aos gramados (TOSTÃO, 1997, p. 50, apud COUTO, 2009, p. 131). Como destaca Couto (COUTO, 2009, p. 131), tornava-se evidente o desejo dos políticos locais em terem em suas cidades, jogadores de renome como Belini, Djalma Santos, Garrincha e Pelé, com o objetivo claro de divulgar as potencialidades turísticas e econômicas de suas regiões.

As interpretações de Couto acerca da Copa do Mundo de 1966, sua fase de preparação e suas experiências negativas são corroboradas por Guterman (GUTERMAN, 2009, p. 154). O segundo, por sua vez, acrescenta que o clima entre os 22 jogadores – selecionados dentre um grupo com mais de 40, que viajaram para a Inglaterra, era péssimo. A escolha dos atletas que teriam a missão de representar o Brasil no torneio de futebol, mais importante do planeta, aconteceu com apenas duas semanas para o início dos jogos. Sabe-se que, mesmo após a definição do elenco que disputaria a Copa, as incertezas sobre qual seria o time principal foram determinantes para selar o fraco desempenho da equipe.

Em meio as muitas interpretações, dos autores, o historiador Hilário Franco Júnior, em A Dança dos Deuses: futebol, sociedade, cultura, completa que durante o período de preparação para o Mundial, no qual os jogadores brasileiros foram submetidos a intermináveis viagens para angariar apoio e propaganda política para o regime militar, foram disputados onze amistosos ao longo do território nacional com formações completamente diferentes. Além do que, foram realizadas outras seis partidas amistosas na Europa, que mais serviram para promover o presidente da CBD, João Havelange, que almejava o cargo de presidência da FIFA, entidade máxima do futebol. Segundo Franco Júnior, a exposição da seleção dentro e fora do país era, aos olhos dos militares, uma forma de transmitir a imagem de normalidade política e desviar o foco dos opositores, que tiveram suas vozes fortalecidas, sobretudo, com a

dissolução dos partidos políticos e com a efetivação do bipartidarismo no Brasil (FRANCO JÚNIOR, 2003, p. 140).

Mesmo tendo estreado com vitória por 2 a 0 sobre a seleção da Bulgária, o Brasil não apresentou bom futebol. Pelé, que não jogou o segundo jogo contra o selecionado húngaro, devido à violência dos adversários na partida de estreia, viu do banco de reservas seus compatriotas perderem por 3 a 1 e verem as chances de classificação brasileira ameaçadas. Para avançar à próxima fase, a seleção teria de vencer o forte time de Portugal, liderado por Eusébio. A forte marcação – por vezes desleal – dos portugueses, somada a outra exibição ruim do time comandado por Vicente Feola fez o Brasil dar adeus ao sonho do terceiro título consecutivo com nova derrota por 3 a 1 (GUTERMAN, 2009, p. 155).

A temática abordada nos parágrafos anteriores está presente nas narrativas da representação fílmica, apresentada aqui através da seguinte transcrição onde o historiador Carlos Eduardo Sarmento explica como se deu a desordenada preparação para o Mundial da Inglaterra:

> Então na preparação de 66, você teve um modelo bastante sui generis, que é amplamente criticado, em que você convocou quatro selecionados. Você teve quatro times – verde, amarelo, azul e branco – ao mesmo tempo, esses jogadores ficaram no mínimo três meses em preparação no Brasil. E cada uma dessas equipes tinha um itinerário, pré-definido entre o governo e a CBD, percorrendo uma série de cidades que eram consideradas cidades estratégicas, tanto capitas, quanto, cidades importantes do interior, principalmente do Rio, São Paulo e Minas[139].

Acrescenta-se, ademais, que o discurso do historiador Carlos Eduardo Sarmento é intermediado por imagens que retratam o período de treinamentos da seleção brasileira. Da mesma forma, são mostrados recortes de jornais da época que destacavam, por meio de notícias relativas às rotinas de viagens, informações dos jogadores convocados, resultados obtidos pelos selecionados, o caráter desorganizado da preparação para a Copa do Mundo de

[139] MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Brasil. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 51:18.

1966. Dando sequência à cronologia da narrativa, a voz do narrador se manifesta enquanto aparecem imagens do jogo entre Brasil e Portugal, onde a seleção brasileira saiu derrotada e consequentemente, eliminada precocemente do Mundial da Inglaterra. As imagens confirmam o "fiasco" brasileiro na Copa de 1966, motivado majoritariamente pela preparação caótica que antecedeu o torneio.

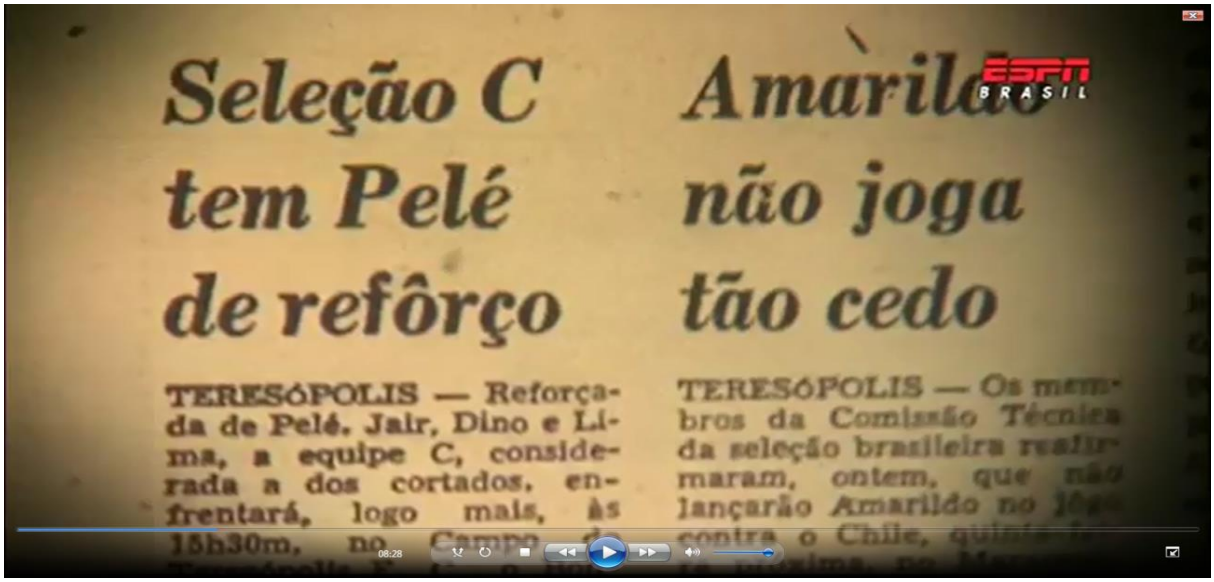
Após a participação de Sarmento, o narrador completa em voz off: "O fiasco brasileiro na Copa de 66 foi a óbvia consequência de uma preparação caótica." As figuras abaixo atestam o enunciado:

FIGURA 11:



Imagem do período de treinamentos que marcou a preparação brasileira para a Copa do Mundo de 1966, na Inglaterra. A consequência da desorganização foi o desempenho muito aquém do esperado.
Fonte: MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Brasil. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 51:18.

FIGURA 12:



Jornais da época retratando o sistema de preparação para a Copa do Mundo de 1966 e a divisão dos jogadores em quatro selecionados diferentes.
Fonte: MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Brasil. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 51:18.

FIGURA 13:



Pelé saindo de campo carregado durante a partida contra Portugal, válida pela terceira rodada da fase de grupos da Copa da Inglaterra. A seleção brasileira fora derrota por 3 a 1 e amargou a eliminação precoce.
Fonte: MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Brasil. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 51:18.

3.4 COPA DO MUNDO DE 1970: PRA FRENTE BRASIL E SALVE A SELEÇÃO

A Copa do Mundo de 1970, sua fase preparatória, as propagandas oficiais do Estado usadas como meio de instrumentalização política da seleção brasileira de futebol, bem como o elevado grau de representatividade que o esporte adquirira naquele momento – tudo isso em meio à fase mais repressora do regime militar – fizeram deste período o mais debatido e estudado pelos historiadores do futebol. A conquista do tricampeonato mundial no México era motivo de orgulho para a nação e principalmente para os militares.

Acerca do triunfo brasileiro em 1970, o historiador Hilário Franco Júnior consentiu que, no meio esportivo, "os chutes de Rivelino, os grandes lançamentos de Gerson, a inteligência tática de Tostão, as arrancadas de Jairzinho e os gols e quase gols de Pelé", embora provenientes de um país rebaixado à condição de ditadura, marcaram eternamente a história do futebol e elevaram o esporte à categoria de arte.

De modo a confirmar as correntes historiográficas, Memórias do Chumbo – O Futebol nos Tempos do Condor / Brasil aborda a questão relativa à Copa de 1970 ao anunciar:

> Em campo, a seleção brasileira era a antítese daqueles tempos obscuros. Jogando um futebol de sonhos, arrebatava o mundo com sua arte e anestesiava os 90 milhões em ação de então. Uma conquista sob medida. Tudo o que o mais brutal governo de todos os tempos do Brasil precisava[140].

A transcrição acima resume e ilustra com exatidão a complexidade dos assuntos que serão discutidos a seguir. Ela se refere ao momento da história política do Brasil, onde mais se verificou a existência de mecanismos de apropriação e militarização do campo futebolístico brasileiro. O discurso, que dialoga com a elucidação de Franco Júnior apresentada no início desta seção, se reproduziu em voz off, enquanto imagens dos gols brasileiros na final contra a

[140] MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Brasil. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 51:18.

Itália eram mostradas ao som da canção “Sou Tricampeão”, da banda Golden Boys, conforme mostra a figura 14:

FIGURA 14:



O capitão da conquista de 1970 Carlos Alberto Torres erguendo a taça Jules Rimet no estádio Azteca. Brasileiros acompanharam a Copa pela primeira vez na televisão. Abaixo e à esquerda, a referência à música Sou Tricampeão, da banda Golden Boys.
Fonte: MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Brasil. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 51:18.

A banda Golden Boys, assim como muitas outras, fez parte do movimento Jovem Guarda no Brasil. A Jovem Guarda foi um programa televisivo que surgiu em meados da década de 1960, e incorporava temas ligados à moda e comportamento, além da música. O programa foi algumas vezes alvo de críticas por não se comprometer, junto ao clima de efervescência política que assolava o Brasil durante os primeiros anos do regime militar. As críticas vinham, na maioria das vezes, dos setores mais engajados e ligados à Bossa Nova e posteriormente às canções de protesto da MPB – Música Popular Brasileira.

Com a radicalização do regime ditatorial brasileiro a partir de dezembro de 1968, momento onde se deu a instauração do Ato Institucional n° 5 (AI-5), a grande preocupação

dos generais era construir no país justamente a sensação de legitimidade. A aceitação da ditadura era agora a prioridade em questão, e o futebol, mais uma vez, assumiria papel de destaque, sobretudo com a chegada à presidência do gaúcho e fanático pelo esporte, Emilio Garrastazu Médici, em 1969.

Médici assumiu o poder em 30 de outubro de 1969, momento em que o governo enfrentava uma crise política que tornou o regime ainda mais severo e cruel. Embalado por uma arrancada no campo da economia, que ficou conhecida mais tarde como "milagre econômico", o general fez acontecer, nos anos em que presidiu o Brasil, um casamento entre o autoritarismo paternalista ultrarrepressivo e o vigor econômico; fatores que geraram um sentimento de que o país encontrara um caminho próprio de desenvolvimento, sustentados em um nacionalismo forte o bastante para, posteriormente, estremecer até mesmo a relação com os Estados Unidos da América (GUTERMAN, 2009, p. 161). Todavia, o importante aqui é perceber a relação direta do então general presidente Garrastazu Médici com o futebol, e como o mesmo se apropriou politicamente do esporte, em especial da seleção brasileira e da Copa do Mundo de 1970; para instaurar uma aparência de cumplicidade com grande parcela da população em torno de seus maiores projetos. Para sacramentar o sucesso dessa relação, faltava o 'gran finale': conquistar o Mundial do México.

O fato de a sociedade brasileira estar naquele momento mergulhada na fase mais brutal e repressora do regime, e ter seu representante maior muito interessado no futebol, fez com que a Copa de 1970 se tornasse a mais paradoxal de toda a história brasileira. Torcer pelos craques brasileiros da seleção em um momento tão sombrio como aquele implicava em compactuar com as forças do regime. Pelo menos era essa a alegação de parte da classe intelectual brasileira, que se encontrava no exílio ou na luta armada. Em contrapartida, o time que disputou a Copa do México ficou marcado na história, como um dos melhores de todos os

tempos – quiçá o melhor – sendo um exímio representante do jogo bonito e bem jogado. Os ganhos e benefícios almejados pelos militares por meio da associação da imagem da seleção já eram claros e evidentes demais para que a esquerda, que lutava contra o autoritarismo, não o reconhecesse como elemento de legitimação do poder. Mas como não vibrar com os gols e lances geniais de Pelé, Jairzinho e Carlos Alberto, Tostão e Rivelino?

Sobre essa questão, por exemplo, o documentário traz uma cena emblemática onde o jornalista Cid Benjamin deu um testemunho impactante sobre as seções de tortura, nas quais ele e vários outros prisioneiros políticos do regime eram submetidos. Após o depoimento, ele destacou o paradoxismo do Mundial ao qual nos referimos anteriormente. A cena é rodada com recortes de jornais da época que noticiaram o fato narrado por Cid sendo mostrados, e termina com a exibição do quarto gol brasileiro na final contra a Itália, marcado pelo jogador Carlos Alberto Torres, que também era o capitão da equipe:

> Foi depois de um sequestro de um embaixador alemão, que libertou 40 presos. Eu estava entre esses presos, e fui então pra Argélia. E na Argélia eu pude ver o jogo final, Brasil x Itália. De novo houve essa polêmica, de torcer ou não torcer, etc. Polêmica também que se acabou com o quarto gol do Brasil. Quando o Carlos Alberto fez o gol e todo mundo já gritou [...] e aquela racionalidade mais fria de alguns foi por água-abaixo[141].

[141] MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Brasil. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 51:18.

FIGURA 15:



Jornais da época noticiaram o exílio para a Argélia de quarenta presos políticos brasileiros. O jornalista Cid Benjamin estava entre eles.
Fonte: MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Brasil. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 51:18.

3.4.1 DAS AREIAS BRASILEIRAS À ALTITUDE MEXICANA, E O COMUNISMO CAMUFLADO DE JOÃO SALDANHA NA SELEÇÃO VERDE-AMARELA

O universo que circunda a Copa do Mundo de 1970 no México, vencida de forma majestosa pela seleção brasileira, é muito vasto, mas ao mesmo tempo permite que sejam feitas investigações e estudos mais detalhados acerca de particularidades específicas de sua organização, preparação e disputa. O tema é amplamente discutido na historiografia, e a equipe diretora de Memórias conferiu uma atenção especial a este importante momento da história política e esportiva do país. Ao mergulhar nesse mar de possibilidades, chama-se a atenção para alguns pontos que usualmente não costumam aparecer com destaque nas mídias especializadas. Alguns deles, entretanto, foram abordados no filme documentário.

O curioso caso de João Saldanha, um personagem ligado ao comunismo[142] que dirigiu a seleção brasileira em plena ditadura militar foi uma dessas abordagens recuperadas pelo documentário. De maneira especial, Memórias do Chumbo – O Futebol nos Tempos do Condor / Brasil, conferiu notório destaque ao tema, como é possível verificar na seguinte cena transcrita do episódio, narrada em voz off:

> Personagens do futebol passam a merecer atenta vigilância e relatórios periódicos sobre suas ações. Poucas pessoas na história republicana foram tão vigiados como João Saldanha. O cargo de treinador da seleção brasileira ampliava sua voz. Os militares sabiam que Saldanha aproveitava suas viagens ao exterior para levar documentos que denunciavam a tortura no Brasil e ajuda para exilados. [...] Indomável, o "João Sem Medo" não poderia ter a voz ainda mais forte com um título mundial[143].

Neste momento da narrativa há uma mediação do historiador Carlos Eduardo Sarmento, que fala sobre a interferência do regime militar no comando técnico da seleção, que tinha João Saldanha como treinador e alvo principal:

> A comissão técnica de 70, a gente nunca pode esquecer que tem uma intervenção direta que é o caso do João Saldanha, que é uma demonstração de força do regime. Polêmico, João Saldanha estava desgastado com setores da opinião pública, etc. Mas é uma pressão constante do regime sobre a CBD, até que a CBD efetivamente cede, e cede porque ele estava desgastado[144].

Notamos ainda, a participação de Lúcio de Castro[145], autor da série dos documentários, em uma interação direta com Sarmento:

> A saída do João Saldanha é uma intervenção direta do regime? É isso?

Sarmento responde ao diálogo com Lúcio e conclui:

> É, é claro. Isso é claro, porque ele já é um nome que é colocado sob suspenção muito antes da sua demissão, pelo incomodo que causava, [...] não é essa a discussão apenas, é a independência do João Saldanha. O João Saldanha de alguma forma tinha autonomia para ocupar certos espaços, rádio... e falar certas coisas que eram extremamente incômodas. Sempre havia uma dúvida sobre até que ponto vai o João

---

[142] Recomenda-se a leitura da biografia de João Saldanha escrita por André Iki Siqueira, na qual as relações do ex-treinador com o comunismo são mais bem discutidas. In SIQUEIRA, André Iki. *João Saldanha, uma vida em jogo*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 2007.

[143] MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Brasil. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 51:18.

[144] MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Brasil. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 51:18.

[145] A participação de Lúcio de Castro no documentário se dá através de sua voz, apenas. O mesmo não aparece em nenhum outro momento do filme, embora seja sabido que a cena final, onde é exibido um depoimento do autor uruguaio Eduardo Galeano, é na verdade, um trecho de um diálogo entre os dois.

> Saldanha, ou seja, o João Saldanha é uma FIGURA que enquanto ele teve apoio popular, era muito complicado mexer. Conforme isso vai se desgastando, e vão se criando episódios na imprensa que vão colaborando pra esse desgaste, que viabiliza esse projeto, que é um projeto não só de anular esse personagem, que é um personagem sobre o qual eles efetivamente sabem que não têm controle, como também de uma demonstração de força sobre a CBD[146].

Ademais, da participação do historiador Carlos Eduardo Sarmento, o filme contou com os depoimentos de João Viotti Saldanha, filho do ex-técnico da seleção brasileira João Saldanha. Concordamos que o testemunho de João Viotti se apresenta, comungando dos pressupostos levantados no primeiro capítulo, os quais destacam a presença de indivíduos que estiveram diretamente ligados ao contexto histórico representado pelo documentário, como fator de consolidação da representatividade e memória do período em questão.

A fala de João Viotti Saldanha se dá logo após a narrativa citar – como apresentamos no início deste tópico – o nome de seu pai, como um dos personagens do futebol mais vigiados pelos militares durante a ditadura, e que se aproveitava das viagens para o exterior pra denunciar as situações de censura, autoritarismo e tortura do governo militar brasileiro:

> O meu pai chegou e falou: Joãozinho vem aqui, vamos ali. Vamos ali com o papai. E as pessoas ficaram nesse apartamento, e eu atravessei a rua com o papai [...] e a gente anda, digamos, uns cem metros, e ele fala: Está vendo aquele moço ali? Entrega isso aqui pra ele. Era um pacote. Eu não sei te dizer o que havia dentro do pacote, não sei mesmo. Eu fui, eu sei que eu olhava pro papai, pra trás, e olhava pro moço, eu estava ficando mais perto do moço. E o papai ali, quieto, esperando a ação se consumar. Eu sei que eu cheguei próximo desse senhor, era um negro, que não tinha dois dedos na mão, e entreguei aquele pacote. Ele em português me disse: muito obrigado, foi muito gentil. Foi pra um caminho e voltei, e não se falou mais nesse assunto. Ele nunca me disse o que havia dentro, se era dinheiro ou se era documento, o que era[147].

Nas cenas subsequentes, o documentário destaca outro momento que marcou a conturbada passagem de João Saldanha pelo comando técnico da seleção. Em voz off, a narrativa falou sobre a presença exigida pelos militares, de agentes da repressão na delegação brasileira:

---

[146] MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Brasil. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 51:18.
[147] MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Brasil. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 51:18.

> Além da queda de João Saldanha, os militares impõem à CBD o brigadeiro Gerônimo Bastos na chefia da delegação. Este, por sua vez, leva para a chefia da segurança, um agente da repressão, cujo nome consta nos dias de hoje nas listas de envolvidos com tortura. Provavelmente o nome da repressão que João Saldanha prometeu revelar em uma crônica do Jornal do Brasil anos depois: Vou escrever uma matéria sobre a presença exigida e por mim repelida, de policiais espancadores na concentração. Foram barrados por mim, mas depois eu fui barrado por eles. Afinal de contas estavam no poder. E que poder[148].

Enquanto a temática envolvendo João Saldanha é abordada pelo documentário, o espectador pode ouvir, ao fundo, notas musicais que conferem um tom de denúncia e mistério às cenas. Ademais, percebe-se que no exato momento em que o narrador fala sobre a presença de um agente da repressão, cujo nome aparece nas listas atuais de torturadores da ditadura, é mostrada uma imagem do documento que ilustra e comprova a referência. Fotos de João Saldanha também são exibidas. Quando a narrativa se refere à crônica prometida pelo ex-treinador ao Jornal do Brasil, a entrevista na qual ele fez a promessa é exibida, de modo a representar as próprias palavras de Saldanha. As informações podem ser ratificadas por intermédio das figuras 16 e 17:

[148] MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Brasil. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 51:18.

FIGURA 16:

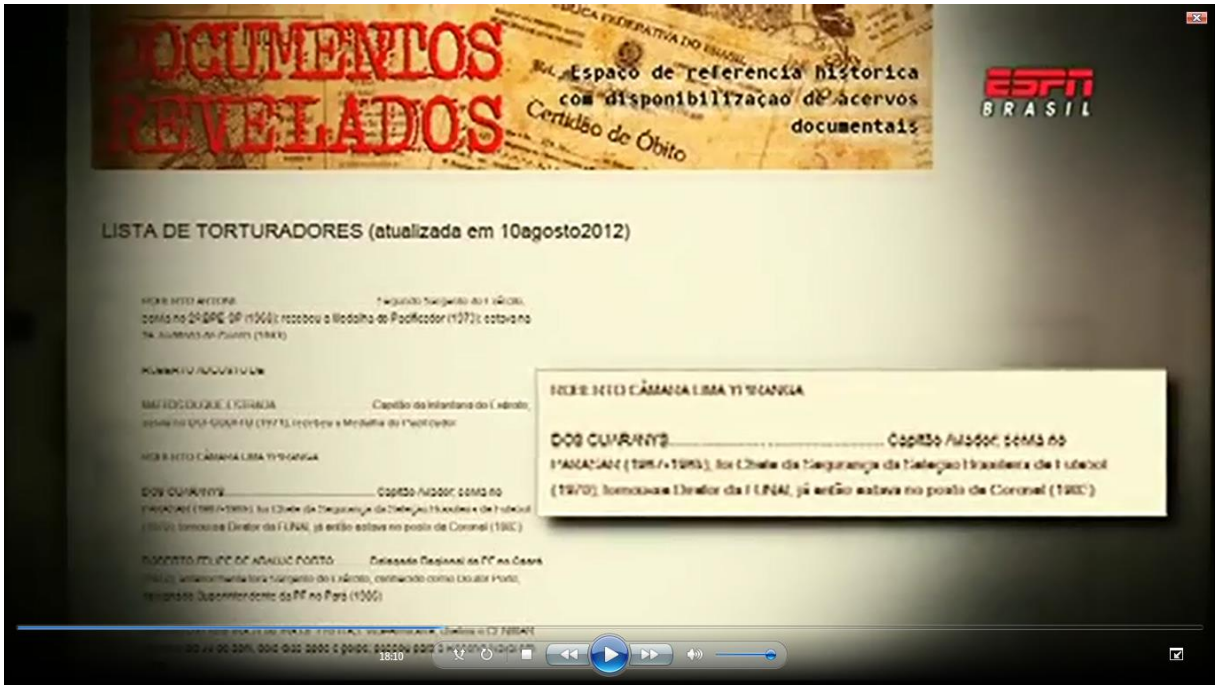
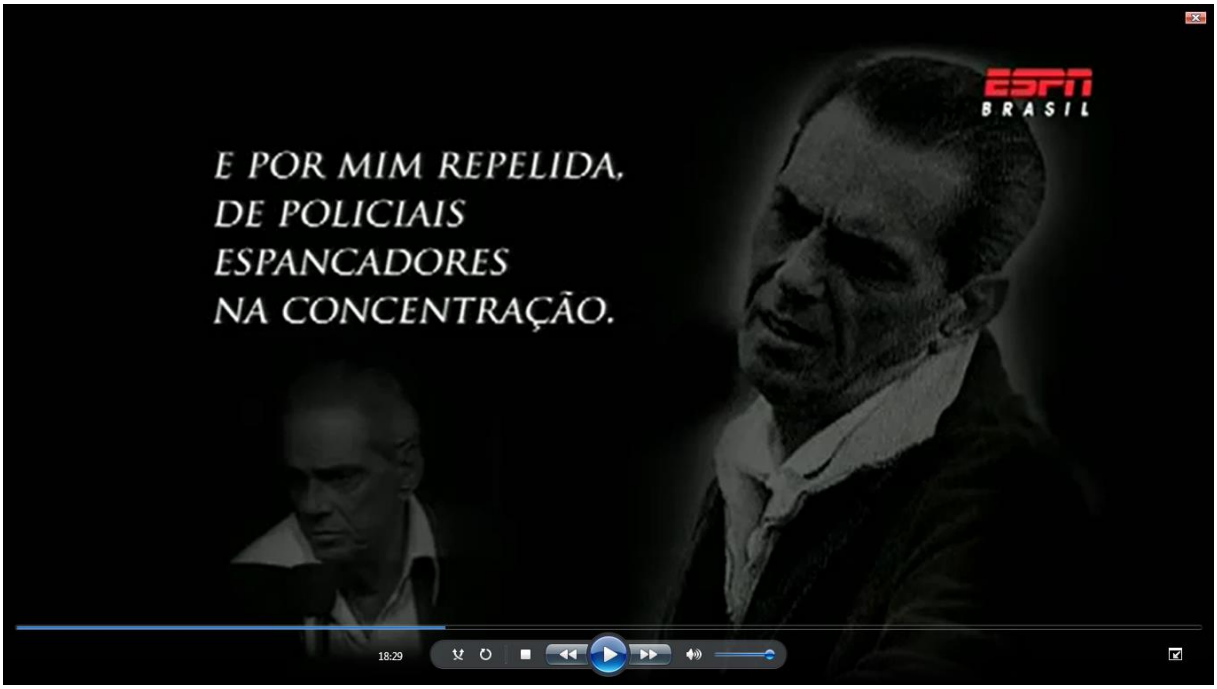


Imagem do documento que revela o nome do torturador que esteve infiltrado na seleção brasileira durante a Copa do Mundo de 1970, no México: o major Roberto Câmara Ipiranga dos Guaranys.
Fonte: MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Brasil. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 51:18.

FIGURA 17:



Trecho da entrevista de João Saldanha ao Jornal do Brasil, na qual o ex-técnico da seleção prometeu revelar o nome do agente da repressão na delegação brasileira.
Fonte: MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Brasil. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 51:18.

A respeito da figura 16, em específico, se observada com atenção, ela revela a identidade do agente repressor e homem de confiança do regime militar, o major Roberto Câmara Ipiranga dos Guaranys. O caso do major Guaranys será abordado, com maior riqueza de detalhes, ainda neste capítulo.

Através da análise fílmica, observamos que enquanto discutiu a questão referente a João Saldanha, o documentário o fez sob duas perspectivas: 1) abordou a ligação do ex-treinador com a ideologia comunista, fato que o colocou sob constante vigilância pelos militares, especialmente se levado em consideração a posição de destaque que ele passou a ocupar como técnico da seleção brasileira; 2) as possibilidades que o cargo de treinador da equipe nacional lhe ofereciam no sentido de, valendo-se das viagens ao exterior, denunciar as arbitrariedades cometidas pela ditadura. A análise historiográfica a seguir nos permitirá concluir que, nos dois casos, a narrativa fílmica se encontra em consonância com as vertentes históricas sobre o caso, possibilitando inclusive, a ligação entre a passagem de Saldanha pelo comando técnico da equipe e a revelação, apresentada de forma inédita pelo documentário, da presença de policiais espancadores na seleção brasileira.

As vicissitudes que se criaram em torno da realização da Copa do Mundo do México, em pleno regime ditatorial, no ápice de seu autoritarismo eram enormes, especialmente quando levada em consideração a relação do povo brasileiro com o futebol. Os militares perceberam que a seleção brasileira que disputaria aquele Mundial poderia e deveria ser o símbolo maior de unidade da nação, e que torcer para ela, não só representava manter acalorados os anseios de patriotismo, mas como também compactuar, de forma indireta, para com os projetos nacionalistas do Estado.

É importante que se diga que até embarcar para o Mundial, a seleção brasileira, muito em função do fraco desempenho e da eliminação precoce de quatro anos antes na Inglaterra,

estava envolta por uma nuvem de desconfiança e descrédito. O fiasco resultara em uma grande reformulação da equipe, dentro e fora de campo. O presidente da CBD à época, João Havelange, não poderia permitir que tal desastre ocorresse de novo, e para isso surpreendeu ao escolher para o posto de comandante técnico da seleção o comentarista de esportes João Saldanha, também natural do Rio Grande do Sul. A nomeação de Saldanha aconteceu logo no primeiro semestre de 1969.

"João Sem Medo", como era conhecido, sobretudo por não ter receio de se posicionar firmemente de acordo com suas convicções, possuía um passado marcado por ter sido militante comunista participativo, desde a década de 1940, e por manter raízes profundas no PCB, o que era uma verdadeira temeridade em um regime fechado e autoritário como o brasileiro. Seu histórico como técnico de futebol de fato ficara restrito à conquista do Campeonato Carioca em 1957, pelo Botafogo de Futebol e Regatas. Entretanto, o cargo de treinador da seleção brasileira fez com que Saldanha colocasse à tona seu lado pragmático e de apaixonado por futebol, e esquecesse o envolvimento com a ideologia comunista, pelo menos por um tempo. A história se encarregaria de mostrar, mais tarde, que a decisão de oferecer o posto de técnico da seleção justamente a um de seus maiores críticos foi, no mínimo, equivocada. A intenção lógica era acabar com as críticas, mas a herança da Copa da Inglaterra e o envolvimento e apelo pela seleção canarinho eram forças estrondosas, e maiores que qualquer um, naquele momento, poderia prever e medir. A pressão que cairia sobre o novo treinador seria enorme, independente de quem o fosse.

O início da 'Era Saldanha' na seleção foi avassalador. Cem por cento de aproveitamento nas Eliminatórias para a Copa: seis vitórias em seis jogos disputados, com a impressionante marca de vinte e um gols de saldo, sendo vinte e três marcados a favor e somente dois sofridos. Este time recebeu a alcunha de "Feras do Saldanha". Todavia, o

comportamento temperamental de João Saldanha rendia a ele certa oposição por parte dos demais treinadores e da imprensa. Circulavam informações que no interior da seleção os níveis emocionais não se ajustavam, e como consequências vieram os resultados ruins obtidos nas partidas amistosas e preparatórias para o Mundial. Sobre este fato, o jornal Última Hora[149] publicou a seguinte nota quando no embarque para um certame contra os argentinos, em março de 1970: "Os jogadores quase não falaram, demonstrando para muita gente que há algo de errado". Como resposta aos rumores sobre uma possível demissão, João Saldanha sempre respondia usando seu tom característico de humor e sarcasmo – características que faziam sucesso entre os torcedores desde os tempos de comentarista. Com o passar do tempo, o treinador foi se isolando dentro da seleção. Algumas de suas atitudes e declarações públicas desagradavam à imprensa, à comissão técnica e aos jogadores. Começaram a surgir informações que apontavam para uma grande interferência externa na seleção (GUTERMAN, 2009, p. 164).

Ainda na fase de preparação para o Campeonato Mundial, João Saldanha decidiu por fazer cortes na lista dos convocados alegando questões médicas. O zagueiro Scala, do Internacional, e o lateral esquerdo Rildo, do Botafogo foram alguns desses nomes. Segundo outros jogadores, que também foram cortados da lista do técnico, o clima que se instaurou na seleção com as recentes dispensas era ruim, e já não se verificava mais o apoio maciço dos comandados para com o comandante. O fato de alguns desses jogadores terem ido a público, com tais declarações, escancarou o que já se mostrava evidente: a tensão entre a relação de Saldanha com todo o universo de profissionais que circundavam a seleção. Tensão esta, que não foi amenizada nem pelos ótimos resultados da equipe sob o comando do gaúcho (GUTERMAN, 2009, p. 164).

---

[149] Jornal *Última Hora*, 3 mar. 1970, p.10.

A decisão do técnico em barrar o maior ídolo do futebol brasileiro e mundial à época, foi vista com surpresa e muito provavelmente pode ter custado sua demissão, sacramentada em março de 1970. Afinal, ele decidiu barrar ninguém menos que Pelé. O jogador só completaria 30 anos no ano seguinte, mas suas exibições excepcionais e seu sucesso como profissional já lhe rendera o título de maior futebolista de todos os tempos. Entretanto, Pelé não conseguia manter o alto nível de suas atuações e começou a receber críticas e também vaias. Até mesmo Zagallo, que viria a assumir a função de treinador da seleção com a demissão de Saldanha chegou a dizer que "Pelé, no momento, era nocivo ao time" (Jornal Última Hora, 19 mar. 1970, p.11).

Além de barrá-lo, o "João Sem Medo" continuou a fazer jus ao apelido e cometeu aquele, que foi considerado por muitos como o seu grande erro de avaliação sobre o rei do futebol: disse que Pelé tinha miopia, e que isto faria com que sua condição de praticar o esporte se tornasse limitada. A verdade é que pouco depois o jogador admitiu ser mesmo míope, mas não a ponto de atrapalhá-lo no desenvolvimento de suas funções. Saldanha disse ao jornal Última Hora em 19 de março de 1970 – dois dias após a sua demissão – que chegou a conclusão sobre o desvio de visão do craque ao "observá-lo durante muito tempo, não só em campo, mas também no convívio".

A relação entre os dois era, a princípio, amistosa. O jogador chegou a lamentar publicamente a saída do treinador. Contudo, o que se viu na sequência foi uma declaração de Pelé ao mesmo jornal Última Hora, no dia 18 de abril de 1970, dizendo que Saldanha "nunca entendeu coisa alguma sobre futebol[150]" e que, a seleção seria muito melhor com a chegada de Zagallo. Dias depois, disse ao jornal Estado de São Paulo que o ex-comandante "inventava" na hora das escalações, e que quando suas mudanças não surtiam efeito, ficava "apavorado".

[150] Jornal *Última Hora*, 18 abr. 1970, p.10.

É impossível concluir que Pelé e toda aura de fama e autoridade em cima de sua figura tenham derrubado João Saldanha, mas é certo que a relação e o clima entre os dois não era bom.

Dando sequência aos acontecimentos que culminaram na demissão de Saldanha, o fatídico episódio em 16 de março daquele ano, pôde ser visto como crucial para sua saída. Neste dia, Saldanha invadiu o local onde estava concentrado o time do Flamengo para tirar satisfações com o treinador do rubro-negro, Yustrich, que o havia chamado de "covarde". Fora uma situação conturbada e que certamente traria desdobramentos. O porteiro flamenguista chegou inclusive a dizer que, Saldanha portava uma arma no momento em que invadiu a concentração – fato que, o treinador negou veemente. Toda a confusão foi contornada e o confronto entre os técnicos foi evitado. Todavia, Yustrich, que era conhecido na época por ser um treinador linha dura e autoritário, de porte físico avantajado – o que invariavelmente lhe rendia uma comparação com as diretrizes da ditadura – aproveitou-se da situação, para cobrar junto aos militares uma providência que contivesse Saldanha. Curioso foi que dias antes do ocorrido, Yustrich já havia se pronunciado publicamente sobre sua insatisfação para com o técnico da seleção. Ao jornal Última Hora, em 3 de março, ele disse: "Se Saldanha continuar com o comportamento que teve até agora, acho, que pode haver uma intervenção do Exército na seleção, como já aconteceu em outros países onde, como no Brasil, o futebol tem grande repercussão na vida nacional[151]". Sobre o fato, o coordenador da seleção, Antonio do Passo, revelou que a insatisfação da CBD com Saldanha era grande, e que a paciência da Confederação Brasileira de Desportos com ele chegara ao fim. João Saldanha foi demitido no dia seguinte, curiosamente no mesmo dia em que foi denunciado por Passo a João Havelange.

---

[151] Jornal *Última Hora*, 3 mar. 1970, p. 12.

A demissão do técnico na noite do dia 17 de março de 1970 levantou fortes suspeitas de uma interferência direta dos militares, representados na pessoa do presidente Médici. O uso político do esporte, e o uso do esporte pela política tinham neste momento suas facetas escancaradas (GUTERMAN, 2009, p. 169). Logo após sua demissão, Saldanha convocou imediatamente os jornalistas para uma espécie de coletiva de imprensa, para explicar os motivos de sua saída. O que ele disse durante a entrevista é usado até os dias atuais como evidência concreta da disposição do agora ex-técnico da seleção em não fazer o jogo da ditadura. João chegou a insinuar, inclusive, que o presidente Garrastazu Médici queria obriga-lo a convocar o atacante Dario, que na época era um dos cinco maiores goleadores do Brasil e jogava pelo Atlético Mineiro.

Além de todas as ocorrências já mencionadas, que culminaram com a demissão do "João Sem Medo", o autor Euclides Couto lembra ainda de um episódio ocorrido em janeiro de 1970, que foi determinante para que os militares não tivessem dúvidas, quanto à saída do treinador da seleção brasileira. O fato ocorreu durante uma viagem de João Saldanha ao México, onde ele acompanharia o sorteio das chaves da Copa do Mundo. Quando abordado por um repórter sobre a existência de algum tipo de tortura em seu país, Saldanha se pronunciou de forma veemente: "Alguma não. Muita. É terrível." (SIQUEIRA, 2007, p. 328, apud COUTO, 2014, p. 148). Não obstante, ele ainda noticiou a respeito do ambiente de inquietação e intranquilidade que o Brasil vivia após a implementação do AI-5, e as arbitrariedades da ditadura militar contra membros do PCB – Partido Comunista Brasileiro. A esta altura, criou-se um clima de temor e insegurança dentre os membros da AERP – Agência

Especial de Relações Públicas – que não gostariam que uma possível conquista da Copa fosse creditada a Saldanha, cujo nome era carregado de todo o simbolismo da esquerda brasileira[152].

Evidente que circularam versões sobre a demissão de Saldanha, que se relacionavam com seu passado como militante comunista e ligações com o PCB. O medo maior era que ele voltasse ao México para a disputa do Mundial trazendo consigo uma lista com os nomes de presos políticos, e que fizesse ainda um discurso em tons de condenação e aversão ao regime militar brasileiro para toda a imprensa internacional que cobria os jogos. Estas versões, contudo, não se verificariam verdadeiras, ou pelo menos passíveis de comprovação. Se fossem verídicas, os militares jamais permitiriam que Saldanha sequer assumisse o posto de técnico da seleção brasileira, objeto grandioso da propaganda política do regime. Fato foi, que dias após ter sido demitido, João Saldanha cordialmente pediu que fosse recebido pelo ministro Jarbas Passarinho em audiência, para lhe entregar uma pasta contendo propostas e medidas que visavam reformular o futebol brasileiro. Ao recebê-lo, Passarinho recorreu aos antigos discursos patriotas do antigo treinador para que ele não atacasse publicamente a seleção. A revista Placar[153], especialista em futebol, tratou na sua edição datada de 20 de março de 1970, da demissão do "João Sem Medo" como sendo "uma intervenção branca do governo federal no escrete".

Quem substituiu João Saldanha no comando técnico da seleção brasileira foi Zagallo. Ele, logo após ter assumido o cargo de treinador, se preocupou em expressar sua mágoa em resposta à versão construída e consolidada de que foram as pressões do presidente militar, Emilio Garrastazu Médici, as responsáveis pela queda do técnico anterior, Saldanha (GUTERMAN, 2009, p. 170). Passados mais de duas décadas, já no ano de 1995, o "Velho

---

[152] Além de Couto (2014), outros nomes também partilham desta interpretação, como o jornalista André Siqueira (2007, p. 323) e o historiador Gilberto Agostino (2002, p. 161).
[153] Revista Placar, 20 mar. 1970, número 1, p.8.

Lobo" – como Zagallo ficou conhecido, e três anos antes de dirigir novamente a seleção, em outra Copa do Mundo, que seria sediada na França – disse em entrevista ao Jornal Folha de São Paulo[154] que "ele (Saldanha). saiu pelas cagadas que fez. Essa é a verdade. E eu entrei no lugar dele. E tem muita gente que quer me tirar o mérito. Quiseram dizer que eu peguei o time montado."

Em comum acordo com as abordagens anteriores relativas à passagem do técnico João Saldanha pela seleção brasileira, Couto enfatiza, que várias interpretações que trataram da demissão de João Saldanha foram construídas naquela época. Na maior parte delas, ficou clara a ênfase nos princípios ideológicos do treinador como fator primordial para sua saída – embora tais convicções tenham sido, em certa medida, impulsionadas pelo comportamento, por vezes, desequilibrado de Saldanha. Já, a figura de Zagallo como novo técnico preenchia todos os requisitos para que seu nome se "enquadrasse" aos padrões do regime, que àquela altura, se mostrara extremamente preocupado com a canalização política da Copa do Mundo de 1970 (COUTO, 2014, p. 150).

No tocante a curta passagem de João Saldanha pelo comando técnico da seleção brasileira, entre 1969 e 1970, notamos que, Memórias do Chumbo – O Futebol nos Tempos do Condor / Brasil busca com a participação de João Viotti Saldanha, filho do ex-treinador, fomentar os debates da historiografia clássica do futebol sobre o caso. Podemos inferir que os depoimentos de um personagem intimamente ligado a João Saldanha, se deu com o objetivo de sustentar e reafirmar as discussões acerca do comportamento dissonante do técnico à frente da seleção. Portanto, a fala de João Viotti Saldanha confirma as suspeitas do governo militar, de que o pai usava de fato o espaço e a visibilidade oriundos do cargo de treinador da seleção brasileira de futebol para atitudes, consideradas pelos militares, como duvidosas em relação à

[154] Jornal *Folha de São Paulo*, 16 jul. 1995, p.4-6.

sua posição sobre o regime – fato que apresentamos nesta seção amparados, sobretudo, pelas contribuições de Couto. Ao recorrer a tal testemunha, a narrativa aprofunda as análises sobre o caso e contribui, simultaneamente, para o estabelecimento de novas perspectivas de pesquisa sobre outros possíveis momentos em que o ex-técnico valeu-se do cargo, que ocupara, para levar mensagens e informações sobre a ditadura, o que nos permite observar que as relações entre o filme e as vertentes historiográficas são marcadas por traços correspondentes e complementares.

Outro aspecto relacionado à Copa do Mundo de 1970 que merece destaque é o trabalho de planejamento pioneiro desenvolvido pela comissão técnica brasileira, que deixou o time em perfeitas condições físicas para a disputa do torneio. O assunto, entretanto, não é muito abordado pela historiografia tradicional, fato que reforça a necessidade do resgate e preservação da sua memória.

Sob o comando de Zagallo, a seleção viajou em busca do tricampeonato mundial de futebol carregada com a enorme responsabilidade de representar o Brasil. Aquele era o momento em que, o regime militar mais apostava em seu sucesso para afirmar e legitimar seus objetivos e projetos nacionalistas. Os desdobramentos daquela viagem ficaram e ficarão eternamente enraizados na memória de todos os brasileiros e apaixonados por futebol, ao redor do mundo. O público, que acompanhou in locu os jogos, pôde presenciar aquela que é considerada até hoje como a melhor seleção de futebol de todos os tempos. É neste contexto que se apresenta aquela que ficou conhecida como “Operação México” ou “Planejamento México”, a preparação que anteveio a conquista do título mundial, e que foi fundamental para o sucesso da seleção no decorrer dos jogos.

A “Operação México” consistiu em um programa pioneiro de organização, planejamento e treinamentos específicos, que tinham como objetivo preparar os jogadores da

seleção brasileira e deixá-los em perfeitas condições técnicas e físicas, para um desempenho acima da média durante a Copa do Mundo. Este programa foi desenvolvido pela comissão técnica da seleção, formada por Admildo Chirol, Cláudio Coutinho, Raul Carlesso, Kleber Carmerino e, como já vimos, José Bonetti, sendo que os quatro últimos pertenciam à Escola Superior de Educação Física do Exército (EsEFEx), e suas presenças para se juntarem à equipe foram requeridas pela CBD, além de Carlos Alberto Parreira. Este foi também treinador da seleção, em duas Copas do Mundo porvir, em 1994, nos Estados Unidos, onde o Brasil ganhou o tetracampeonato, e em 2006, na Alemanha. Esta equipe de profissionais contou também com o apoio teórico e o auxílio do professor Lamartine Pereira DaCosta[155].

A nova comissão, que como observamos, contava com a participação de militares, deveria garantir que fossem utilizados na preparação para a Copa os melhores e mais avançados métodos de treinamento técnico e físico. A "operação" teve total respaldo do regime militar, que não se oporia em fazer investimentos públicos, caso fosse necessário (COUTO, 2014, p. 143-144). Sobre o 'Planejamento México', a FIFA publicou em 1972, um relatório[156] apontando que o trabalho realizado pela comissão técnica, juntamente com o processo de adaptação elaborado com base em estudos de altitude, foram primordiais para que a equipe brasileira atingisse o êxito que a fez ganhar a Copa do Mundo.

O contexto político da época fazia com que concepções ideológicas acerca da disciplina, organização, competência técnica e objetividade fossem amplamente abordados e difundidos, tanto pela comissão técnica brasileira como pelos militares. Àquela altura, já eram usados, especialmente, os estudos e aplicações no campo da fisiologia do esforço, para

[155] GASTALDO, Edison Luis. GUEDES, Simoni Lahud (org) – Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional. Niterói: Intertexto, 2006.
[156] World Cup Mexico 70 – Official FIFA Report/Copa do Mundo do México 70 – Relatório Oficial da FIFA, 1972 apud GASTALDO, Edison Luis e GUEDES, Simoni Lahud (org) – Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional. Niterói: Intertexto, 2006.

reforçar e ilustrar o planejamento preparatório dos jogadores, para os certames. Fato este, que pode ser comprovado por uma reportagem do Jornal do Brasil, publicada no dia 10 de junho de 1970, onde o preparador físico Admildo Chirol declarou que o motivo principal para que a condição física dos atletas brasileiros estivesse em excelente estado, foi a permanência da delegação, durante vinte e um dias na cidade mexicana de Guanajuato. Segundo ele, esse período de estada fez com que a taxa de glóbulos vermelhos no sangue dos jogadores quase dobrasse, em um tempo ideal para a adaptação e ambientação à altitude[157].

Chirol, ainda em 1968, para o livro Na Bôca do Túnel, uma coletânea organizada por Milton Pedrosa, que contou com depoimentos de vários personagens ligados ao futebol brasileiro à época[158], discorreu sobre aspectos relacionados à preparação física:

> Até bem pouco tempo não se dava o valor devido ao preparo físico para jogadores de futebol. Sempre achavamos que o estilo e a classe dos nossos jogadores eram imbatíveis, tendo como, base os 8 anos de supremacia no cenário internacional. Não quero dizer com isso em (19)58 e (19)62 não tínhamos seleções bem preparadas fisicamente. Não; pelo contrário, cabe citar Paulo Amaral[159] como um verdadeiro precursor da preparação física especializada em nosso país. Mas, acontece que em (19)66, sem querer entrar no mérito das nossas deficiências, fomos surpreendidos por uma forma de jogar que conseguiu neutralizar o nosso extraordinário futebol[160].

Os ensinamentos aprendidos nos campos ingleses, durante a Copa de 1966, relacionados especialmente à percepção de um novo padrão de jogo, baseado no elevado preparo físico dos adversários, também foram decisivos para pensar a relação entre o futebol brasileiro, ligado substancialmente à técnica e à habilidade dos jogadores, e a preparação física para a Copa do México. A profissionalização do setor de condicionamento físico da

---

[157] Jornal do Brasil, 10 jun. 1970, 1º caderno, p. 22 apud GASTALDO, Edison Luis e GUEDES, Simoni Lahud (org). – Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional. Niterói: Intertexto, 2006.

[158] O livro foi publicado pela extinta Livraria Editora Gol em 1968 e apresenta os depoimentos de muitos personagens ligados ao futebol brasileiro da época, dentre os quais encontram-se Telê Santana, Zagallo, Feola, Otto Vieira, Aimoré Moreira e Bengala. A apresentação do livro, organizado por Milton Pedrosa, ficou à cargo de João Saldanha, que pouco tempo depois viria a assumir o cargo de técnico da seleção brasileira.

[159] Paulo Lima Amaral é considerado um dos pioneiros na preparação física voltada para o futebol no Brasil. Foi o preparador físico da seleção brasileira nas campanhas vitoriosas das Copas do Mundo de 1958, na Suécia e 1962, no Chile. Esteve também na Copa de 1966, na Inglaterra.

[160] PEDROSA, Milton (org). Na Bôca do Túnel: Livraria Editora Gol, 1968.

seleção para a Copa do Mundo de 1970 foi, como veremos, fator importante para o sucesso da equipe. A respeito do trabalho realizado pelos profissionais de Educação Física no futebol, Admildo Chirol disse:

> Por falar em professor especializado, se faz mister esclarecer que a preparação física não significa a mera execução de exercícios dados por um professor de Educação Física, mas, sim, uma aplicação toda especial, sendo necessário que seu responsável seja um homem voltado para o futebol, possuidor de certa habilidade e domínio do esporte, a fim de que possa elaborar plano de trabalho que se adapte perfeitamente às necessidades físicas e orgânicas que o desporto requer[161].

Sob tais conceitos, a preparação física dos jogadores brasileiros foi em 1970, planejada também, de acordo com a experiência do Botafogo de Futebol e Regatas que disputou o Torneio Hexagonal do México, em 1968. Neste torneio, a equipe carioca enfrentou dois times europeus, o Ferencváros, da Hungria, e o Estrela Vermelha, da antiga Iugoslávia; além de três equipes mexicanas. A respeito do condicionamento físico dos jogadores e do modelo de preparação implementados, Chirol revelou:

> Essa equipe, cuja média de idade é de 23 anos e que se submete seriamente aos exercícios físicos ministrados, além de jogar taticamente nos moldes do futebol moderno, teve uma adaptação rápida, somos capazes de afirmar, graças aos fatores expostos. Nos primeiros treinamentos efetuados no México, treinamentos esses que tiveram seu início um dia logo após a chegada, vários jogadores acusaram mal-estar, como dores de cabeça e estômago, diarreia e irritação das vias respiratórias. Com o correr do treinamento, esses sintomas foram desaparecendo e, já no 1° jogo, realizado 5 dias após a nossa chegada, o cansaço prematuro acusado nos primeiros treinamentos não se verificou e a equipe sobrepujou seu adversário com relativa facilidade. O segundo jogo foi um verdadeiro teste para a capacidade física dos jogadores. Enfrentamos uma equipe europeia cuja base é o seu grande preparo físico e que imprimiu um vigor excessivo às jogadas. Daí em diante sentimos que os maiores obstáculos tinham sido superados e os 10 dias de estada na Cidade do México (2.240 m)., se não representam o ideal, deu para que os jogadores se aclimatassem, se adaptassem, deixando antever que com o decorrer dos treinamentos e jogos a equipe conseguiria uma boa forma física, o que de fato aconteceu[162].

A experiência permitiu ao preparador físico as seguintes observações, que, por seu turno foram determinantes para a "Operação México":

> 1: Uma equipe para ter possibilidade de êxito em altitude equivalente à da cidade mexicana, necessita possuir uma boa estrutura física alcançada ao nível do mar,

[161] PEDROSA, Milton (org). Na Bôca do Túnel: Livraria Editora Gol, 1968.
[162] PEDROSA, Milton (org). Na Bôca do Túnel: Livraria Editora Gol, 1968.

> seguida de uma permanência de 3 a 4 semanas no local de competição ou em cidade mais elevada (onde se processaria uma super-aclimatação)., sendo submetida a um treinamento dosado e gradativo na sua intensidade, a fim de adquirir a aclimatação e adaptação necessárias para poder reagir à agressão sofrida pelo organismo nesses locais; 2: No que tange à nutrição, fator preponderante para o sucesso do atleta sadio, embora seja item pertinente ao brilhante médico Dr. Lídio Toledo[163], alertamos para o cuidado que se deve ter com a alimentação. Muitos jogadores são tentados a provar a comida mexicana e, para que esse desejo não se concretize, necessário se torna informá-los dos perigos a que estarão sujeitos[164].

Da mesma forma, as contribuições do professor de Educação Física Lamartine Pereira DaCosta foram de suma importância na preparação física da seleção brasileira. Seus estudos no campo do condicionamento esportivo possibilitaram a elaboração de um cronograma de treinamentos e técnicas, baseadas no método Altitude Training, que objetivava uma melhor adaptação à altitude das cidades do México. Sobre esta questão, em particular, as análises eram feitas levando-se em consideração os fusos horários; os tipos de atividades que seriam utilizadas em cada momento do processo de preparação; as condições climáticas locais; os níveis de umidade relativa do ar; o horário de treinamento tático; técnico e físico equivalentes ao horário em que os jogos oficiais do campeonato seriam realizados; a alimentação; o uso da câmara de baixa pressão, como suporte para a simulação dos efeitos da altitude em cada jogador individualmente; os resultados da massagem muscular em altitude; os efeitos do estresse e o preparo psicológico dos atletas, sempre com a intenção de alcançar o ápice da capacidade de todos os jogadores[165].

Em entrevista concedida aos cientistas sociais Antonio Jorge Gonçalves Soares, Marco Antonio Santoro Salvador e Tiago Lisboa Bartholo em 2 de julho de 2003, Lamartine revelou informações e detalhes importantes que ajudam compreender, desde o surgimento do 'Planejamento México', até sua implementação junto ao esquema de preparação da seleção

---

[163] Lídio Toledo foi médico especializado em ortopedia e fez parte da comissão técnica do Botafogo e da seleção brasileira de futebol, estando presente em seis Copas do Mundo, sendo a última em 1998, na França.
[164] PEDROSA, Milton (org). Na Bôca do Túnel: Livraria Editora Gol, 1968.
[165] GASTALDO, Edison Luis e GUEDES, Simoni Lahud (org). – Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional. Niterói: Intertexto, 2006.

brasileira para o Mundial de 1970. A entrevista, que ao seu turno se apresenta como preciosa Fonte oral para a composição e fundamentação do presente artigo, é também rica em informações que ajudam a solidificar o corpus de informações sobre a temática proposta. Sobre o desenvolvimento do Altitude Training, o 'carro chefe' de todo o Planejamento, Lamartine explicou:

> Fui para o México numa oportunidade, onde fizeram grupos internacionais que estudariam a sua altitude para ver o efeito nos atletas [...]. Fiquei lá um mês, estudando o ambiente, mas quando cheguei lá, o Altitude Training já existia desde 66, muito antes de embarcar para o México. Eu só fiz um ajustamento de certas coisas, por exemplo, saber a altitude adequada para o atleta se adaptar, que não era só do treinamento e sim da própria adaptação de altitude[166].

O professor ainda acrescentou:

> Outro aspecto é que, já estudávamos os efeitos dos raios solares, que não foi citado pela imprensa [...]. Por isso é que treinávamos ao sol de 11 horas da manhã, onde posteriormente, as declarações dos jogadores eram de que não sentiam cansaço, ou seja, um trabalho científico de altitude e radiação solar, só fatos científicos colocados dentro do programa[167].

É interessante perceber a participação de João Saldanha, logo no início do planejamento de adaptação à altitude. Saldanha, que na época ainda era o técnico do time, recebeu o professor Lamartine DaCosta em sua casa seguindo uma sugestão do Capitão Cláudio Coutinho. Nesta reunião, após algumas discordâncias, o então treinador acabou por convencido a usar as novas técnicas. Sabe-se que Coutinho teve uma participação de destaque para que as tecnologias e métodos, pautados em conhecimentos científicos, fossem introduzidos nas pautas de debate sobre a preparação, que antecederia a Copa. Esta introdução, contudo, não aconteceu da maneira tranquila e natural. Lamartine recordou que a proposta de tais novidades enfrentou a resistência dos jogadores e também dos dirigentes,

---

[166] Entrevista de Lamartine Pereira DaCosta a Antonio Jorge Soares, Marco Antonio Salvador e Tiago Bartholo em 2 jul. 2003 In GASTALDO, Edison Luis e GUEDES, Simoni Lahud (org). – Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional. Niterói: Intertexto, 2006.

[165] Entrevista de Lamartine Pereira DaCosta a Antonio Jorge Soares, Marco Antonio Salvador e Tiago Bartholo em 2 jul. 2003 In GASTALDO, Edison Luis e GUEDES, Simoni Lahud (org). – Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional. Niterói: Intertexto, 2006.

envolvidos no futebol daquela época. Uma possível argumentação contrária às inovações poderia se basear na ideia de que o jogador brasileiro já "nascia pronto" para a prática do esporte, e, portanto, as técnicas aperfeiçoadas de treinamento se mostravam estranhas e desnecessárias. A solução seria, então, fazer com que as mudanças começassem a acontecer de maneira lenta e gradual[168].

Acerca do processo de incorporação do novo programa de treinamentos às atividades preparatórias da seleção, e, posteriormente, da aplicação do mesmo e de seus resultados, Lamartine Pereira da Costa citou como a participação do Capitão Coutinho – membro da comissão técnica brasileira – foi significativa para que as medidas fossem adotadas com os devidos cuidados. Além do mais, o professor fez questão de ressaltar o quão importante foi o trabalho dos técnicos ao permitirem que fossem utilizados os conhecimentos que lhes foram passados. Aspas abertas para ele:

> O resultado foi de acordo com os dados científicos e ajustado às circunstâncias. As rotinas foram seguidas... Só! Não tem milagre. [...] Simplesmente, os caras estavam preparados. Quando você vê o relatório da FIFA, e o estudo comparativo entre os países, você nota que deu certo a preparação física implantada pelo Coutinho, onde os jogadores nunca desceram de produtividade. Nosso plano de altitude estava regulado com o trabalho dos russos, em forma de piques [...], que era a questão dos ritmos do treinamento. Eu calculava o processo [...] e o Coutinho seguia à risca. Se houve um milagre em 70 foi o de deixar os técnicos trabalharem com o conhecimento já existente, experiência adquirida no local, e revisão de literatura do trabalho já realizado[169].

Cabe, neste momento, destacar a contribuição do técnico da seleção brasileira na Copa do México, Zagallo, para a mesma coletânea Na Boca do Túnel (1968). Acerca das condições climáticas que os brasileiros encontrariam nos gramados estrangeiros, o ex-treinador – que naquele momento ainda não ocupava o posto à frente da seleção, declarou:

---

[168] GASTALDO, Edison Luis e GUEDES, Simoni Lahud (org) – Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional. Niterói: Intertexto, 2006.

[169] Entrevista de Lamartine Pereira DaCosta a Antonio Jorge Soares, Marco Antonio Salvador e Tiago Bartholo em 2 jul. 2003 In GASTALDO, Edison Luis e GUEDES, Simoni Lahud (org) – Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional. Niterói: Intertexto, 2006.

> Com relação à altitude, isto já foi explanado, e não é muito importante. Mas uma aclimatação de entre vinte a trinta dias, se possível com treinamento sempre nos pontos mais altos, é importante no que respeita a disputa em 70. A altitude não é bicho-de-sete-cabeças. Na verdade contribui para maior cansaço, mas as reações variam de organismo para organismo. Isso diz respeito à parte médica e ao organismo de cada um. Eu, por exemplo, jogava lá, sentia, mas suportava os 90 minutos[170].

Após as três semanas de preparação, em solos mexicanos que antecederam o início da Copa do Mundo, e aplicadas as técnicas inovadoras: de condicionamento físico, ambientação climática e adaptação à altitude a seleção brasileira de futebol, sob o comando de Zagallo, estreou na competição no dia 3 de junho, na cidade de Guadalajara, contra a antiga Tchecoslováquia. O time, embora, extremamente pressionado por seus próprios problemas e inquietações internas, se apresentou de forma categórica e espetacular, e terminou a partida com o placar a favor de 4 a 1. O resultado mudou todo o panorama de descrédito e de relativa insegurança da imprensa esportiva brasileira para com a seleção, fazendo ressurgir as já conhecidas referências ao "peculiar estilo de jogo" do Brasil e ao "resgate do verdadeiro futebol brasileiro". Entretanto, a exibição de gala contra os tchecos não significou apenas uma resposta aos críticos, ou um recado às outras seleções de que estava ali um fortíssimo candidato à taça, mas comprovou também, o que já era esperado quanto à condição física dos jogadores brasileiros: a seleção sobrou em campo, e não diminuiu o ritmo mesmo com a larga vantagem no marcador.

Do segundo jogo, disputado contra a seleção da Inglaterra, no dia 7 de junho, até a partida que representou a final da Copa do Mundo, jogada frente à Itália, no dia 21 de junho, a seleção continuou apresentando um futebol de primeira linha, capaz de encantar a todos que a assistia, seja nos estádios, seja pelas telas de televisão. A cada jogo, era possível constatar e verificar o excelente preparo físico dos jogadores brasileiros, que além de jogar o melhor futebol daquela Copa, possuía também o melhor condicionamento físico. A conquista do

---

[170] PEDROSA, Milton (org). Na Bôca do Túnel: Livraria Editora Gol, 1968.

Campeonato Mundial no México reforçou a ideia de que a disciplina e a ordem, características comuns ao perfil do regime militar, foram tidas como algumas das bases do tricampeonato, assim como a aplicação do "Planejamento México". Admildo Chirol, um dos preparadores físicos que formavam a comissão técnica brasileira durante a Copa, disse, em entrevista ao jornal O Estado de São Paulo, no dia 24 de junho de 1970[171], que "não foi só o preparo físico e técnico" os responsáveis pelo triunfo, "mas o comportamento disciplinar perfeito – horários e programas a cumprir com a máxima seriedade".

Seis anos após a Copa do Mundo do México, o ex treinador da seleção brasileira, João Saldanha, exercendo o cargo de colunista do Jornal do Brasil, em uma possível tentativa de resgatar a memória da conquista, fez questão de relembrar o decisivo papel do professor Lamartine DaCosta na preparação da equipe e também a importância do programa Altitude Training, que foi rememorado posteriormente em contextos diferentes, em 1976, 1981 e em 1983. Em suas crônicas, Saldanha escreveu:

> 1 – O caso é que melhor seria seguir a prática do Altitude Training, tão bem plasmado pelo comandante Lamartine, que nos fez alterar bastante a Operação México – 70. Eram conclusões de profundos estudos e práticas nos locais de competição. Foram adquiridas e comprovadas em disputas, não somente do México como em outros países de altiplanos superiores a 1 mil 860 metros[172].
>
> 5 – Mas o negócio é a Operação México e tínhamos encontrado Lamartine que era o único que sabia seguramente das coisas do treinamento na altitude. [...] Lamartine estudou profundamente o assunto e até hoje os seus ensinamentos são preciosos. Ouso sugerir que não se esqueçam de consultá-lo, embora já se tenha bastante experiência do negócio[173].

Quando analisada a questão da recuperação da memória em torno da Copa do Mundo do México em 1970, se percebe uma preocupação, sobretudo por parte de Lamartine Pereira DaCosta, em atribuir a conquista da seleção brasileira também, ao pioneiro e engenhoso esquema de preparação para o Mundial, o chamado "Planejamento México". Na supracitada entrevista do professor – que foi peça importante para a elaboração e desenvolvimento do

[171] Jornal O Estado de São Paulo, 24 jun. 1970, p. 16.
[172] Jornal do Brasil, 28 dez. 1976 – Coluna de João Saldanha, 1º caderno, p. 28.
[173] Jornal do Brasil, 24 abril 1983 – Coluna de João Saldanha, Caderno de Esportes, p. 4.

artigo Copa de 70: o planejamento México, desenvolvido pelos autores Antonio Jorge G. Soares, Marco Antonio Santoro Salvador e Tiago Lisboa Bartholo, e lançado no ano de 2006 – Lamartine concluiu respondendo que, na opinião dele:

> Quem ganhou a Copa de 70 foram os jogadores, era um grupo excepcional, mas que tiveram uma fortuna: um apoio que deu a eles, de fato, condições de ganharem a Copa. Pois, só com a habilidade eles não iam ganhar. A arte não ia funcionar e eles não iam correr os 90 minutos e, portanto, iam ter que brigar com os caras que estavam no mesmo nível deles. Eu acho, que os jogadores é que venceram a Copa, mas entrou pela primeira vez na história do esporte nacional a ciência! [...] Na Copa de 70, houve a crença que realmente funcionava o treinamento científico e aí nossa profissão mudou e Coutinho foi o grande nome que, com habilidade, soube fazer bem isto. Ele deu a dimensão do cientista no campo. Era o cara do cronômetro, da medição. Tudo era organizado, com a medicina esportiva dando apoio e não dizendo como deve ser as coisas. Funcionou o esquema dessa comissão, funcionou a ciência, funcionou o trabalho de equipe, e funcionou a administração disto[174].

Com relação a "Operação México", observamos que o filme documentário não faz nenhuma referência direta ao modelo de preparação física para a Copa do Mundo do México desenvolvido pela comissão técnica da seleção brasileira, na qual a participação de militares foi constante e significativa. No entanto, é possível fazermos algumas aproximações neste sentido. No momento em que a narrativa aborda a questão sobre o técnico João Saldanha, especificamente a sua demissão e a chegada do novo treinador, Zagallo, é exibido o testemunho do militar José Bonetti, que fala sobre o caso:

> O técnico não seria o Zagallo. O técnico seria o Otto Glória. Eu fu, ao América, e não encontrei o Otto Glória, a pedido do doutor Passo, eu não consegui. E por um acaso, é essa a história, o Zagallo treinava o Botafogo. Aonde? Na Escola de Educação Física do Exército. E lá que nós nos reunimos. E ai surgiu, em bom momento, o nome do Zagallo[175].

O discurso de José Bonetti comprova as vertentes historiográficas acerca da militarização da seleção brasileira. Assim, ao discorrer sobre a escolha de Zagallo como novo técnico da equipe, o militar deixa claro o quão influenciado pelo regime militar se deu tal

---

[174] Entrevista de Lamartine Pereira DaCosta a Antonio Jorge Soares, Marco Antonio Salvador e Tiago Bartholo em 2 jul. 2003 In GASTALDO, Edison Luis e GUEDES, Simoni Lahud (org). – Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional. Niterói: Intertexto, 2006.

[173] MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Brasil. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 51:18.

processo de escolha. Como verificamos ao longo das discussões apresentadas nesta seção, é consenso entre os historiadores do futebol que a presença de militares na delegação brasileira se deu em virtude da preocupação do regime, com a canalização política da Copa do México. Segundo Couto (2014), a própria nomeação do ex-técnico do Botafogo, "homem enquadrado" ao regime, evidencia esse cuidado. Durante o período de preparação para a Copa, Zagallo comandou o time brasileiro por sete jogos amistosos que antecederam o embarque para o Mundial. Ao longo das partidas, percebe-se o apoio de grande parte da imprensa esportiva ao temperamento do novo treinador, às novas táticas adotadas, e aos novos métodos de treinamento implantados[176].

A referência de Memórias à Escola de Educação Física do Exército (EsEFEx), não se deu por acaso. Ela se apresenta de forma a consolidar a importância da Escola tanto para o desenvolvimento da "Operação México" – fato que constatamos por intermédio da historiografia apresentada – quanto para justificar a escolha de Zagallo. Como revela Couto, o novo comandante da seleção possuía, naquela oportunidade, grande admiração por parte dos militares, que integravam a comissão técnica, sobretudo Admildo Chirol, chefe de preparação física e seu "braço direito" no Botafogo, que mantinha fortes ligações com a EsEFEx e foi um dos responsáveis por sua indicação para substituir João Saldanha (COUTO, 2014, p. 150).

Entende-se que, embora o documentário não tenha feito qualquer referência direta à "Operação México", é possível estabelecermos aproximações entre esta conjuntura e o filme, uma vez que traçamos os paralelos que permitem tal aproximação, amparados pelas próprias vertentes historiográficas, que sustentaram as discussões propostas pela obra. Ao trazer a participação do militar José Bonetti, cujo testemunho comprova a influência do regime na

[176] Matéria "A seleção dá show com jogo moderno" publicada logo após a vitória dos titulares sobre os reservas em jogo-treino realizado no estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro (JORNAL DOS SPORTS, 20 mar. 1970, p.6).

escolha de Zagallo, o autor do filme, Lúcio de Castro, permitiu que discutíssemos nesta pesquisa, também a temática sobre os métodos inovadores de preparação física, que deixou os jogadores brasileiros em ótimas condições para a disputa da Copa de 1970, uma vez que a concepção desses métodos está ligada diretamente à presença de militares na delegação brasileira, na qual se destaca a participação da Escola de Educação Física do Exército.

3.4.2 REPRESENTAÇÕES DO TRICAMPEONATO MUNDIAL E A PROPAGANDA OFICIAL DO REGIME: TODOS LIGADOS NA MESMA EMOÇÃO

A seleção brasileira entrou em campo no monumental estádio Azteca, na Cidade do México, no dia 21 de junho de 1970, para disputar a grande final da Copa do Mundo contra a sempre forte e tradicional seleção italiana. A expectativa que se criou em cima do jogo acabou por não se confirmar. A promessa de uma partida disputada, decidida nos detalhes, terminou quando o jogo começou. O placar de 4 a 1 a favor da seleção brasileira confirmou a superioridade da equipe ao longo de todo o torneio. Além do mais, consagrou e eternizou Pelé como o rei do futebol e melhor jogador de todos os tempos.

A comemoração que começou dentro do campo logo após o jogo, ultrapassou as barreiras do Azteca e se espalhou por toda a capital mexicana, que já havia abraçado o time verde e amarelo. No Brasil, a população, que além do rádio, pôde pela primeira vez acompanhar os jogos ao vivo pela TV, foi às ruas comemorar a conquista do título. Estava sacramentada a formalização da integração nacional pelas vias do futebol. Este fenômeno, estabelecido desde os anos de 1930 por Getúlio Vargas, foi terminantemente solidificado com a vitória no México. O “momento mágico” do país estava selado (GUTERMAN, 2009, p. 180).

O filme documentário, também ressaltou a consolidação dos aparelhos de televisão como instrumentos informativos e de entretenimento. A plataforma de governo dos militares, sustentada pelo discurso em prol da integração nacional foi, em grande medida, promovida graças ao acesso da população a estes bens de consumo. A respeito das potencialidades permitidas com o advento da TV, Marcos Guterman diz:

> Com a televisão, esse potencial é elevado praticamente ao infinito e, levando-se em conta o fato de que a transmissão ao vivo era uma novidade tecnológica excitante, é praticamente impossível dimensionar exatamente a explosão de sentimentos que a Copa de 70 proporcionou aos brasileiros (GUTERMAN, 2009, p. 182).

Igualmente, o autor aponta como a ditadura se aproveitou desse cenário:

> A propaganda oficial do governo explorou isso. Numa peça da Agência Especial de Relações Públicas (AERP). veiculada pela TV em março de 1970, que mostrava um gol de Tostão pela seleção brasileira, dizia-se que o futebol e a vida se equivaliam: "O sucesso de todos depende da participação de cada um" [177].

A peça acima, que embora tenha sido exibida antes da realização da Copa do Mundo, representa um exemplo perfeito de como a propaganda oficial do governo militar canalizou seus interesses através do futebol. A mesma peça também, é usada pelo autor Euclides Couto para destacar como se deu o processo de apropriação política em torno da imagem da seleção brasileira de futebol. Como vimos, este processo começou bem antes da consagração da equipe no México. Segundo o autor:

> A grande receptividade popular alcançada por essa peça despertou a percepção dos publicitários do governo para o potencial comunicativo do futebol. A identificação das massas com o esporte tornava-o progressivamente um dos símbolos mais atraentes para o governo; tanto que, paulatinamente, ele foi sendo incorporado pela propaganda oficial como um dos bens simbólicos mais importantes daquela época. [...] a categoria apostava que o sucesso da seleção na Copa contribuiria substancialmente para a construção do clima de otimismo disseminado pelas peças produzidas (COUTO, 2014, p. 153-154).

Podemos citar também, as campanhas publicitárias vinculadas à TV que foram criadas ao longo da Copa do Mundo, e que tinham como objetivo principal, exatamente, a construção de um sentimento de unidade entre os brasileiros em prol da seleção de futebol. O civismo era

---

[177] FICO Carlos, Reinventando a otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1997, p. 103 apud GUTERMAN, 2009, p. 182.

embalado em forma de música pela marchinha que dizia: "Noventa milhões em ação/Pra frente Brasil/Salve a seleção! / De repente é aquela corrente pra frente/Parece que todo o Brasil deu as mãos/Todos ligados na mesma emoção/Tudo é um só coração! / Todos juntos, vamos! / Pra frente Brasil, Brasil/Salve a seleção!" [178]. A canção conseguiu representar, o projeto do governo do presidente Médici de forma tão brilhante e ao mesmo tempo tão simples, que o verdadeiro autor da letra, Miguel Gustavo – à época, um importante sambista e compositor de jingles publicitários – é até hoje desconhecido por grande parte dos brasileiros. O que pouca gente, também, não sabe é que a criação da marchinha se deu por meio da realização de um concurso, realizado pelas empresas que patrocinaram o evento da Copa, no qual, inclusive, ela foi vencedora (GUTERMAN, 2009, p. 178). A canção apareceu como pano de fundo musical em uma das cenas do filme[179].

Sobre a seleção brasileira e a propaganda oficial na Copa de 1970, Couto diz que o Mundial:

> Foi, notadamente, um dos momentos mais bem, sucedidos da história da propaganda oficial no Brasil. Não resta dúvida de que o êxito desta campanha publicitária não deve ser creditado somente aos esforços do governo militar para aliciar o futebol a sua comunicação, mas corresponde, obviamente, à competência do trabalho desenvolvido pela comissão técnica e à qualidade individual dos jogadores escalados (COUTO, 2014, p. 151).

O regime militar, na figura do presidente Médici – que inclusive havia previsto antecipadamente o placar exato da final – alcançara o apogeu da legitimação de seus projetos de grandeza nacionalistas com a vitória da seleção. O que se viu a partir daí foi uma aproximação ainda maior do presidente para com os jogadores, especialmente, numa estratégia evidente de propaganda e marketing da ditadura. Posar para fotos ao lado dos heróis

---

[178] MARTINS, Miguel Gustavo Werneck de Souza. Pra Frente Brasil, Hino da Copa de 1970. Coral de Joab. Rio de Janeiro: Gravadora Copacabana. 1970. Compacto simples.

[177] Questões relativas à música *Pra Frente Brasil* foram discutidas com maior riqueza de detalhes o capítulo 2 desta dissertação, onde apresentamos, inclusive, uma descrição fílmica da cena onde a canção é exibida no documentário.

da conquista e segurando o troféu de campeão mundial era visto de forma muito impactante, e positiva entre a população. Tornaram-se comuns, por exemplo, as imagens do general com o corpo enrolado na bandeira do Brasil em alusão ao tricampeonato. Franco Júnior acrescenta que além dos tradicionais desfiles, onde jogadores exibiam, em carro aberto, a taça Jules Rimet pelas ruas das principais capitais do país, o governo patrocinou outras exibições públicas do troféu (FRANCO JÚNIOR, 2003, p. 143-144). O documentário relembrou o envolvimento de Médici com a seleção de 1970, como mostra a figura 18:

FIGURA 18:



O presidente Médici recebe das mãos do capitão Carlos Alberto Torres a taça Jules Rimet, acompanhados, ao fundo, por uma multidão de brasileiros eufóricos pela conquista do tricampeonato. As aparições públicas de Médici junto à seleção foram comuns neste período.
Fonte: MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Brasil. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 51:18.

A respeito das relações que podem se estabelecer entre a abordagem da conquista da Copa do Mundo de 1970, pela seleção brasileira, apresentada pelo filme e os debates acerca dessa questão realizados pela historiografia, notamos que ambos comungam de um pressuposto em comum, qual seja a qualidade difusora da televisão, enquanto instrumento,

que potencializou a representatividade em torno do tricampeonato mundial de futebol. Partindo de tal concepção, tanto o documentário quanto os historiadores compreendem que, o acesso da população brasileira à televisão, bem como o fato da Copa do México ter tido sua transmissão ao vivo, pela primeira vez no país, fizeram com que as atenções do Estado se mantivessem diretamente voltadas para o desenvolvimento de propagandas laudatórias ao regime, sobretudo articuladas ao sucesso da seleção nos campos mexicanos.

Por conseguinte, observamos que nas obras de Couto e Guterman a abordagem histórica buscou, evidenciar o período em questão como sendo um dos momentos da história da propaganda nacional no qual se obteve maior êxito por parte dos idealizadores, ressaltar como o sentimento de patriotismo que tomou conta do país durante a Copa do Mundo de 1970 foi embalado pela propaganda estatal. Da mesma forma, no documentário o enfoque se deu, através do exemplo particular da marchinha Pra Frente Brasil, em mostrar como a propaganda governista conseguiu criar um clima de comoção entre a população brasileira, que torcia pela seleção, no exato instante em que a ditadura revelava o seu momento mais brutal. De forma concomitante, tanto no filme quanto na historiografia, a afeição singular do então presidente Médici para com o futebol é destacada. Tal fato, contribuiu significativamente para que o general participasse ativamente das comemorações pelo título, exibindo, em muitas ocasiões e ao lado dos jogadores, a taça Jules Rimet a multidões de torcedores ainda extasiados, como mostramos, amparados pelas contribuições de Franco Júnior. Depreendemos, dessa forma, que o documentário estabelece uma relação de equivalência para com os debates historiográficos.

3.4.3 A ARTE DA GUERRA: AS ARTIMANHAS DOS MILITARES PARA FISCALIZAR A SELEÇÃO E A VERDADE REVELADA SOBRE O MAJOR GUARANYS

A participação direta de homens de confiança da ditadura na comissão técnica da seleção, na Copa do México, foi retratada de forma cuidadosa e especial pelo documentário. A cena a seguir, através da voz do narrador, apenas inicia a abordagem acerca das táticas de infiltração e intervenção praticadas pelo regime na delegação brasileira:

> As mudanças não ficam apenas na troca do treinador. A comissão técnica da seleção, que já tinha militares entre seus membros, ganha mais reforços da caserna. Aos militares da área técnica, juntam-se agentes ligados à repressão e à inteligência[180].

Há aqui uma interrupção no discurso do narrador onde o historiador Carlos Eduardo Sarmento completa:

> É uma característica do regime militar, em que se está construindo uma esfera de certa tecnocracia e uma esfera da segurança nacional. A ordem e o progresso são substituídos por tecnocracia – que representa o progresso, o desenvolvimento econômico, mas com a gestão tecnocrática, e a ordem é segurança nacional – a doutrina da segurança nacional. Então, na seleção brasileira convivem esses dois polos. Ou seja, um planejamento meticuloso, mas que não pode abrir mão de mecanismos de fiscalização, controle e repressão. [...] Dentro da comissão técnica de 70 você tem esses dois polos muito bem caracterizados[181].

Tornou-se verdadeiramente importante destacar que a rigidez das feições militares, consideradas essenciais para reorganizar o cenário político, econômico e desenvolvimentista do país, foram imprescindíveis para o sucesso da seleção. Como já mostramos, o processo de militarização da equipe passou pela nomeação de nomes que representavam algum respeito dentre o alto escalão do regime. Somam-se aos envolvidos na elaboração da "Operação México", o major-brigadeiro Jerônimo Bastos, que foi o chefe da delegação brasileira, e seu súbito assessor, o major Roberto Câmara Lima Ipiranga dos Guaranys. A respeito deste último, Lúcio de Castro resgatou alguns aspectos sobre a sua atuação junto ao grupo.

---

[180] MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Brasil. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 51:18.
[181] MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Brasil. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 51:18.

Aspectos, estes minimamente lembrados pela historiografia tradicional. O cuidado do autor ao se referir ao caso se personificou na figura de Eduardo Guaranys, sobrinho de Roberto Guaranys, convidado para contribuir junto às gravações. Eduardo foi de fato fundamental para "revelar os bastidores da escolha do tio como homem de confiança do regime na seleção de 70".

O zelo que os produtores tiveram ao abordarem o "caso Guaranys" pode ser percebido quando analisada a cena a seguir:

> Um mistério que persistiu por anos, e que acaba aqui. Personagem até hoje pouco conhecido e revelado, o major Roberto Câmara Ipiranga dos Guaranys[182].

O enunciado é proferido ao mesmo tempo em que uma foto da delegação brasileira, tirada às vésperas da viagem para o México, é mostrada. Nota-se, porém, que esta se apresenta de forma embaçada, tornando-a ilegível aos olhos do espectador, fato que constrói um sentido próprio à narrativa ao dialogar com o discurso do narrador, quando este fala sobre o "mistério que persistiu por anos" e que estava por se encerrar. A escolha pela imagem destorcida se justifica pela intenção do documentário, em revelar a identidade de um dos membros da delegação, que embarcou para a disputa da Copa do Mundo de 1970: o major Guaranys. As soadas melancólicas, que compõem a cena ratificam a áurea de mistério inerente a este momento da narrativa fílmica.

[182] MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Brasil. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 51:18.

Aqui, o instante em que a foto distorcida é apresentada ao espectador:

FIGURA 19:



Momento em que a foto embaçada da delegação brasileira, que embarcou para o México, é exibida. A deformidade na imagem sugere a aura de mistério em torno da identidade do major Guaranys que seria revelada, em seguida, pelo documentário.
Fonte: MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Brasil. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 51:18.

Após a introdução, em voz off, a narrativa segue com a participação de Carlos Fico:

> Os governos militares, especialmente a partir do Costa e Silva, eles tinham como estratégia de combate à repressão a infiltração. Isso era uma grande estratégia que aconteceu, sobretudo a partir de 69. Eles inclusive dizem, e diziam, que essa foi a razão da vitória sobre a subversão, a chamada subversão: a técnica da infiltração. A sociedade brasileira foi muito monitorada em todos os seus setores por esses agentes da repressão[183].

Após os comentários de Fico, a narrativa volta a se manifestar em off:

> A escolha do Major Guaranys para a função não havia sido por acaso. Dois anos antes, o então capitão se mostrara de absoluta confiança para a linha mais dura da repressão. No episódio conhecido como o "caso Parasar", em que o brigadeiro João Paulo Burnier planeja uma série de assassinatos e atentados, entre eles a explosão do gasômetro do Rio de Janeiro na hora do rush, causando cerca de cem mil mortes, para jogar a culpa na resistência ao regime, Guaranys era o homem chave do plano. O capitão Sérgio Miranda de Carvalho, o Sérgio

[183] MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Brasil. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 51:18.

> Macaco, que ficou para a história como o homem que disse "não", impediu a tragédia contrariando a ordem superior. Depois disso, foi reformado pelo Ato Institucional 5[184].

Neste momento há um corte na narração. Logo em seguida, Eduardo Guaranys, sobrinho do major Guaranys, concede um importante depoimento acerca das ações de seu tio à frente da delegação brasileira que viajou para a disputa da Copa de 1970. Antes, porém, ele relembra o "caso Parasar":

> Naquele momento, quando houve – eu fui descobrir só depois – a ordem do atentado do gasômetro, um resolveu cumprir ordem e o outro resolveu não cumprir ordem. E a divisão aconteceu naquele momento, e ai nunca mais essas duas pessoas se falaram. Então um foi punido e o outro continuou na ativa, seguindo carreira lá na aeronáutica[185].

A narrativa anuncia, em voz off, a volta de Eduardo com novas revelações – agora referentes à atuação do major como o encarregado da proteção e blindagem da seleção:

> Eduardo Guaranys, sobrinho do Major Guaranys, revela os bastidores da escolha do tio como homem de confiança do regime na seleção de 70[186].

Antes de Eduardo Guaranys discorrer sobre a atuação do major Guaranys à frente da equipe, é exibida a supracitada foto da delegação brasileira que embarcou para o México. Agora, de forma a concordar com a narrativa quanto à revelação da identidade do major, a foto se apresenta nítida e legível, como observamos na figura 20:

---

[184] MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Brasil. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 51:18.
[185] MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Brasil. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 51:18.
[186] MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Brasil. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 51:18.

FIGURA 20:



Momento em que a foto original da delegação brasileira que viajou para o México é exibida. A nitidez da imagem sugere a revelação da identidade do major Guaranys anunciada pelo documentário.
Fonte: MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Brasil. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 51:18.

Após a exibição da imagem, a narração é retomada por Eduardo Guaranys:

> Ele foi posto naquela posição pra controlar qualquer tipo de desvio, pois já tinha um trauma que vinha do João Saldanha. Foi exatamente isso, foi pra controlar e ser o mensageiro daquela ditadura, naquele momento da história do Brasil. A imagem, ou então a FIGURA, era pra proteger a seleção, de fora pra dentro, mas sem dúvida a proteção era de dentro pra fora. Com certeza essa era a função dele[187].

A fala de Eduardo é novamente interrompida, desta vez pelo jornalista José Trajano, que relembra a atuação do major Guaranys durante o período em que a seleção esteve instalada no México:

> Esse Ipiranga dos Guaranys era uma coisa muito maluca, porque ele era muito forte, poderoso, habituado a trazer treinamentos pra multidão e tal. Quando o ônibus da seleção ia chegando ao estádio, ou chegando à concentração, ele saía e ia à frente do ônibus, sozinho. Tinha uns guardas ali vigiando e tal, mas ele ia

[187] MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Brasil. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 51:18.

> comandando aquela função como se fosse uma função, uma ação militar mesmo[188].

Eduardo conclui o seu valioso testemunho a respeito do tio ao dizer:

> Ele era o homem próprio, apropriado, perfeito pra estar naquela posição naquele momento. Tanto é que hoje em dia você nem ouve falar dessa pessoa que estava lá como chefe de segurança. Você pode estar certo, eu acompanho isso a vida inteira, nunca houve nenhuma relevância ao nome do Roberto Guaranys como chefe da segurança da seleção de 1970. O país não viu, não entendeu naquele momento – porque também não tinha informação – mas não entendeu que ele estava ali pra blindar a seleção, pra não deixar sair nada que não fosse bom pra ditadura. Se for comprovado, [...] que foi realmente, ele, o homem que fazia tais barbaridades até, eu vou julgar errado[189].

Observamos que o documentário se refere rapidamente ao "caso Parasar", como forma de justificar a escolha do major Guaranys como homem de confiança do regime militar na delegação brasileira, que viajou para a disputa da Copa do Mundo de 1970, no México. Ao se referir ao caso, a narrativa cita também, o nome do capitão Sérgio Miranda de Carvalho, "o Sérgio Macaco, como o homem que disse 'não' e impediu a tragédia contrariando a ordem superior". Recorremos às contribuições da antropóloga Maria Manuela Alves Maia[190] para discorrer brevemente acerca do "caso Parasar".

A história por trás do acontecimento data de 1968, quando o capitão Sérgio se opôs às ordens de seu superior imediato, o brigadeiro João Paulo Burnier, para fazer uso da esquadrilha – tropa de elite da Aeronáutica, especializada em resgate, reconhecimento e salvamentos – no cumprimento de um plano composto de várias ações "subversivas" contra os "terroristas". Entre tais atos, constava o de explodir a represa de Ribeirão das Lajes e o Gasômetro do Rio de Janeiro, além de jogar ao mar, vários presos políticos. Segundo o

---

[188] MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Brasil. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 51:18.
[189] MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Brasil. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 51:18.
[190] MAIA, Maria Manuela Alves. Reflexões sobre o caso Para-Sar e a lei de Anistia. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, julho 2011.

capitão Sérgio Macaco, o objetivo dos atos era o de culpar os "terroristas" [191] e desestabilizar a imagem da resistência ao governo junto à opinião pública. Medida que justificaria o caráter repressivo e punitivo, aplicado às relações para com os grupos contrários ao regime. Os superiores – o brigadeiro João Paulo Burnier e o Ministro da Aeronáutica Márcio de Souza e Mello – se defenderam das acusações, alegando que tal situação não passara de uma história inventada pela mente insana do capitão Sérgio Macaco. Outros oficiais, entretanto, sustentaram a denúncia, que acabou por provocar um grande mal-estar na Força Aérea e certa inquietação na sociedade civil. Como consequência, os militares se viram obrigados a abrirem uma sindicância para obter apurações mais detalhadas sobre o caso. Por intermédio do Ato Institucional n°5 (AI-5), e apesar de jamais ter se chegado a um consenso quanto à atribuição da punição do capitão Sérgio Miranda de Carvalho, decidiu-se que o mesmo deveria ser afastado de suas funções.

Como revelado pela narrativa fílmica, Roberto Câmara Ipiranga dos Guaranys, que naquele momento também estava submetido às ordens do brigadeiro Burnier, acatou, ao contrário de Sérgio Macaco, as ordens superiores e seguiu carreira militar, mesmo após o desfecho das investigações.

Embora a questão acerca do processo de militarização da seleção brasileira, especialmente a partir de 1969, momento no qual a equipe serviu totalmente como objeto de capitalização de apoio político, para o governo militar, tenha sido temática de recentes pesquisas historiográficas, o filme Memórias, ao trazer a participação de personagens que estiveram diretamente ligados ao contexto, contribui com novas informações e aspectos importantes para estudos futuros na área. Destacamos de forma especial, os depoimentos de

---

[191] A autora recorre às contribuições do sociólogo e cientista político Gláucio Ary Dillon Soares In SOARES, Gláucio Ary Dillon. *A Democracia Interrompida*. Rio de Janeiro: FGV, 2001, p. 355 para mostrar que o perigo comunista foi uma das principais razões que explicaram o golpe para todos os autores militares.

Eduardo Guaranys, sobrinho do major Guaranys, homem de confiança dos militares e responsável pela segurança e blindagem da delegação brasileira durante a Copa do Mundo de 1970, no México. As revelações de Eduardo, sobre a atuação do tio, nos bastidores do título mundial conquistado pelo Brasil organizam uma narrativa original e inédita para o caso, e constituem-se, por conseguinte, como referência para novos trabalhos.

3.5 A INVESTIGAÇÃO SOBRE PELÉ E HAVELANGE

Os anos posteriores à conquista da Copa do Mundo de 1970, no México, foram marcados pela ambiguidade de um governo ainda preso aos seus velhos instrumentos de autoridade, mas ao mesmo tempo disposto a diálogos, em prol da abertura política. Percebeu-se que tal flexibilização promovida por Ernesto Geisel, ao passo que fazia o Brasil caminhar rumo à redemocratização, procurava manter o controle de todos os setores da vida nacional.

Acerca deste período, o historiador Thomas Skidmore[192] entende que o êxito da estratégia econômica adotada, de buscar novas estratégias para tentar manter os índices de crescimento acelerado, o que implicaria rever o modelo do chamado "milagre econômico", acabou favorecendo o prestígio interno do governo e abriu as portas para a abertura democrática. Ao assumir o controle do Estado, prometendo "sinceros esforços para o gradual, mas seguro, aperfeiçoamento democrático", Geisel procurou manter a legitimidade do regime, por entender que ao fazê-lo, estaria assegurando uma das condições essenciais para conduzir o país rumo à abertura política, sem perder as rédeas do processo.

[192] SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Castelo a Tancredo, 1964 – 1985.* 2ªed. Tradução de Mário Salviano Silva. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

A argumentação de Skidmore é ratificada pelo historiador Ronaldo Costa Couto[193], que acrescenta, que o bom desempenho no setor econômico não visava apenas o projeto de desenvolvimento rápido defendido pelo governo, mas, ao manter o crescimento da economia e, por conseguinte melhorar a distribuição dos benefícios do desenvolvimento, o governo Geisel estabelecia importantes instrumentos de legitimação do regime.

O futebol foi, neste aspecto, novamente alvo direto da atenção dos militares. Em 1975, João Havelange, então presidente da CBD, deixa o cargo sob circunstâncias no mínimo obscuras. Um ano antes, o mandatário fora eleito para a presidência da FIFA, entidade máxima do futebol mundial. Existem rumores que ele era figura constante nas listas de investigados do SNI – Serviço Nacional de Informação. A grande jogada do governo militar foi, no entanto, nomear o almirante Heleno Nunes para o posto, em uma clara demonstração de controle e interferência. Com Nunes a frente da CBD, boa parte da imprensa especializada da época concordava que o futebol brasileiro havia chegado ao seu "fim". É neste momento, por exemplo, que o maior campeonato nacional de clubes do país passou a ser disputado por quase uma centena de clubes.

Sobre a questão envolvendo Havelange, o documentário foi além. Segundo a narrativa do filme, que se manifesta em off, "até João Havelange era vigiado pelos órgãos de informação"[194].

Há então, nova contribuição de Carlos Eduardo Sarmento:

> E o Havelange, a princípio, ele passa a ser monitorado e submetido a inquéritos policiais militares a princípio com essa aura da corrupção. Se denunciava irregularidades na obtenção de empréstimos – por exemplo pra compra do

[193] COUTO, Ronaldo Costa. História indiscreta da ditadura e da abertura. Brasil: 1964-1985. Record, Rio de Janeiro, 1999.
[194] MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Brasil. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 51:18.

> imóvel definitivo da confederação – de como ele tinha tido acesso a certas informações sobre o trâmite do mercado imobiliário, como ele tinha tido condições de captar um empréstimo com juros e condições de pagamento muito favoráveis. [...] Quando a gente vai pesquisar e entender o porquê dessa preocupação com o Havelange, ela vai muito além dessa questão da corrupção. Ela vai por conta de um vínculo, e um vínculo familiar, que o Havelange tem com o Juscelino (Kubistchek). [...] Nós sabemos, ele tinha uma grande habilidade política. E o Havelange desde o primeiro IPM ao qual ele foi convocado, ele se recusou a levar um advogado, e ele levou um general para acompanhá-lo. Um amigo general. E isso dava aos seus algozes [...] uma certa preocupação[195].

Ainda sobre as ações de investigação do regime militar sobre o futebol e seus personagens, o documentário lembra que até mesmo Pelé, considerado o maior craque de todos os tempos, e usado como instrumento de propaganda pela ditadura, teve seus passos acompanhados de perto. Como é mostrado na transcrição a seguir, o narrador informa, também, que a produção da série Memórias do Chumbo – O Futebol nos Tempos do Condor tentou estabelecer contatos com o jogador, e foi ignorada:

> Pelé também tinha os passos monitorados. Porém, de acordo com documentos do serviço de informações do extinto Departamento Estadual de Ordem e Política Social – o temido DOPS, do estado de São Paulo – qualquer possível desconfiança com o rei do futebol por parte do regime militar, ficou pra trás no dia 21 de outubro de 1970, pouco depois da conquista do tricampeonato mundial. Segundo os relatórios do DOPS, em visita ao gabinete do diretor geral do órgão, Pelé contou que em jogos realizados no México e na Colômbia, foi assediado por comunistas para assinar manifestos contra o governo brasileiro. E que não concordou, por ser contrário ao comunismo. O documento informa ainda que Pelé se prontificou a deixar isso público em pronunciamentos nesse sentido, se fosse julgado conveniente. Tentamos ouvir Pelé através de seu assessor, sem obter resposta[196].

Acerca das cenas transcritas acima, se faz necessário destacar que enquanto a narrativa se manifesta e aborda a questão da vigilância sobre Pelé e Havelange, imagens de ambos são exibidas, bem como cópias de documentos dos órgãos de controle e repressão, que ratificam a fiscalização destes personagens ligados ao futebol brasileiro na época da ditadura. No caso particular do jogador, quando é chegado o final da cena na qual o narrador anuncia que a produção do episódio brasileiro de Memórias do Chumbo – o Futebol nos Tempos do Condor

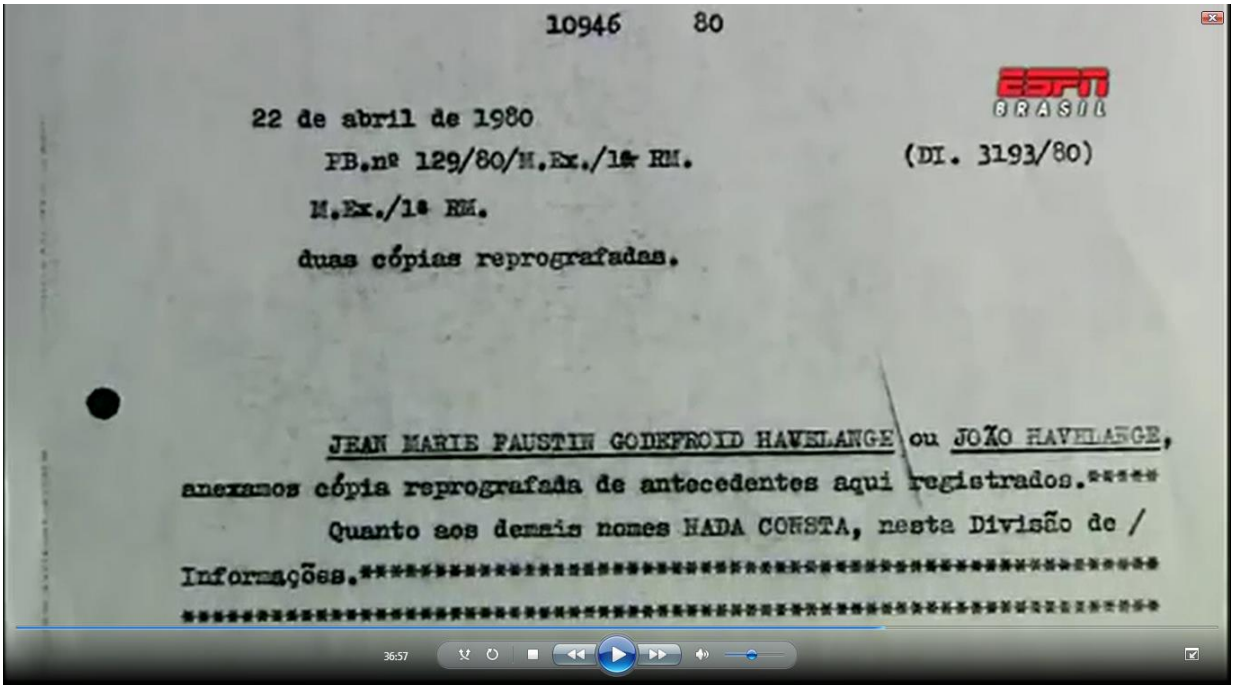
---

[195] MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Brasil. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 51:18.
[196] MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Brasil. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 51:18.

tentou estabelecer contato com Pelé e não obteve resposta, é exibida uma foto onde o mesmo aparece posando para o que parece ser uma campanha publicitária. A confluência destes fatores – a tentativa frustrada de falar com Pelé a respeito de sua relação com o regime e a exibição de uma foto sua estampando uma campanha midiática – nos permite a possibilidade de duas interpretações: 1) a intencionalidade da série em reafirmar a postura de neutralidade e complacência do maior jogador de futebol de todos os tempos frente ao autoritarismo do governo brasileiro, quando, e justamente por ostentar tal posto, estando, por conseguinte no centro das atenções dos órgãos de imprensa, poder-se-ia esperar dele uma atuação mais crítica e menos condescendente; 2) a aceitação do próprio Pelé da condição de benevolência estabelecida entre ele e os militares ao se recusar a prestar esclarecimentos ou declarações acerca do contexto levantado pelo documentário.

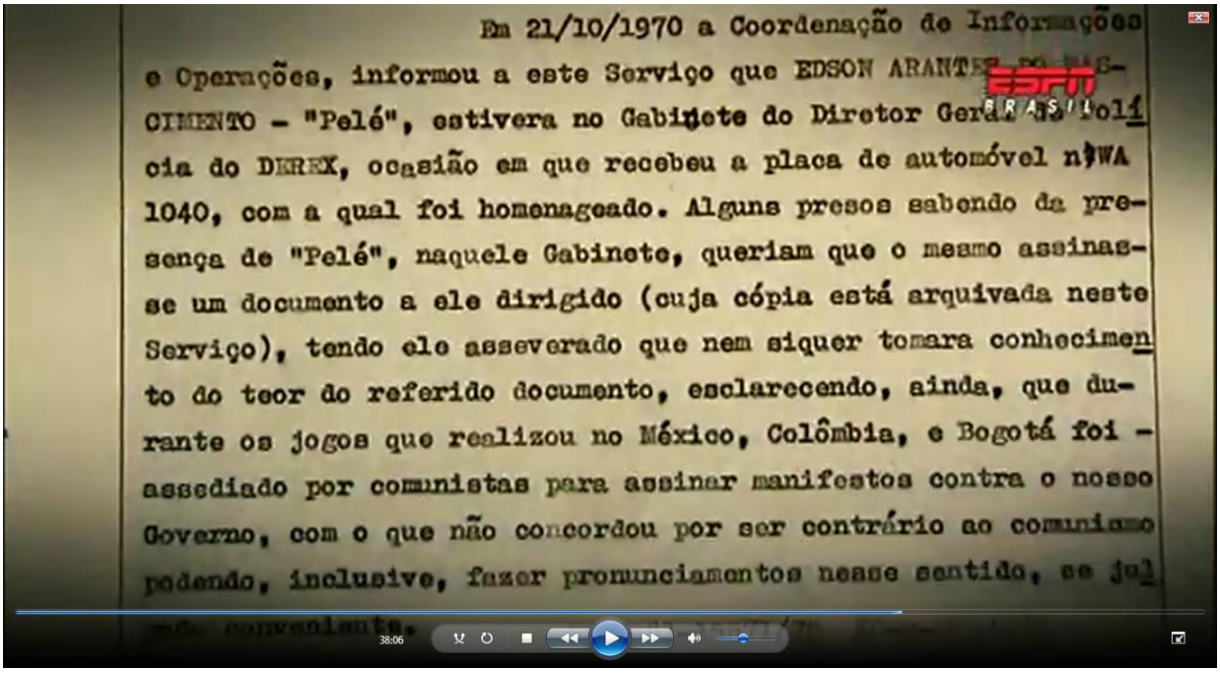
As informações acima que contemplam os recursos imagéticos utilizados pelo documentário podem ser observadas, conforme figuras abaixo:

FIGURA 21:



Documento exibido pelo documentário que ratifica a perseguição e vigilância sobre o então presidente da CBD João Havelange.
Fonte: MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Brasil. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 51:18.

FIGURA 22:



Documento exibido pelo documentário que ratifica a perseguição e vigilância sobre o jogador Pelé.
Fonte: MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Brasil. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 51:18.

FIGURA 23:



Imagem de Pelé como garoto propaganda.
Fonte: MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Brasil. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 51:18.

Sobre Pelé e seu potencial propagandístico, o historiador Marcos Guterman (2009) lembra que ainda em 1960, em um momento anterior ao golpe militar de quatro anos depois, quando o jogador, com apenas 19 anos de idade, assinou um contrato no qual receberia 50 mil cruzeiros para ser o garoto propaganda do Instituto Brasileiro do Café no exterior. Sobre o acordo, Pelé disse que considerava a quantia paga pelos seus serviços "simbólica", e que aceitou a proposta do governo "pelo espírito de patriotismo" e que, segundo ele, "todos os brasileiros que tenham o mínimo de possibilidade de ajudar qualquer empreendimento para elevar nossa pátria devem fazê-lo, renunciando a tudo e confiando sempre em melhores dias para o Brasil[197]".

Dado o elevado grau de representatividade que a imagem de Pelé alcançara, Euclides Couto lembra que no ano de 1970, especialmente, a Agência Especial de Relações Públicas (AERP) trabalhou fortemente, para associar a figura do jogador às realizações do governo brasileiro. Neste momento, a imagem do jogador já era amplamente conhecida nacionalmente. Ele era então o "menino dos olhos" do presidente Médici, e entre os meses de abril e maio daquele ano, Pelé foi convidado a participar de vários eventos oficiais, nos quais figurava ao lado do presidente da república e dos ministros do governo. O autor revela ainda que, a partir da Copa do Mundo de 1958, quando o público europeu conheceu suas incríveis habilidades, Pelé iniciou sua trajetória de "estrela" fora dos gramados. Os títulos mundiais conquistados em sequência, nos anos de 1962 e 1963, quando jogava pelo Santos, fizeram com que a indústria de propaganda de massa canalizasse estrategicamente o sucesso do jogador (COUTO, 2014, p. 155).

[197] Sobre esta questão, ver a matéria "Pelé ganha agora Cr$ 50 mil do IBC", em *O Estado de São Paulo*, 17 mai. 1961.

Segundo o antropólogo Luiz Henrique de Toledo[198] na década de 1960, Pelé representava a própria imagem do futebol e sua imagem confundia-se com a representação (estereotipada; construída pelos estrangeiros) da identidade nacional brasileira (TOLEDO, 2004.). Por sua vez, o autor José Miguel Wisnik[199] revela que no início da década de 1970, com a popularização em escala global da televisão, o jogador percorreu o mundo por meio de peças publicitárias dos mais diversos segmentos. A International Advertising Association, organização que monitora a comunicação em todo o globo, considera Pelé como o homem que possui o maior número de aparições em peças de publicidade no século XX, fato que o torna, portanto, o maior garoto propaganda do planeta (WISNIK, 2008, p. 350).

Observamos, que o filme Memórias de Chumbo – O Futebol nos Tempos do Condor / Brasil não aborda diretamente a questão sobre a participação de Pelé em campanhas publicitárias, nem trata da preferência dos militares por sua imagem como símbolo de propaganda pró-regime, fato que, como vimos, é constantemente abordado pelos historiadores. A narrativa é voltada para a constante vigilância que o jogador fora submetido durante a ditadura militar, por se tratar do maior jogador de futebol de todos os tempos, fato que não inibiu a frequente atenção sobre ele pelos órgãos de controle. Assim sendo, ao atribuir uma nova perspectiva à temática, o filme acarreta uma relação de complementariedade para com as análises historiográficas. Uma possível justificativa para a delimitação analítica do documentário acerca de Pelé pode ser compreendida pelo fato, mencionado pela narrativa, da tentativa frustrada da equipe de produção de contatar o jogador, por meio de sua assessoria de imprensa.

---

[198] TOLEDO, Luiz Henrique de. (2004). "Pelé: os mil corpos de um rei". In: J. Garganta, J. Oliveira, M. Murad. (orgs.), Futebol de muitas cores e sabores: reflexões em torno do desporto mais popular do mundo. Cidade do Porto: Universidade do Porto/Campo das Letras: 2004.

[199] WISNIK, José Miguel. Veneno remédio: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

3.6 OS CAMPOS DO PROTESTO: O FUTEBOL COMO ESPAÇO DE MANIFESTAÇÕES SIMBÓLICAS DE OPOSIÇÃO À DITADURA

Em Memórias do Chumbo – O Futebol nos Tempos do Condor / Brasil, o autor Lúcio de Castro, confere atenção especial também, para a perspectiva do futebol usado como instrumento de manifestação política contrária à ditadura. Essa questão, embora tenha sido objeto de pesquisas científicas realizadas no campo da história nos últimos anos, ainda carece de novas abordagens. Assim, o documentário realiza, por meio da sua narrativa, uma abordagem complementar aos estudos historiográficos.

O filme traz a participação do jogador Afonsinho, que atuou por grandes clubes brasileiros como Botafogo, Flamengo, São Paulo e Santos, e foi um dos principais agentes na luta contra a imposição de padrões e atitudes, consideradas pelo regime militar como "adequadas" ao sistema. Em diálogo com a historiografia do futebol, que muito já produziu acerca das vozes discordantes do discurso autoritário proferido pelos militares, o documentário aborda a temática, como se verifica na transcrição abaixo:

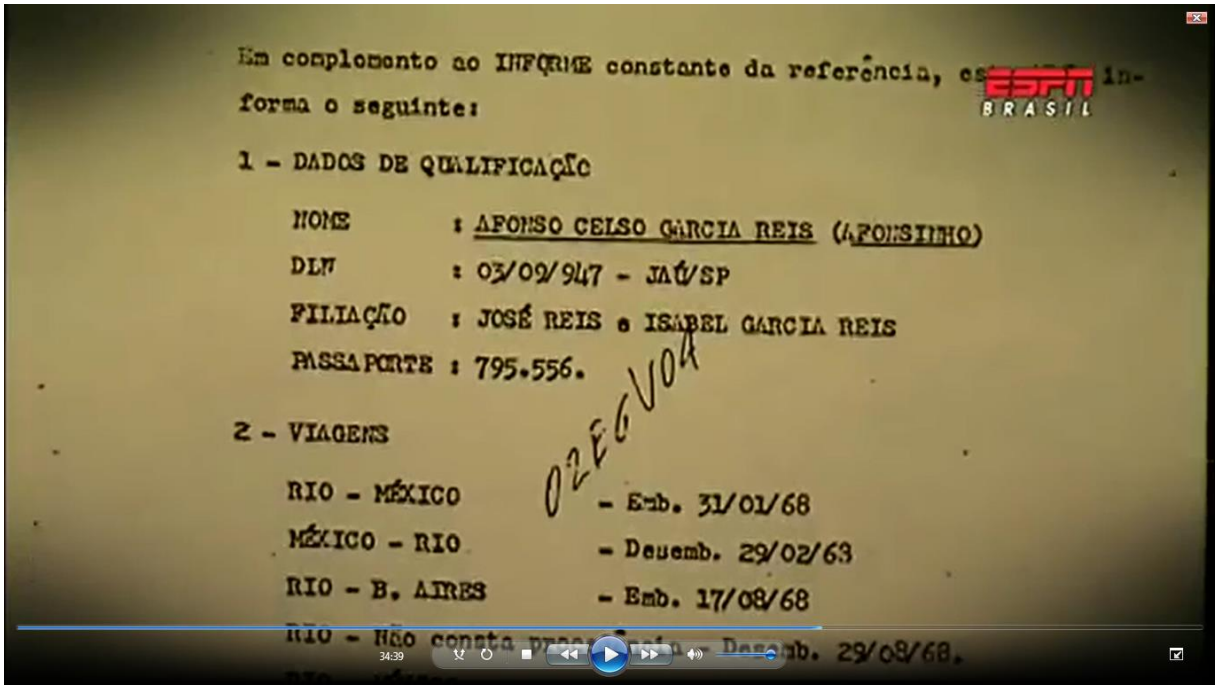
> Já não havia limites para o regime militar. O futebol e seus personagens passam a ser ainda mais monitorados. Os arquivos não deixam dúvidas sobre uma outra grande vítima do estado de segurança implantado: Afonsinho – acompanhado em todos os passos, aqui e no exterior[200].

Neste momento, é feito um corte quando o próprio Afonsinho presta seu testemunho dando continuidade à narrativa. Observa-se que, enquanto o ex-jogador se manifesta, imagens de sua carreira são exibidas junto a documentos, que comprova sua perseguição por parte dos órgãos de censura e repressão, conforme figura 23:

---

[200] MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Brasil. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 51:18.

FIGURA 24:



Documento exibido pelo documentário que ratifica a perseguição e vigilância sobre o jogador Afonsinho.
Fonte: MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Brasil. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 51:18.

O jogador revela:

> Outra coisa também que ficou muito marcada pra mim, foi quando eu fui pro Santos, e fizemos uma excursão, e na volta dessa excursão, alguns dias depois, um jornalista de um jornal de Santos teve uma atitude muito digna comigo. E eu tenho procurado até identificá-lo pra poder agradecer até pessoalmente – e me disse que tinha sido procurado por um órgão de segurança, querendo informações sobre o que eu fazia na excursão. Eu tenho a consciência nítida de que eu merecia ser chamado – pelo menos em seguida à Copa de 1970. Houve até muito comentário [...] da imprensa e tal, que eu não ter sido convocado naquele momento era estranho e tal. Foi uma relação direta mesmo[201].

Em sua obra, Euclides Couto atribui mais precisão e detalhamento de informações, casos e personagens ao abordar a questão das lutas simbólicas no campo futebolístico brasileiro, durante o período de autoritarismo imposto pelos militares. Naquele momento, as atividades de vigilância e controle praticadas pela ditadura obrigavam a adoção de novas

[201] MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Brasil. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 51:18.

condutas a profissionais de diversos setores, sobretudo artistas, professores, jornalistas e intelectuais. Neste cenário, o autor lembra que, uma vez apropriado definitivamente como um dos símbolos do país, o futebol teria a incumbência de fomentar a exaltação dos padrões e valores difundidos pelo regime. Princípios básicos como o espírito coletivo, a ordem e a disciplina deveriam, além de orientar as atividades de treinamento e preparação física, embasar os elementos fundamentais do estilo de jogo, e em especial, da conduta profissional e pessoal dos jogadores brasileiros (COUTO, 2014, p. 176).

O caso de perseguição a Afonsinho teve início em 1970, mais precisamente no mês de agosto, quando o jogador defendia as cores do Botafogo. Ao se apresentar para os treinamentos, que abririam a preparação para o segundo semestre daquela temporada, exibiu um visual "alternativo". Sua barba e seus cabelos volumosos foram considerados inapropriados, para um jogador de futebol daquela época. O treinador do clube carioca era ninguém menos que Zagallo, que acabara de voltar do México e ostentava orgulhosamente a conquista do tricampeonato mundial com a seleção nacional. Devido à convivência forçada com os representantes diretos do regime, infiltrados na comissão técnica da seleção, o técnico acabou absorvendo os sinais do autoritarismo segregado pela autarquia brasileira. Assim, Afonsinho foi proibido de treinar com o restante da equipe enquanto não retornasse apresentando uma aparência "adequada" (COUTO, 2014, p. 200-201).

Em entrevista concedida a Couto em 2007, o jogador revelou que jamais teve a intenção de inspirar qualquer tipo de provocação ou subversão. No entanto, após sentir sua liberdade de expressão desrespeitada por Zagallo, assumiu uma atitude de protesto por meio de sua aparência:

> [...] Eu não podia treinar com o grupo porque eu tava diferente. Isso é uma coisa ridícula, não é? [...] Eu não queria provocar ninguém. Era só uma questão de moda. Era uma influência daquela época de 68, daquilo tudo, eu era estudante e me assumia rebelde mesmo. Eu era um jovem na época. Só que quando o

> Zagallo me proibiu de treinar, eu mantive minha palavra. Aquilo virou uma atitude de rebeldia e passou a ser dentro do futebol uma proposta interessante (Afonsinho, 2007, apud COUTO, 2014, p. 201).

Este episódio foi apenas um dos vários embates protagonizados por Afonsinho, para fazer valer suas convicções e ao mesmo tempo confrontar as decisões infundadas de Zagallo em mantê-lo afastado da equipe. O caso ganhou atenção da mídia especializada na medida em que, passou a envolver também os diretores do clube carioca. O bom desempenho do jogador em sua passagem pelo Olaria permitiu sua volta ao Botafogo. Entretanto, como ressalta Euclides Couto (2014, p. 202), a exteriorização de suas atitudes contestatórias desviava-se inteiramente do arquétipo de jogador almejado pelos padrões de outrora.

Enquanto na obra de Couto, a abordagem historiográfica é direcionada às ações de rebeldia do jogador, evidenciadas pelas atitudes de contestação simbólica, no documentário o enfoque, que respeita obviamente a proposta do roteiro, é direcionado à perseguição sofrida por ele em função dos seus atos de rebeldia. Ao conferir uma nova abordagem ao "caso Afonsinho" observamos que a narrativa fílmica produz um efeito de complementariedade aos estudos históricos.

Como podemos perceber, a reprodução das tensões e das lutas simbólicas travadas no interior da sociedade brasileira durante os tempos áureos do regime ditatorial, encontraram no campo futebolístico um local possível de externalização de sentimentos e ações dissonantes. Existiram, nessa perspectiva, outros esportistas que utilizaram o futebol para manifestarem-se como opositores ao sistema. Couto resgata o exemplo de Tostão, jogador que construiu uma carreira brilhante atuando pelo Cruzeiro Esporte Clube.

Tostão foi, ao lado de Pelé, considerado um dos jogadores mais importantes da seleção brasileira na campanha vitoriosa de 1970, no México. Suas habilidades com a bola nos pés eram as mesmas fora dos campos. Quando o foco era se posicionar criticamente,

acerca das questões relativas à vida política do Brasil àquela época, o atleta o fazia de forma categórica. Ao expressar seu descontentamento e aversão a temas considerados polêmicos, Tostão revelou uma extraordinária capacidade intelectual, que o tornava capaz de sistematizar seus pareceres e posicionamentos de forma clara e objetiva. Neste contexto, o autoritarismo exacerbado que corrompeu o universo do futebol brasileiro, sobretudo após a implantação do AI-5, foi o assunto que mais envolveu o jogador.

Em sua autobiografia, o "autor" Tostão fala sobre suas declarações públicas e as ações dos agentes da ditadura que tentavam amedrontá-lo:

> Dei várias entrevistas nesse período de 1966 a 1970, o auge da ditadura, falando coisas que tiveram muita repercussão: disse [...] que era a favor da reforma agrária, contra a ditadura, e eleitor de Brizola na época, etc. Um dia recebi um telefonema, não sei de quem, dizendo que eu seria chamado para prestar esclarecimentos. Até hoje não sei se era trote, e continuei a dar opiniões (TOSTÃO, 1997, p. 61-62).

Couto compreende que, a conduta do jogador condensava os sentimentos de boa parte da população brasileira. Sem adotar medidas de intervenção direta à ordem imposta, sua voz como interlocutor contrário ao regime só pôde ser ouvida pela história, em virtude do "espaço das lutas simbólicas" concebido à volta do futebol. O autor conclui que os atributos intelectuais de Tostão, que resultaram em lúcidos posicionamentos políticos, além da sua capacidade crítica e suas convicções particulares, foram elementares para promovê-lo como socialmente distinto entre os jogadores do futebol.

Contudo, ao se reconhecer socialmente a inteligência de um atleta – ou de um grupo de atletas – assume-se também que o futebol se apropria das funções de um espaço simbólico, constituindo-se como uma arena em potencial para a multiplicação dos conflitos hierárquicos desencadeados na esfera social (COUTO, 2014, p. 221-222). Os casos acima – Afonsinho e Tostão – são, portanto, exemplos óbvios, porém não únicos, deste cenário.

Definimos como um dos principais objetivos para esta pesquisa, sobretudo para o presente capítulo, estabelecer uma abordagem analítica e comparativa acerca dos discursos históricos apresentados pelo documentário Memórias do Chumbo – O Futebol nos Tempos do Condor / Brasil e, das vertentes historiográficas que estudam as relações entre o futebol e a política no país. Concluídas as análises propostas, observamos que o filme contempla em sua narrativa, perspectivas que apresentam contornos tanto de equivalência quanto de complementariedade para com a historiografia corrente, sendo que em alguns casos, aborda temáticas raras ou inexistentes nas produções sobre o tema. É o que constatamos com as participações de João Viotti Saldanha, filho do ex-técnico da seleção brasileira, João Saldanha, que revelou com detalhes como o pai de fato usava as viagens e a visibilidade oriundas do cargo, para manifestar sua insatisfação com a situação do Brasil, e de Eduardo Guaranys, sobrinho do agente da repressão que foi o responsável direto pela segurança e blindagem da delegação brasileira, que viajou para o México em 1970, o major Guaranys, que revelou detalhes da participação do tio nos bastidores da conquista do tricampeonato mundial. Neste caso, a obra constitui-se como novo parâmetro de orientação e de pesquisa, para trabalhos futuros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um momento marcado pela imposição do regime militar no Brasil, o futebol, enquanto um dos maiores símbolos culturais do povo brasileiro, foi utilizado como instrumento de capitalização de apoio político, em prol dos projetos nacionalistas do Estado. Na esteira das interpretações historiográficas, relacionadas ao tema, as discussões realizadas neste trabalho permitem concluir, principalmente, que as abordagens apresentadas pelo documentário Memórias do Chumbo – O Futebol nos Tempos do Condor / Brasil dialogam diretamente com os recentes trabalhos produzidos pela historiografia do futebol. Mais do que isso, permitem definir o filme produzido por Lúcio de Castro como uma nova narrativa histórica sobre o assunto.

Analisada em sua totalidade, concluímos que a obra corrobora com as várias perspectivas acerca da relação futebol e ditadura, que são comumente trabalhadas pelos historiadores do futebol. Ao recuperar tais questões e, apresentá-las sob a ótica particular dos filmes documentários, o autor ofereceu, em específico, uma abordagem completamente inédita dentre os trabalhos já realizados: o caso do Major Guaranys, que, por seu turno, contribuiu para referendar a tese de que a seleção brasileira havia se transformado em um espaço de interferência direta do governo militar, sobretudo ao longo do período de preparação e disputa da Copa do Mundo de 1970, no México. Lembramos que ao fazê-lo, Lúcio de Castro recorreu a depoimentos de atores que estiveram intimamente ligados a este contexto, e, portanto, colaboraram significativamente para a (re) construção e representação de tais acontecimentos.

O fato de recorrer a personagens ligados ao contexto da ditadura foi, como procuramos retratar nesta dissertação, prática recorrente à qual o autor se valeu ao longo de toda a

narrativa fílmica. Ao dividir a participação desses personagens em duas categorias distintas – pesquisadores e especialistas no mundo histórico do regime militar brasileiro, e pessoas que vivenciaram in locu o período e, mais ainda, os próprios fatos históricos narrados pelo filme; constatamos que, a participação destes autores significaram um passo importante no cumprimento das expectativas propostas por Lúcio de Castro, previamente apresentadas por esta pesquisa, de contribuir com o resgate e a preservação da memória referente à época.

A materialização, sob a forma de produção audiovisual do conteúdo histórico e memorial recolhido pela equipe de Memórias tem de ser compreendido visando alguns paralelos, discutidos neste trabalho. Lúcio de Castro, autor da série de documentários, dentre os quais o episódio brasileiro consistiu em nosso objeto e Fonte principal de pesquisa, é, antes de tudo, um jornalista em plena atividade profissional, estando inserido, portanto, tal como revela Pierre Bourdieu[202], em uma lógica de mercado onde a instituição a qual ele representa e é subordinado, está em constante busca pelas fatias de mercado, relativas ao segmento esportivo na televisão brasileira. Neste sentido, a escolha pela produção de uma série de filmes documentários acerca da temática investigada, obedece, em primeiro lugar, à própria lógica imposta pelo mercado televisivo, onde as emissoras devem permanecer em ritmo contínuo de produção de conteúdo midiático. Memórias do Chumbo – O Futebol nos Tempos do Condor / Brasil, é dessa forma, e em primeira instância, um produto mercadológico fruto de um trabalho que respeitou todo o rigor e seriedade exigidos pelo tema, e que por esta razão, consolidou-se, por conseguinte, como importante Fonte de arquivo e referência.

Não podemos, entretanto, perder de vista as particularidades em termos de autonomia crítica e isenção editorial, que definem o viés jornalístico da ESPN BRASIL.

---

[202] BOURDIEU, Pierre Sobre a televisão; tradução Maria Lúcia Machado. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1997.

Entendemos que, a produção de uma série documental carregada de elementos diretamente relacionados à memória afetiva e histórica de milhares de argentinos, chilenos, uruguaios, e especialmente, brasileiros, só seria possível em um ambiente institucional que apresentasse, de fato, um grau demasiadamente elevado de autonomia frente às esferas políticas, e no caso particular do campo esportivo, aos órgãos responsáveis pela regulamentação e promoção dos eventos esportivos. Vimos que durante os anos marcados pelo regime militar no Brasil, as relações entre os canais de comunicação e governo estiveram pautados por interesses mútuos e convenientes; fato que impede, mesmo três décadas após o término do regime ditatorial, que editoriais, da grande maioria dos veículos de comunicação do país, permitam produções do calibre da obra, cuja responsável direta pela produção foi a ESPN BRASIL.

Com relação às questões de cunho conceitual e teórico, procuramos reafirmar a posição de Memórias do Chumbo – O Futebol nos Tempos do Condor / Brasil enquanto lugar de memória. Tal argumentação é sustentada, quando consideramos o conjunto de recursos, típicos do gênero, empregados em sua produção, dentre os quais se destacam a participação de atores diretamente inseridos no contexto da ditadura, sejam estes como, participantes ativos dos acontecimentos retratados pelo filme, ou como historiadores que se dedicaram a estudá-la. Ademais, o debate historiográfico acerca de aspectos relacionados à memória nos permite estabelecer que a posição ideológica do filme em relação à ditadura se dá no sentido do mesmo atuar como ferramenta capaz de mobilizar as memórias relativas ao período, e perpetuá-las na sociedade brasileira. Entendemos, pois, que a observação de todos os elementos analisados nos capítulos anteriores nos coloca em condição de concluir que, o documentário reuniu uma série de recursos que contribuíram efetivamente para tal resgate, preservação e divulgação das memórias relativas à ditadura militar brasileira. No contexto atual, marcado pela instauração da Comissão Nacional da Verdade, instituída pela Lei 12.528,

de 18 de novembro de 2011 e pela abertura dos arquivos do regime militar, as vozes que foram silenciadas pela tortura e pela violência décadas atrás, anseiam, de alguma forma, por serem ouvidas.

Retomando a argumentação proposta, de que existe de fato uma vertente estabelecida de produção cinematográfica do gênero documentário sobre o futebol no Brasil, a série Memórias do Chumbo – O Futebol nos Tempos do Condor em uma perspectiva global, ou seja, considerando todos os seus quatro episódios, é referência no que compreende o recorte temático abordado por ela, qual seja as relações entre futebol e regimes militares. Como tal, ela se apresenta, para além das vertentes historiográficas clássicas – e de maneira concomitante oferecendo possibilidades de diálogo para com estas – como uma Fonte e simultaneamente um objeto importante de pesquisa histórica, que atua na direção de nortear trabalhos futuros e promover maiores debates, acerca do uso político do futebol pela ditadura e da circulação das memórias relativas a este triste momento da história nacional.

Por intermédio das contribuições de Victor Andrade de Melo e Maurício Drumond (2009), principalmente, pôde-se perceber que o campo futebolístico oferece múltiplas possibilidades de análise historiográfica. Vicissitudes acerca da relação futebol e política não se verificaram apenas durante os governos autoritários de Getúlio Vargas e do regime militar. É possível traçar outros paralelos e propor novos questionamentos, que são compreendidos por um recorte temporal extensivo até os dias atuais. É com este intuito, isto é, o de fomentar e promover tais debates, que decidimos, por fim, apresentar um último aspecto inerente à relação futebol e política abordada por Lúcio de Castro em Memórias do Chumbo – O Futebol nos Tempos do Condor / Brasil.

Já nos instantes finais do episódio, é exibido um trecho da entrevista do escritor Eduardo Galeano a Lúcio de Castro durante a estada do jornalista no país natal de Galeano, o

Uruguai. A entrevista, embora tenha sido realizada quase que em sua totalidade com o objetivo de embasar o conteúdo histórico e memorial exibido no episódio uruguaio de Memórias, foi conduzida, em um dado momento, de forma que o entrevistado pudesse contribuir também com aspectos relacionados ao futebol e à política no Brasil. Faz-se necessário, neste momento, a reprodução da fala de Galeano:

> O que é verdade e é uma prova da honestidade do Dr. João Havelange é que ele estava muito ocupado, muito ocupado cobrando subornos, dinheiro malfeito que comprava e vendia favores e partidas, tudo que agora está sendo revelado pela documentação que a FIFA está mostrando ao mundo da qual se desprende claramente que Havelange e seu genro Teixeira roubaram dinheiro a mala. Quantidades imensas e isso, implica muito trabalho, estavam muito ocupados, não podia ver as carnificinas militares, não podia ver a dor de tanta gente condenada a viver uma vida torta, condenada a mentir pra sobreviver. Não podia ver porque estava ocupadíssimo, com muito trabalho[203].

A exibição do depoimento de Eduardo Galeano no espaço reservado às conclusões finais desta pesquisa tem uma justificativa. Antes, porém, é preciso ressaltar que o escritor se refere a João Havelange enquanto este fora presidente da CBD, entre os anos de 1958 e 1975, portanto, durante o período mais duro da ditadura brasileira. Ao fazê-lo, o escritor sugere que o ex-presidente, por estar envolvido com esquemas ilegais de pagamento de propinas, que inclusive estão sendo revelados pela justiça da Suíça – país onde está localizada a sede da FIFA – em momento algum se mostrou preocupado com as arbitrariedades acometidas pelo regime, e muito menos cogitou estar. Galeano faz referência também a Ricardo Teixeira, que por alguns anos foi casado com a filha de João Havelange, fato que estabeleceu uma relação familiar entre ambos.

Percebe-se que ao recorrer a tal entrevista com Eduardo Galeano, devido fundamentalmente à sua identificação com a questão dos regimes militares na América do Sul, e seu gosto singular pelo futebol, Lúcio de Castro contempla duas perspectivas

---

[203] MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Brasil. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 51:18.

diferentes, mas ao mesmo tempo convergentes de análise. Retoma, em primeiro lugar, a questão da inter-relação entre futebol, política e ditadura através do envolvimento em ações ilícitas de um importante personagem ligado ao esporte, e que foi continuamente vigiado pelo regime militar. Ao mesmo tempo, expande o universo em torno das possibilidades criadas a partir da relação entre o campo futebolístico e a esfera política, uma vez que, questões ligadas às atribuições das entidades esportivas brasileiras estão sendo, cada vez mais, debatidas em níveis que vão desde puramente institucionais a propriamente políticos – como constatamos por meio dos depoimentos apresentados nesta pesquisa, de jornalistas da ESPN BRASIL no Senado Federal.

Dessa forma, concordamos que o cenário da atual sociedade e o da política nacional permitem que sejam instauradas novas perspectivas de análise do campo futebolístico no país. Espera-se, então, que através de enfoques que se constituam terrenos férteis para a produção do conhecimento histórico, a presente dissertação possa contribuir para o aprofundamento das abordagens sobre o futebol brasileiro, e as raízes que este mantém, desde muito tempo, com o círculo político. Antes, porém, reafirmamos, tal como afirma Eduardo Galeano, como contribuição para a recuperação, e acima de tudo, a preservação da memória histórica do Brasil, que "a recuperação da memória é imprescindível para a mudança da realidade, porque só relembrando, recordando o que aconteceu, é que seremos capazes de evitar que aconteça novamente. O nascimento de uma nova realidade significa o reconhecimento da realidade que existiu. Senão, ficamos condenados à repetição da história" [204].

[204] MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Uruguai. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 53:47

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALABARCES, Pablo. Fútbol y pátria: el fútbol y las narrativas de la nación en la Argentina. Buenos Aires: Prometeu Libros, 2008.

ANDRADE, Eduardo Gonçalves de. TOSTÃO. Lembranças, Opiniões, Reflexões Sobre Futebol. São Paulo: DBA, 1997.

ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. RODRIGUES, Nelson. O dilema do homem brasileiro: vira-latas ou moleque genial. In: _____. *Com brasileiro não há quem possa*: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: UNESP, 2004.

AZENHA, Luis. Carlos; RIBEIRO, Amaury, Jr; CIPOLONI, Leandro; CHASTINET, Tony: Lado Sujo do Futebol, subtítulo: A Trama de Propinas, Negociações e Traições que Abalou o Esporte Mais Popular do Mundo. Planeta, 2014.

BOURDIEU, Pierre Sobre a televisão; tradução Maria Lúcia Machado. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1997.

CARMO, Paulo Sérgio do, *Culturas da rebeldia*: a juventude em questão. São Paulo: Editora Senac, 2000.

CICERO, Antônio; FERRAS, Eucanaã. *Nova Antologia Poética*. Coleção Vinícius de Morais. 1a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, 320 p.

COUTO, Euclides de Freitas. *Da ditadura à ditadura*: uma história política do futebol brasileiro (1930 – 1978). Niterói: Editora da UFF, 2014.

COUTO, Ronaldo Costa. História indiscreta da ditadura e da abertura. Brasil: 1964-1985. Record, Rio de Janeiro, 1999.

DA MATTA, Roberto et. al. *O universo do futebol*: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DAMO, Arlei. "Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro". In: Movimento, Revista da Escola de Educação Física/UFRGS, Porto Alegre, v. 9, nº 2, mai/ago 2003, 129-56.

DRUMOND, Maurício. p. 233 In: DEL PRIORE, M. e MELO, V. A. DE (orgs.). História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais. São Paulo: Ed UNESP, 2009.

FERRO, Marc. O filme: uma contra-análise da sociedade? In GOFF, Jacques Le, NORA Pierre. (Orgs.) *História: novos objetos.* 3ªed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1988.

FICO, Carlos. Como eles agiam. Rio de Janeiro: Record, 2001.

FICO, Carlos. *Reinventando o otimismo*: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil. Rio de Janeiro: FGV, 1997.

FILHO, João Lyra, Cachimbo, Pijama e chinelos: memórias, São Paulo: Edaglit, 1963.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses*: futebol, cultura, sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

FREEMAN, Michael, ESPN, An Uncensored Story, New York, Oxford, Rowman & Littlefield, 2001.

GALEANO, Eduardo. As Veias Abertas da América Latina. Porto Alegre: L&PM , 2010.

GALEANO, Eduardo. Futebol ao sol e a sombra. 1ª ed. Porto Alegre: L & PM, 1995.

GASTALDO, Edison Luis. GUEDES, Simoni Lahud (org) – Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional. Niterói: Intertexto, 2006.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Lima Salgado; MACHADO, Hilda. Introdução. In: SILVA, Luiz Carlos Teixeira da (org). *História e imagem*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

GUTERMAN, Marcos. O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo, Contexto, 2009.

HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. 2 ed. São Paulo: Ed Centauro, 2009.

HOLLANDA, Francisco Buarque, Apesar de você - Compacto, Philips Records, 1970.

HUYSSEN, Andreas. Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

LEAL FILHO, Laurindo. Atrás das Câmeras – Relações entre Cultura Estado e Televisão, São Paulo, Summus, 1988.

LINHALES, Meily Assbú. *A trajetória política do esporte no Brasil*: interesses envolvidos, setores excluídos. 1996. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1996.

LUCA, Tânia Regina. *A história dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes Históricas.São Paulo: Contexto, 2005.

MAIA, Maria Manuela Alves. Reflexões sobre o caso Para-Sar e a lei de Anistia. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, julho 2011.

MARTINS, Miguel Gustavo Werneck de Souza. Pra Frente Brasil, Hino da Copa de 1970. Coral de Joab. Rio de Janeiro: Gravadora Copacabana. 1970. Compacto simples.

MELO, Victor Andrade de, ALVITO, Marcos. *Futebol por todo o mundo: diálogos com o cinema*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2006.

MELO, Victor Andrade de. *Cinema e esporte: diálogos*. Rio de Janeiro: Aeroplano: 2006.

MELO, Victor Andrade de. DRUMOND, Maurício. (org.) Esporte e cinema: novos olhares. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009.

MURAD, Mauricio. Futebol e cinema no Brasil: um enredo, Revista de História, São Paulo, n. 163, p. 191-206, jul/dez. 2010.

NAPOLITANO, M. *Fontes audiovisuais*: a história depois do papel. p. 237. In: PINSKY, C. B. (org). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

NAPOLITANO, Marcos. A MPB sob suspeita: a censura musical vista pela ótica dos serviços de vigilância política (1968 – 1981). In: *Revista Brasileira de História,* São Paulo, ANPUH, v. 24, n. 47, jul., 2004.

NICHOLS, Bill. Introdução ao documentário. 4. Ed. Campinas: Papirus 2009.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: Projeto História. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dezembro de 1993.

PEDROSA, Milton. (org) Na Bôca do Túnel: Livraria Editora Gol, 1968.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989, p. 3-15.

REIS FILHO, D. A. *A revolução faltou ao encontro*: os comunistas no Brasil. São Paulo, Brasília: Brasiliense, CNPq, 1990.

REIS FILHO, Daniel Aarão. Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

RODRIGUES, Nelson. À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol/ Nelson Rodrigues; seleção e notas Ruy Castro. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

RÜSEN, Jörn. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história, 2009 p.163-209.

SILVA, Eliazar João da. *A seleção brasileira de futebol nos jogos da Copa do Mundo entre 1930 e 1958*: o esporte como um dos símbolos da identidade nacional. 2004. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2004.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Castelo a Tancredo, 1964 – 1985.* 2ªed. Tradução de Mário Salviano Silva. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SOARES, Gláucio Ary Dillon. *A Democracia Interrompida*. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

TINHORÃO, José Ramos. *Música Popular – Um tema em debate*. 3ªed. São Paulo: ed. 34, 1997.

TOLEDO, Luiz Henrique de. (2004). "Pelé: os mil corpos de um rei". In: J. Garganta, J. Oliveira, M. Murad. (orgs.), Futebol de muitas cores e sabores: reflexões em torno do desporto mais popular do mundo. Cidade do Porto: Universidade do Porto/Campo das Letras: 2004: 147-168.

TOMAIM, C. S. O Documentário como Chave para nossa Memória Afetiva. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, 2009.

WISNIK, José Miguel. Veneno remédio: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

MEIO ELETRÔNICO

AZEREDO, Ely. Brasil Bom de Bola. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, Caderno B, 19 de janeiro de 1971. Disponível em: www.canal100.com.br.

CASTRO, Lúcio de. Memórias do chumbo – da ESPN analisa rumos do jornalismo esportivo na TV e muito além dela em entrevista exclusiva ao TV Esporte Blog. São Paulo, março de 2015. Disponível em: https://esportes.yahoo.com/blogs/tv-esporte/lucio-de-castro-da-espn-analisa-rumos-do-030506838.html.

CASTRO, Lúcio de. Logo agora maestro Galeano? ESPN, São Paulo, abril de 2015. Disponível em: http://espn.uol.com.br/post/500908_logo-agora-maestro-galeano.

CASTRO, Lúcio de. Leia na íntegra a fala de Lúcio Castro na Comissão de Esporte da Câmara dos Deputados. ESPN, São Paulo, maio de 2014. Disponível em: 26 - http://espn.uol.com.br/noticia/412350_leia-na-integra-a-fala-de-lucio-de-castro-na-comissao-do-esporte-da-camara-dos-deputados.

CASTRO, Lúcio de. Memórias do chumbo – O futebol nos tempos do condor – Chamadas: Argentina, Chile, Uruguai e Brasil. ESPN, São Paulo, novembro de 2012. Disponível em:

http://espn.uol.com.br/post/294413_memorias-do-chumbo-o-futebol-nos-tempos-do-condor-chamadas-argentina-chile-uruguai-e-brasil.

ESPN – "Dossiê Vôlei" ganha prêmio Embratel de melhor reportagem esportiva de 2014. ESPN.com.br: 27 nov. 2014. Disponível em: http://espn.uol.com.br/noticia/463105_dossie-volei-ganha-premio-embratel-de-melhor-reportagem-esportiva-de-2014.

ESPN – DOSSIÊ VÔLEI: Processos mostram privilégios em negócios com empresas de ex-dirigentes da CBV. Lúcio de Castro. ESPN.com.br: 24 fev. 2014. Disponível em: http://espn.uol.com.br/noticia/391752_dossie-volei-processos-mostram-privilegios-em-negocios-com-empresas-de-ex-dirigentes-da-cbv.

ESPN – Operação na Suíça prende José Maria Marin mais seis executivos da Fifa. ESPN.com.br: 27 maio 2015. Disponível em: http://espn.uol.com.br/noticia/513232_operacao-na-suica-prende-jose-maria-marin-e-mais-seis-executivos-da-fifa.

FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. Revista Brasileira de História, vol. 24, n. 47, São Paulo, 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882004000100003.

HUNTER, Mark Lee. A investigação a partir de histórias. Um manual para jornalistas investigativos. UNESCO [1992?]. Disponível em: http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002264/226456POR.pdf.

KFOURI, Juca, RANGEL, Sérgio, CHADE Jamil, CRUZ, Jose. CPI do Futebol ouve os jornalistas Juca Kfouri, Sérgio Rangel, Jamil Chade e José Cruz. Brasília, Rádio Senado, agosto de 2015. Disponível em: http://www12.senado.gov.br/radio/search?SearchableText=juca+kfouri.

LEAL FILHO, Laurindo. Quarenta anos depois, a tv brasileira ainda guarda as marcas da ditadura. Revista USP, São Paulo, n. 61, março/maio 2004, p. 40-47. Disponível em: http://www.usp.br/revistausp/61/04-laurindo.pdf.

MINISTÉRIO DA CULTURA: http://www.cinemateca.gov.br.

RIO PREFEITURA – EDUCAÇÃO – MULTRIO. Disponível em: http://www.multirio.rj.gov.br/portal/images/PDFs/biografia-vinicius%20de%20moraes.pdf.

SENADO FEDERAL. CPI do Futebol ouve os jornalistas Juca Kfouri, Sérgio Rangel, Jamil Chade e José Cruz. Rádio Agência Senado: 18 ago. 2015. Disponível em: http://www12.senado.gov.br/radio/1/comissoes/cpi-do-futebol/cpi-do-futebol-ouve-os-jornalistas-juca-kfouri-sergio-rangel-jamil-chade-e-jose-cruz.

YOU TUBE BR – Depoimento do jornalista Juca Kfouri na CPI do Futebol. Postado por: Romário de Souza Faria. Licença padrão YouTube: 18 ago. 2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=sFA2XrsO1dQ.

DOCUMENTÁRIOS

DEMOCRACIA em preto e branco: futebol, política e rock n' roll. Produção de Pedro Asbeg. Brasil: TvZer; Miração Filmes; ESPN BRASIL, 2014, 90:00.

MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Chile. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 48:31.

MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Uruguai. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 53:47.

MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Argentina. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 52:50

MEMÓRIAS do chumbo – o futebol nos tempos do condor / Brasil. Produção de Lúcio de Castro. Brasil: Espn Brasil, 2012, 51:18.

PERIÓDICOS

JORNAL DOS SPORTS, 20 mar. 1970, p.6.

JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO, 16 jul. 1995, p.4-6.

JORNAL DO BRASIL, 28, dez. 1976 – Coluna de João Saldanha, 1º caderno, p. 28.

JORNAL DO BRASIL, 24 abril 1983 – Coluna de João Saldanha, Caderno de Esportes, p. 4.

O ESTADO DE SÃO PAULO, 24 jun. 1970, p. 16.

O ESTADO DE SÃO PAULO, 17 mai. 1961.

REVISTA MANCHETE, 31 de março de 1958 e republicado em À sombra das chuteiras imortais - crônicas de futebol - organização de Ruy Castro para a Cia. das Letras, São Paulo, 1993.

REVISTA MANHCETE, 13 ago. 1966, p. 13a.

REVISTA PLACAR, 20 mar. 1970, número 1, p.8.

ÚLTIMA HORA, 3 mar. 1970, p.10.

ÚLTIMA HORA, 19 mar. 1970, p.11.

ÚLTIMA HORA, 19 mar. 1970, p.10.

ÚLTIMA HORA, 18 abr. 1970, p.10.

ÚLTIMA HORA, 3 mar. 1970, p. 12.